



UFRJ

SUETÔNIO REVELADO: O TEXTO NARRATIVO BIOGRÁFICO E A
CULTURA POLÍTICA EM “AS VIDAS DOS DOZE CÉSARES”

Aldo Eustáquio Assir Sobral

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas (Culturas da Antiguidade Clássica), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Letras Clássicas (Culturas da Antiguidade Clássica)

Orientador: Professor Doutor Carlos Antônio Kalil Tannus

Rio de Janeiro
Abril de 2007

Sobral, Aldo Eustáquio Assir.

Suetônio revelado: o texto narrativo biográfico e a cultura política em “As Vidas dos Doze Césares” / Sobral

Aldo Eustáquio Assir. Rio de Janeiro, 2007.

xi, 260 f.: il.

Tese (Doutorado em Letras Clássicas) –

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2007.

Orientador: Prof. Doutor Carlos Antônio Kalil Tannus

1. Império Romano. 2. Historiografia Romana.

3. Língua e Literatura Latina. – Teses.

I. Tannus, Carlos Antônio Kalil (Orient.). II.

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras. III. Título.

SUETÔNIO REVELADO: O TEXTO NARRATIVO BIOGRÁFICO E A CULTURA
POLÍTICA EM “AS VIDAS DOS DOZE CÉSARES”

Aldo Eustáquio Assir Sobral

Orientador: Professor Doutor Carlos Antônio Kalil Tannus

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a
obtenção do título de Doutor em Letras Clássicas.

Aprovada por:

Presidente, Professor Doutor Carlos Antônio Kalil Tannus, UFRJ

Professora Doutora Alice da Silva Cunha, PPGLC – UFRJ

Professora Doutora Vanda Santos Falseth, PPGLC – UFRJ

Professor Doutor Miguel Barbosa do Rosário, UNESA

Professora Doutora Vera Lúcia Montenegro Vieira, UNIVERCIDADE

Rio de Janeiro
Abril de 2007

SUETÔNIO REVELADO: O TEXTO NARRATIVO BIOGRÁFICO E A CULTURA POLÍTICA EM “AS VIDAS DOS DOZE CÉSARES”

Aldo Eustáquio Assir Sobral

Orientador: Prof. Doutor Carlos Antônio Kalil Tannus

Resumo da Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas (Culturas da Antiguidade Clássica), da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Letras Clássicas (Culturas da Antiguidade Clássica).

Esta Tese compreende uma análise da obra *As Vidas dos Doze Césares*, de Caius Tranquillus Suetonius, sob a ótica da cultura política no regime autocrata dos imperadores romanos, tendo como objetivo específico a narrativa da morte dos imperadores Tibério, Calígula, Nero, Galba, Vitélio e Domiciano.

Palavras-chaves: Suetônio; A Vida dos Doze Césares; Cultura Política e Poder; Biografia Imperial.

Rio de Janeiro
Abril de 2007

SUETÔNIO REVELADO: O TEXTO NARRATIVO BIOGRÁFICO E A CULTURA POLÍTICA EM “AS VIDAS DOS DOZE CÉSARES”

Aldo Eustáquio Assir Sobral

Orientador: Prof. Doutor Carlos Antônio Kalil Tannus

Resumè da Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas (Culturas da Antigüidade Clássica), da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Letras Clássicas (Culturas da Antigüidade Clássica).

Cette thèse comprend une analyse de l'oeuvre *Les Vies des Douze Césars* de Caius Tranquillus Suetonius sous l'optique de la culture politique du régime autocrate des empereurs romains ayant pour but la narrative de la mort des empereurs Tibère, Caligula, Nèron, Galba, Vitellius et Domitien.

Mots - Clés: Suétone; Vie des Douze Césars; La Culture Politique e et le Pouvoir; La Biographie Impériale.

Rio de Janeiro
Abril de 2007

Agradecimentos especiais

Embora este espaço não comporte a medida dos meus agradecimentos especiais, pelo fato de que estes são eternos, registro aqui o nome de dois excelentes profissionais e guardiães da cultura clássica greco-romana. Meu orientador, Professor Doutor Carlos Antônio Kalil Tannus, a quem agradeço toda a assistência acadêmica, através da orientação segura e competente, advinda de sua grande erudição clássica – e ao professor Doutor Henrique Fortuna Cairus, cujo profissionalismo, apoio e presença intelectual foram de inestimável valor para a conclusão deste trabalho.

À professora Helena Mollo que me acompanhou na pesquisa com grande interesse e visão crítica; sua colaboração foi decisiva para o desenvolvimento da minha pesquisa.

Aos colegas do Departamento de Letras do ICHS – UFOP pelo incentivo e pela compreensão das minhas ausências a compromissos de ordem técnico administrativa.

Aos meus alunos de língua grega e língua latina dos cursos de Letras e História do ICHS – Mariana.

A todos os amigos funcionários do ICHS, pelo incentivo e apoio.

Homenagem especial

Dedico este trabalho à querida mamãe,
amiga e companheira de todos os tempos!

A querida Hilda (Boneca) pela
dedicação, pela atenção e disponibilidade.

SÚMARIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. SUETÔNIO E O GÊNERO BIOGRÁFICO NA ANTIGUIDADE GRECO-ROMANA	18
3. OS CRÍTICOS DE “AS VIDAS” DE SUETÔNIO	25
4. SUETÔNIO E OS DOZE CÉSARES – A ORIGINALIDADE DA NARRATIVA BIOGRÁFICA	30
5. SUETÔNIO E O AUTOCRATISMO	38
6. A NARRATIVA DA MORTE DOS DOZE CÉSARES	49
6.1. A MORTE DE TIBÉRIO	58
6.2. A MORTE DE CALÍGULA	67
6.3. A MORTE DE NERO	73
6.4. A MORTE DE GALBA	81
6.5. A MORTE DE VITÉLIO	90
6.6. A MORTE DE DOMICIANO	100
7. CONCLUSÃO	107
8. BIBLIOGRAFIA	112

1. INTRODUÇÃO

Caius Suetonius Tranquillus nasceu por volta dos anos 69/70 e morreu entre os anos 140/150; estudioso de retórica e advogado, foi sobretudo um erudito, e professor de gramática.

A proteção de Plínio Ihe valeu a abertura para o caminho das letras, e, por recomendação deste, obteve do imperador Trajano o “ius trium liberorum” e o tribunado militar. À época de Adriano desempenhou o cargo de “magister epistularum” (secretário particular) mas tendo entrado na intimidade da Corte, logo caiu em desgraça por ter atraído as atenções da imperatriz Sabina.

De sua produção literária apenas uma parte chegou até nós, mas sua obra prima “DE VITA CAESARUM”, objeto do nosso trabalho, foi conservada quase que por inteiro, faltando apenas o começo da vida de Caio Júlio César.

A produção crítico-bibliográfica disponível sobre a vida e obra de Suetônio não nos permite afirmar qual teria sido, exatamente, o envolvimento político do autor frente aos fatos que tenha vivenciado como participante do governo imperial.

Muitas questões são colocadas pelos críticos em razão da origem humilde do autor (fundamentados em Plínio, o qual faz alusões à sua modesta situação financeira). Dentre tais questões, podemos citar aquela que diz respeito à sua proximidade com Plínio e a influência que este tenha exercido sobre o biógrafo, e, ainda, a atuação intelectual, e, obviamente social aristocrática, como membro do círculo deste erudito.

O que se constata historicamente é que Suetônio elaborou as “Vidas do Doze Césares” a partir das fontes retiradas do meio palaciano – ali ele buscou e registrou o conjunto de acontecimentos do Império, os quais passa a descrever minuciosa e detalhadamente. Quanto a este tema, convém registrar, aqui, a influência desta sociedade aristocrática sobre o trabalho biográfico de Suetônio. Como ponto de partida, é preciso situar as coincidências entre Tácito,

também historiador, além de cônsul, e, de certa forma, biógrafo, como Suetônio, cuja origem está na ordem dos cavaleiros.

Apesar de a crítica ter construído um abismo entre a produção historiográfico-literária de Tácito e a de Suetônio, os dois autores possuem em comum algumas idéias em relação aos imperadores e ao senado romano. Isto se explica pelo fato de que ambos (conquanto não haja registro historiográfico sobre um relacionamento intelectual entre eles) conviveram por algum tempo na mesma sociedade e participaram do mesmo círculo literário intelectual comandado por Plínio.

Em relação às fontes, esboçaremos um pequeno histórico com o objetivo de localizar Suetônio no contexto de sua obra “As Vidas”, nosso interesse precípua. Ao descobrir o “filão” da volumosa fonte documental, como secretário ab epistulis latinis, e, nesta condição, fazia parte do concilium principis (o que lhe proporcionava influência administrativa e política em primeira mão), responsável pela correspondência latina do império, Suetônio busca o conjunto de informações destas fontes e irá transcrever nas biografias parte significativa destas mesmas fontes, como estas referências que registraremos a seguir:

Na biografia de Augusto:

- **mencionam os atos do senado** que Caio Letório...
- **refere Cordo Cremúcio** que nenhum senador era, então ...
- **para selar seus diplomas, editos e cartas, servia-se primeiramente de uma esfinge; depois, de uma imagem de Alexandre o Grande; finalmente, da sua própria efígie gravada por Discórido. Foi com este último sinete que os príncipes subseqüentes continuaram a selar as cartas.**

- mais do que tudo **notei no seu modo de escrever** o seguinte...

Na biografia de Tibério:

- em numerosas **cartas** ele o encara como guerreiro...

Na biografia de Calígula:

- quanto a mim, **descubro nas atas**, que ele viu a luz no Âncio...
- **pois os que nos transmitiram** a história de Augusto...

Na biografia de Cláudio:

- **peças antigas me contaram...**

Em sentido geral, o biógrafo irá elaborar uma seleção e promover uma crítica dos fatos históricos mais relevantes e decisivos para realizar a composição de “As Vidas”. A partir desta realidade, a opção política de Suetônio certamente tomará novo rumo. Percebe-se que antes da configuração geral de “As Vidas” que o autor não poderia compor corrente política de cem anos atrás, em que o ideal assentava-se numa constituição múltipla, ou seja, uma mistura de monarquia, de aristocracia e democracia, pois a biografia dos Césares não se enquadra em nenhuma destas opções.

A obra deve ser considerada como o amadurecimento político do autor, que, ao fazer a histórica avaliação política do império, representado pelas duas casas mais significativas (Júlio-Claudiana e Flávia) pendeu muito mais para a democracia e pela liberdade do que pela monarquia ou pela aristocracia, talvez ainda em razão de seu espírito de “eques romanus” oposto a esta última. A formação complexa de Suetônio, dividido entre a origem equestre, a proximidade com o Senado e a presença nos círculos aristocráticos, por força do interesse literário, não lhe facultaram a total liberdade de se definir por uma opção política clara. Mas, ressalte-se, aqui, o fato de não haver nenhum indício de adesão (restrita ou irrestrita) a qualquer tipo de regime totalitário na sua biografia.

O caminho de retorno ao passado para análise de uma obra não se reconstrói como deveria ser reconstruído: integralmente, mas buscando aos poucos os fragmentos que foram restando pelo percurso histórico.

A grande dificuldade deste rebuscar é encontrar as fontes verossímeis e/ou fidedignas com as quais se deve operar para obter a verdade científica.

A leitura de um texto histórico da Antigüidade Clássica deve ser feita com muito cuidado, visto que o tempo que separa a obra antiga dos nossos dias requer um olhar que saiba ler o passado sem o julgamento do presente.

Pretendemos, no presente texto, voltar à Roma dos Césares com o principal objetivo de “re/ler” Gaius Suetonius Tranquillus, que consideramos foco de análise um tanto preconceituosa por parte de alguns críticos.

Na obra “As Vidas dos Doze Césares”, percebe-se não uma biografia isolada ou a história de um cidadão-imperador, mas um universo de acontecimentos relativos a doze governantes, que transformaram a vida dos povos envolvidos, no período que circunscribe a ascensão de César ao poder até a queda de Domiciano.

Roma viveu momentos políticos tensos e conviveu com líderes interpretados pela crítica como donos de um caráter impulsivo e dominador, e radicalmente impelidos para um regime que se identifica, hoje, como absolutista. Tal característica se deve ao exercício do poder público autocrata e se desdobra pela vida privada do grupo de doze príncipes que, segundo seus críticos, deveriam ser os dignos representantes da ética e da sobriedade, e que, no entanto tiveram suas vidas marcadas pelo incessante aviltamento da sobriedade.

O conjunto da citada obra biográfica “As Vidas dos Doze Césares”, de Suetônio, que, em princípio, parece seguir com certo rigor um dos modelos tradicionais do gênero biográfico – para uns o alexandrino, para outros o peripatético – sofre, ao longo da narrativa, uma transformação tão surpreendente que, de certa forma, causa perplexidade pela nova maneira de fazer biografia e pela independência da narrativa histórica, aplicando a esta um enfoque próprio, pessoal.

Hablando a grandes rasgos, se puede considerar que en la obra de Suetonio se há producido una translación de los métodos de la biografia literaria alejandrina a la

peripatética, interesada en personajes del mundo político, dando lugar al género nuevo que vienen a constituir las biografías de los césares. (VALLS, s/d, p. 41)

Daí resulta, para os críticos, uma certa dificuldade em caracterizar a obra como biográfica ou em classificá-la como historiográfica no sentido pleno destas duas noções à época de Suetônio. Assim, as biografias imperiais sofrerão, por parte de alguns estudiosos, certas restrições e juízos negativos tão marcantes que Suetônio não ocupará lugar de destaque em nenhuma das áreas acima relacionadas.

Uma análise da avaliação de Funaioli poderá nos dar uma visão do que pensam alguns críticos sobre as biografias imperiais de Suetônio.

Le sue biografie sono una raccolta di particolarità svariate senza un quadro nettamente delineato o una figura viva: l'opera d'un letterato vissuto un può fuori del mondo, non una personalità forte che abbia vigore di stile e afferi. (FUNAIOLI, 1949, p. 28)

Na verdade, aqui, Funaioli não considera a obra mencionada como um compromisso, resultado de uma pesquisa com valores sociais, éticos e historiográficos, mas apenas como um apanhado de fatos detectados aqui e ali, esparsos, talvez até mesmo desorganizados, sem clareza, sem vivacidade literária.

E não só Funaioli, mas também outros analistas da obra terão sempre uma posição negativa pela qual Suetônio teria sido infeliz na sua intenção de historiador ou escritor – reservam a ele apenas o direito de, com muitos questionamentos, ser um biógrafo excêntrico. Esta avaliação, talvez, decorra do fato de que a acentuada presença de Tácito, como exímio escritor e historiador, terá limitado a ação de Suetônio, preterido, diante do reconhecimento da grandeza daquele autor clássico.

Paratore referindo-se à biografia dos Doze Césares assim se expressa:

Também nas biografias dos imperadores, Suetônio abstém-se de um juízo preciso, de natureza histórica e política; do amontoado quase indiscriminado das particularidades boas e más, é difícil, muitas vezes, deduzir também seu juízo de ordem moral que, contudo, segundo a tradição helenística era para ele mais importante. (PARATORE, 1983, p.775)

Nestes dizeres, o autor cobra de Suetônio um posicionamento claro sobre o enredo/conteúdo da narrativa; mas haveria critérios para se estabelecer um “juízo preciso de natureza histórica e política” diante da ostensiva realidade, que foi a irracionalidade da maioria dos príncipes biografados? Um amontoado pressupõe algo amorfo, e, portanto, sem densidade qualitativa, sem alcance de adotar critérios de seleção entre particularidades boas e más – presume-se que quem seleciona, organiza.

O aspecto “juízo de ordem moral” que Paratore apresenta como praticamente nulo em Suetônio (a não ser que se considere a tradição helenística) é muito mais uma exigência formal do que uma propriedade intrínseca a um texto literário tão transparente como se revela o autor em as “Vidas”.

Valls, utilizando os significativos e poderosos vocábulos “mientras” e “principalmente” reduz a importância de as “Vidas” para depois amenizar o tom e tentar valorizar a obra como se fosse uma compensação por tê-la depreciado.

Tenemos, además, la suerte de que, mientras las “Vidas de los XII Césares” se interesen principalmente por la anécdota personal y el dato preciso – con preocupación aparentemente escasa por la moral y nula por los ideales políticos –, los sucesos de la misma época son historiados por Tácito desde una perspectiva comunitaria e ideológica, lo cual proporciona la posibilidad de un siempre útil e interesante cotejo entre los escritos de ambos. Lo que en ningún caso se puede negar a la producción suetoniana es su valor de inestimable testimonio de un determinado momento en la evolución cultural del mundo antiguo. (VALLS, s/d, p. 47)

Os dois textos (Paratore / Valls) são convergentes – para ambos, as biografias imperiais não possuem austeridade ética na narrativa, forjada para a composição “oficial” de uma obra perfeita. Assim, ressaltam ambos que a essência das citadas biografias de Suetônio tende a constituir-se em um “humor torto e fútil”.

E retomando Valls: “los sucesos de la misma época son historiados por Tácito desde una perspectiva comunitaria e ideológica, lo cual proporciona la posibilidad de un siempre útil e interesante cotejo entre los escritos de ambos”. Concluindo: “lo que em ningún caso se

puede negar a la producción suetoniana es su valor de inestimable testimonio de un determinado momento de la evolución cultural del mundo antiguo”.

Ainda que pensemos em “anedota” como realmente a etimologia helênica define “o não dito” “o novo” “a notícia em primeira mão”, e não como um fato puramente jocoso e banal, é impossível não perceber uma espécie de reprimenda quando o autor declara que em “As Vidas” não há preocupação com a moral, tampouco com os ideais políticos, sobrepondo em seguida a personalidade racional e criativa de Tácito à personalidade tacanha, quase mesquinha de Suetônio. Mas como força compensatória, Valls acaba reconhecendo o valor documental da obra.

Na “Introduzione da Vite dei Cesari”, depois de manifestar-se sobre o valor da obra literária e apreciar as fontes de que Suetônio dispunha, além de expressar-se sobre a importância da biografia – “i Cesari occupano una posizione privilegiata perchè pululano di una miriade di notizie le più disparate”, Lanciotti, crítico severo de “As Vidas”, resume seu texto com uma finalização tendenciosa, irônica, liberando o leitor para que se sinta o verdadeiro juiz da obra.

Credo, comunque, che il lettore, al quale spetta naturalmente l'ultima parola, abbia ormai una guida sufficiente allá valutazione del testo; purché egli non resti invischiato nelle pastoie di vecchi pregiudizi ormai largamente superati e non ceda del pari allá tentazione di scoprire a tutti i costi in Suetonio il “grande” artista che egli probabilmente non è stato. (LANCIOTTI, 1992, p. 114)

O que pode soar estranho é o fato de que os críticos não queiram aceitar a transformação que Suetônio opera, ou ainda, a perplexidade que se estabelece em contraponto a Tácito, pela irreverência e pela espontaneidade vocabular daquele nas biografias, que nada têm de conteúdo ornamentado, de qualidades, elogios, bajulações e outras tantas explorações de imagem que caracterizam as biografias de um período imediatamente anterior. Conte (1994), historiador italiano, como resultado de suas pesquisas, dá a sua opinião sobre Vidas, integrando assim a maioria dos críticos que não aceitam a obra de Suetônio como destaque,

porque existe Tácito que o obscurece e que a maioria define como incomparável na historiografia romana da época de Augusto.

In questo modo “le Vite” vengono a rappresentare un tipo di storiografia minore (rispetto a quella tacitiana che risponde ai canoni della cultura storiografica aristocratica) che attende alle fonti più varie: dai documenti di archivio alla libelastica satirica alla storiografia di tradizione anticesarea.

Todos esses comentários críticos, de caráter negativo, para a obra suetoniana, não alcançaram, contudo, uma reprovação definitiva, em relação à referida obra e também, nem todos os críticos do século XIX, estudiosos do biógrafo, chegaram à imparcialidade, tendo alguns deles avaliado superficialmente o conjunto da obra, fixando-se em princípios de caráter moralista.

Certamente, ao compor sua obra, Suetônio se terá inspirado, pelo menos em linhas gerais, nos historiadores e biógrafos anteriores a ele, tais como Varrão e Cornélio Nepos. Mas há de assinalar-se que a característica marcante do estilo suetoniano será a independência da criação – haverá aqui um rompimento com a mentalidade erudita vigente, e assim ele opta por um caminho mais próximo das aspirações populares, embalado pela curiosidade típica de conhecer a intimidade palaciana. A força dessa ruptura concentra-se no fato de que Suetônio abandona o esquema analítico que o precede e assim inaugura a biografia como uma nova forma historiográfica; portanto, organiza seu texto não apenas com as fontes historiográficas, (Cícero, César, Polião, Plínio o Velho, etc) mas também com a documentação oficial do império como “acta senatus” escritos (cartas e testamentos imperiais) coleta de prodígios, genealogia e algumas inscrições romanas.

Na direção de uma revisão histórica de “Vidas” cujo alvo é a vida pública e particular dos doze imperadores da dinastia a que Gibbon chama de “siècle de fer”, em oposição a “l’âge d’or” de “Trajan et des Antonins”, buscaremos a intenção política de Suetônio ao longo das narrativas para tentar demonstrar, através da análise específica da morte dos imperadores Tibério, Calígula, Nero, Galba, Vitélio e Domiciano, que Suetônio age como verdadeiro juiz

dos Doze, e que sua obra é realmente digna de atenção, sobretudo pelo caráter inovador e revolucionário que imprime às biografias sob o ponto de vista político. O compromisso de elaborar uma investigação mais científica desta realidade histórica dos doze imperadores em questão encontra-se no fato de que estes gozaram de um poder absoluto e vertiginoso, no período em que Ronald Syme chamou de Revolução Romana.

Martin (1991), analista dos “Doze Césares”, assim conceitua tal poder: “l’énormité de ce pouvoir personnel explique qu’il ait agit comme un révélateur des pulsions de ces hommes”. (p. 45) Era talvez um poder tão assombroso que o próprio Tibério tenta justificar sua hesitação em assumir o império, embora não se possa excluir a possibilidade de que essa hesitação seja apenas um ato dissimulado, característica específica daquele príncipe. Eis o registro suetoniano na biografia de Tibério: “Cunctandi causa erat metus undique imminentium discriminum, ut saepe ‘lupum se auribus tenere’ diceret”¹.

A inauguração do principado, com César, que obtém o título de ditador, irá criar as condições favoráveis para a instalação do poder pessoal, concentrado no reinado de cinco imperadores da casa Júlio-Claudiana – Otávio Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio e Nero - mais três imperadores que governaram por breve tempo, nos dezoito meses da guerra civil – Galba, Óton e Vitélio – e finalmente os imperadores Flávios – Vespasiano e seus dois filhos Tito e Domiciano.

¹ a causa de sua hesitação residia no fato de temer iminentes perigos que o ameaçavam de todos os lados, e que o levava a dizer “que estava entre a espada e a parede”. (p. 106)

2. SUETÔNIO E O GÊNERO BIOGRÁFICO NA ANTIGUIDADE GRECO-ROMANA

Feitas essas ponderações, pensamos que, antes de serem emitidas quaisquer opiniões que possam desqualificar o autor, movidas por sentimentos pessoais ou preconceituosos é preciso rever algumas questões fundamentais da sua obra:

- o caráter inovador do texto biográfico, que com Suetônio adquire uma metodologia específica em relação ao que se produziu até então no gênero, abandonando o esquema, a rígida linha de ação voltada para um “curriculum” de celebridades, adotando, em contrapartida, uma variedade de ações públicas e privadas dos biografados;

- a técnica ousada e irreverente do texto, assinalada pela liberdade na exposição das crônicas sem fidelidade irrestrita às fontes embora utilizando-as;

- a mutabilidade distributiva de valores éticos, morais, políticos e sociais – atuando como ponteiros do grau de intensidade dos vícios e das virtudes dos imperadores;

- a exclusividade dos textos dramático-trágicos sobre quaisquer manifestações líricas;

- a qualidade da pesquisa histórica que proporciona ao leitor uma macrovisão da cultura romana e de suas bases políticas, sociais, étnicas e religiosas;

- e o embrião de uma proposta política mais próxima de um regime democrático, pelo prestígio conferido à concordia ordinum.

A Grécia, por sua localização geográfica privilegiada por rota comercial e porta de entrada para o Ocidente, aos poucos reuniu quase todo o conhecimento científico que se alcançou na Antiguidade, abrangendo desde os ritos iniciais da convivência humana até o auge da cultura e da civilização que se difundiu pelo mundo inteiro – com destaque para a filosofia, a retórica e as artes em geral. Ali nasceram e se concentraram quase todas as ações da sabedoria humana e da criação artístico-literária, agrupadas em três grandes classificações de gênero: épico, dramático e lírico.

O gênero biográfico também começa na Grécia e irá constituir-se em mais uma forma de revelar a experiência humana através da história de uma vida. Sobre este tema temos o seguinte histórico de Cizek (1977) em “sur le sol si fertile en productions littéraires de la Grèce, la biographie avait découvert un terrain de choix”. (p. 26)

O quadro sistemático que se pode obter com uma visão geral sobre o desenvolvimento do gênero biográfico apresenta:

- o encômio – primitivamente, uma forma de um canto triunfal e posteriormente objeto de interesse da retórica epidítica, transformado em esquema com diversas variações para a composição do elogio e do vitupério, que mais adiante serviriam de base para a elaboração das biografias.

- a biografia peripatética, cultivada por filósofos, sob a influência de Aristóteles – seu interesse precípua está voltado para o estudo do caráter e da personalidade, pendendo para um estilo objetivo, mais rebuscado que o encômio. Em sua redação, encontram-se elementos positivos e negativos do biografado.

- a escola alexandrina, cultivada por filólogos, contemplava a descrição das vidas de poetas, filósofos, oradores e escritores em geral; seu objetivo maior era organizar, selecionar e sistematizar, sob o ponto de vista da autenticidade, dados informações e testemunhos.

Cizek (idem) denomina a escola peripatética, à época helenística, de “plus artistique”, e a escola alexandrina “plus exacte”.

Considerando ainda a época helenística, nota-se que os estudos sobre o gênero biográfico se apresentam com certa variedade, assim é que, com Suetônio, não há efetivamente um modelo rigoroso conforme já notamos anteriormente, pois nem mesmo a escola alexandrina se pautava sobre regras fixas e imutáveis, conforme nos explica Cizek (idem): “Suétone n’avait aucune raison d’imiter les biographes de la direction alexandrine, assez flottants eux-mêmes, ni surtout quelqu’un, dont, au surplus, on n’a conservé aucun

ouvrage” e Ailloud (1996, p. 27), após levantar questões relativas à origem do gênero biográfico, enfatizando as duas correntes já citadas – alexandrina e peripatética – conclui: “L’existence d’un courant alexandrin aboutissant à Suétone reste donc invérifiable, faute de documents positifs. Il en est de même pour le courant peripatécien que M. Leo prétend suivre depuis Aristote jusqu’à Plutarque”.

Quanto a Plutarco, biógrafo contemporâneo de Suetônio e autor de “Vidas Paralelas”, observa-se que não há evidências de que os dois escritores tenham mantido contatos pessoais ou que um tenha influenciado o outro em relação à construção do gênero biográfico. Rojo (2000, p. 22) atribui a Suetônio a classificação que “combina en la vida de los imperadores o cronológico o summatim con lo sistemático o singillatim o desarrollo per species”, e em relação a Plutarco a autora diz que este “prefiere para sus paralelismos el orden cronológico”.

Muitos estudos com algumas conclusões foram levantados para tentar elucidar as questões envolvendo o gênero biográfico, principalmente entre Plutarco/Suetônio e Suetônio/Tácito. O resultado destas especulações são as diversas hipóteses cujo objetivo era compreender o pensamento destes historiadores/ biógrafos da Antiguidade, levando em conta o alcance da importância de todos eles. Para tanto, análises comparativas entre as obras biográficas, destacando-se “Vidas Paralelas de Plutarco”, e “Vidas dos Doze Césares”, de Suetônio foram feitas através de idéias, formas e textos dos dois biógrafos; muitos resultados tentam colocar um em oposição a outro, embora reconhecendo semelhanças entre os mesmos. Assim, Cizek (1977, p.27), registra que:

Plutarque serait le représentant d’un genre biographique pathétique, dramatique e artistique, alors que Suétone illustrerait un genre plus réfléchi, réaliste et impersonnel. Plutarque serait un moraliste et Suétone un écrivain complètement indifférent aux problèmes posés par le jugement moral; le premier aimait se pencher sur les aspects généraux; l’autre sur le détail particulier et sur le récit événementiel.

Se atribuirmos a “événementiel” apenas o sentido “história que se limita a narração dos acontecimentos” o texto biográfico de Suetônio não teria alcançado a importância com

que hoje podemos identificá-lo – a análise atenta a que nos propomos levar adiante sobre a participação ativa do biógrafo Suetônio, na sua obra prima, não pode se limitar a uma avaliação tão simplificada como aquela que Cizek tenta imputar-lhe – ou seja, impessoalidade e elaboração de um texto que se limite à narração dos acontecimentos.

Laugier faz também uma observação que parece caracterizar bem o problema das diferenças entre Tácito e Plutarco/Suetônio:

Tacite n'est pas biographe, et les personnages décrits par Plutarque ou Suétone ont peut être plus d'unité et de vie propre. Ceux de Tacite sont emportés par un drame dont ils ne sont qu'ornements passagers ou symboles. (LAUGIER, 1969, p. 158)

Quando surgem, na Roma antiga, as primeiras manifestações da criação literária, como consequência da sistematização de idéias e do desejo de retratar a realidade, através dos escritos, nascem também as formas específicas de expressão filosófica, estética e artística que serão agrupadas posteriormente nos chamados gêneros literários. Estas manifestações tinham como centro motivador a vida humana e suas relações sociais, políticas, religiosas e atividades de lazer.

Dentre essas manifestações que poderíamos englobar como culturais e que de certa forma constituem a origem do gênero biográfico temos:

- “carmina convivalia” – canções recitadas em banquetes em honra de um antepassados famoso;
- “neniae” – cantos fúnebres que destacavam as qualidades do defunto;
- “carmina triumphalia” – cantos de triunfo em homenagem aos heróis vitoriosos em batalhas – “elogia – curriculum vitae” de personalidades pelos seus grandes feitos;
- “laudationes fúnebres” – discursos elogiosos, em público, em homenagem ao morto, feitos por um membro da família.

Além destas formas oficiais, era corrente em Roma um ramo que poderia ser adotado como precursor do gênero biográfico – “Stemmata” – árvore genealógica, que descrevia

cronologicamente a origem e os graus de parentesco de uma pessoa. Ramirez de Verger, depois de examinar as relações entre estas fases pré-literárias de Roma, conclui que “todas essas composiciones tenían un carácter biográfico a la vez que encomiástico, y en ellas se puede apreciar un sustrato latino para el género de la biografía”. (VERGER, 2000)

Ao examinarmos as biografias imperiais de Suetônio deveremos sempre lembrar que biografia não é somente “the reconstruction of a human life” como define Garraty (apud CIZECK, 1977, p. 25), mas como se pôde perceber até aqui, biografia é uma realidade referencial de determinada vida, texto de um comportamento moral ou social do indivíduo. Até mesmo conforme a representatividade do personagem, a biografia pode ser vista como um testemunho de uma sociedade específica, não se podendo perder de vista que ela está no limite entre o romance e a história.

É complexa a análise da obra biográfica de Suetônio, se quisermos alçá-la a outras esferas do conhecimento humano com as quais a biografia tem afinidades – o gênero biográfico, antes de Suetônio, tinha um caráter laudatório para os personagens, considerando seus feitos heróicos, geralmente narrados ano a ano. A tônica dessas biografias, como nos “Anais dos Pontífices”, era a ostentação de uma personalidade de comportamento moral ilibado que estivesse intimamente ligada a Roma, exaltando-a ou defendendo uma determinada classe social.

Como nos afirma Laurand (1955, p. 202), ao se referir aos analistas “il ne saurait donc être question d’attendre d’eux impartialité ou exactitudes historiques”.

Suetônio, a partir da biografia dos Doze, ainda que não tenha manifestado no texto seu pensamento político de forma direta, não privilegia nenhum dos biografados com um “curriculum” intocável – pelo contrário, a grande novidade de “As Vidas” é exatamente a revolução que se opera no íntimo da vida pública e privada dos imperadores. O conjunto biográfico dos Doze, não se prende a figuras célebres pela sua origem nobre ou por suas

realizações consideradas heróicas; de uma maneira geral, o gênero biográfico apresentava um personagem convencional, muitas vezes em pleno acordo com o rótulo histórico, mas profundamente artificial. Em Suetônio biógrafo, movimentam-se vários tipos humanos, nos diferentes escalões da Corte, ou das províncias, em que se misturam o sábio e o ignorante, o senador e o escravo, o aristocrata e o plebeu, a mulher recatada e a adúltera, o esperto e o ingênuo, cada um no desempenho do seu papel, em grau maior, médio ou menor, conforme a exigência da temática em questão. Percebe-se, enfim, a sociedade romana imperial, atuando no palco da criatividade suetoniana. É neste ponto que concordamos com Lieta de Salvo ao constatar que “la creazione di Suetonio è assolutamente originale”. O caráter histórico, que acompanha o texto biográfico, como seu componente básico, às vezes é questionado pelos críticos de uma forma que levanta dúvidas se a análise é realmente confiável, sob o ponto de vista científico, ou se realmente faltam elementos para esta composição.

Em outro comentário sobre a obra de Suetônio, Valls apresenta as observações transcritas nos seguintes trechos, demonstrando essas restrições ao biógrafo:

las Vidas” de Suetônio se interesan más por el hombre que por el emperador, más por el mundillo de sus allegados y de su actividad cotidiana que por la vida imponente del inmenso impero que esos hombres regían. (VALLS, s/d, p.40)

O analista pretende que uma biografia completa assumira uma posição a favor de uma instituição que a história reconhece legítima e poderosa, e que portanto, anularia a pessoa física em detrimento da pessoa jurídica, ou seja, o que interessa é o imperador como homem do Estado; não se pode assim levar em conta divergências, defeitos, atrocidades, caprichos ou outros sentimentos inerentes ao homem comum; valoriza-se, desse modo, a formalidade, a ética aparente e a liberdade possível. Valls exige ainda de Suetônio um conhecimento minucioso em que não se mencione o fato histórico pura e simplesmente, mas que o analise profundamente como um fenômeno. Observemos esta passagem:

(...) así, por ejemplo, un suceso como el paso del Rubicon, por Cayo Julio César, acontecimiento importante que desencadenaba una guerra civil de vastas consecuencias para el regimen político de Roma y para toda la vida romana

posterior en general es expuesto por Suetônio com uma certa extensión, pero de um modo que pudiéramos llamar romántico – incluyendo también el esperable prodigio - y sin ninguna reflexión sobre le transcendia histórica del hecho. (Idem, s/d, p. 40-1)

E concluindo:

Si Suetonio hubiera obrado de otro modo, sin embargo, si hubiera salido de los dominus da biografia, entendida tal como lo hacían los antiguos, para ir a incidir en los de la historiografia, una historiografia de la que existe una buena muestra referente, en parte, a la misma época em la obra de Tácito. (Idem, s/d, p. 41)

Colocaremos, agora, em discussão, a originalidade de Suetônio em suas “Vidas” exatamente porque ele faz biografia de uma forma diferente, conforme já mencionamos. Impele-nos à demonstração de que Suetônio é um biógrafo “sui generis” o fato de que ele não pode ser comparado por semelhanças mais que por diferenças entre os biógrafos famosos da antiguidade - Plutarco, Varrão, Nepos ou Tácito. Assim é que Suetônio narra e personifica seus biografados, tal como atuaram, com sua fragilidade e oscilações – ele avança ainda mais sondando a prática dos vícios, nomeando virtudes, ou às vezes desprestigiando valores que eram considerados intocáveis. Sob certos aspectos, Suetônio já teria se antecipado às novas formas modernas do gênero biográfico, cujo perfil é retratar em tons vivos e claros o homem em todas as suas realizações, eliminando as fronteiras entre o homem público e o privado. Viana Filho (1945, p. 36) cita Ludwig que teria dito a propósito de Bismarck “o indivíduo e o homem político são inseparáveis, seus atos e seus sentimentos se subordinam uns aos outros, sua vida privada e sua vida pública se desenrolam simultaneamente”.

3. OS CRÍTICOS DE “AS VIDAS” DE SUETÔNIO

Nossa intenção é precipuamente retirar dos textos dos imperadores aspectos da descrição/ narração da morte de cinco deles, para concluir que Suetônio, embora não se revele como um crítico mordaz, repassa para o leitor o momento político do autoritarismo vigente no período de dominação dos Doze Césares.

A crítica contemporânea, embora ainda tímida, já apresenta resultados promitentes de uma leitura mais aprofundada das biografias imperiais de Suetônio, enfatizando a importância da estrutura da obra com um olhar mais engenhoso, consistente, inovador. Cizek (1977, p.253), especialista em Suetônio, comenta: “nous constatons avec satisfaction que l’orientation novatrice qui retrouve dans les biographies des empereurs une composition délibérée, adroitement dirigée par Suétone, a été et est toujours brillamment représentée.”

É ainda o próprio Cizek que parcialmente aprova a composição biográfica de Suetônio, apesar de priorizar o texto historiográfico de Tácito: “même sans l’appareil rhétorique et les effets dramatiques de rigueur chez Tacite, ces interventions dans le déroulement du récit représentent des gloses d’auteur”. (idem, p. 145)

O autor cita outros críticos de uma linha mais moderada para “Vidas”, como Hans Dexler que, apoiado em Steidle e Brutscher, tenta demonstrar que Suetônio dispõe sua obra de uma forma correta, apesar do julgamento contrário de Funaioli, um dos críticos mais ferrenhos do biógrafo. Bárbara Levick, também listada por Cizek, reconhece que Suetônio preserva com habilidade a ordem dos capítulos 7-9 da biografia de Tibério. Werner Müller, integra também o elenco dos críticos moderados, segundo Cizek, ao dizer: “qu’il y a chez Suétone un plan intentionnel de composition” (Idem, p. 253) e a Steidle ainda é atribuída, segundo De Salvo, a valorização da obra como um todo, ou seja, o ressurgimento de um Suetônio mais conhecido e portanto melhor avaliado pela crítica. O trecho abaixo, da autora supracitada, define tal avaliação: “la rivalutazione attuale di Suetonio, il riconoscimento di un

suo metodo scientifico, la sua originalità nel variare l'organizzazione delle Vite – spetta a Stedile”. (DE SALVO, 1995, p. 8)

O mais avançado e seguro em reconhecer um valor político nas biografias, ainda pesquisando em Cizek, é Pierre Grimal, em sua “Introdução às Vidas dos Doze Césares”. Eis o texto: “à son tour, Pierre Grimal critique la thèse de l'objectivité de Suétone et décèle dans les biographies des intentions politiques dissimulées”. (CIZEK, 1977, p. 253) Este é o ponto fundamental da nossa tese e será o eixo da comprovação do autocratismo dos doze Césares, respaldados ainda por Grimal que na sua obra pretende desmistificar os Césares.

Da Itália também nos vem uma avaliação positiva da obra em discussão, em que a autora Lietta de Salvo oferece ao leitor a possibilidade de sentir o texto biográfico suetoniano de uma maneira mais determinada, desprovida de sentimentalismo, de gostos pessoais e até mesmo rejeitando definitivamente o preconceito moral. Tácito, em sua introdução às “Histórias”, fala sobre a independência e a imparcialidade de uma obra: “sed incorruptam fidem professis, ac amore quisquam et sine odio dicendus est” – mas um historiador que se consagra à verdade, deve falar de cada pessoa sem amor e sem ódio. Eis a análise de De Salvo:

...oggi si rivolge a Suetonio con un rispetto maggiore, ad esempio di quello manifestato alla fine del Settecento, dall'abbé de Mably, il quale riteneva che vale la pena di leggere Suetonio solo in quanto il tempo ci ha rubato una parte degli scritti di Tácito. (DE SALVO, 1995, p. 8)

Esses depoimentos nos estimulam a levar a diante um projeto de valorização de um texto pelo qual nos entusiasmos e pudemos afirmar que Suetônio merece ser revisitado, valorizado e que, conforme comenta De Salvo, “l'opera de Suetonio è in ogni caso da rivalutare per vari aspetti.” (Idem, p. 9)

As biografias nos apresentam algumas posições em que não se consegue retirar um compromisso aberto com as denúncias ou protestos – que são inúmeros – dando lhes uma paternidade, e dificilmente, pela técnica da composição, estes protestos poderiam ser alçados

à categoria do escárnio, do insulto e da injúria; Suetônio não aponta um código de leis e princípios rígidos, contrapondo-se diretamente à desordem pessoal e jurídica do desempenho dos Césares, mas expõe a realidade factível na sutileza da narrativa – “contaram, disseram, informaram” – caricaturando-a, buscando nas fontes de que dispunha a impessoalidade que precisava para a sua narrativa “consulatum quoque traditur destinasse”², em referência às mordomias do cavalo Incitatus. “cuidam tradunt epulanti in arce cum sacerdotibus”³.

Nesta passagem de Tibério “quin etiam speciem libertatis quendam induxit”⁴, num primeiro momento, parece que o autor não se certifica da verdadeira intenção do biografado, mas pode-se entrever também um acento propositadamente tendencioso.

Em outro trecho da biografia de Cláudio: “illud quoque a maioribus natu audiebam”⁵.

E se multiplicam os exemplos de que a narrativa não assume uma clara denúncia, uma acusação grave. “Fertur etiam in sacrificando quondam captus facie ministri acerram praeferentis (...)”⁶ Nesta passagem é o “rumor” que sustenta o anonimato para que o autor faça alusão ao homossexualismo de Tibério, de forma tendenciosa.

Uma outra questão que será levada em conta, rumo à análise da proposta de uma visão política de Suetônio é: Por que “Suetônio resolveu escrever biografias dos imperadores remexendo-lhes a vida pública e privada, sendo ele próprio funcionário do império – secretário “ab epistulis latinis”?” Suetônio pertencia à ordem eqüestre embora, segundo relato de Macé, gozasse do prestígio na elite intelectual da época, sobretudo pela ligação com Plínio, o Moço (conforme já nos referimos na introdução), de quem era amigo e protegido. Em que isso poderia influenciá-lo?

² lembra-se também que desejou fazê-lo cônsul. (tradução nossa)

³ narram alguns que isso aconteceu num banquete com os pontífices. (tradução nossa)

⁴ introduziu no Estado uma certa aparência de liberdade. (tradução nossa)

⁵ pessoas antigas me contaram. (tradução nossa)

⁶ recorda-se, também, que ao oferecer, em certo dia (...).(tradução nossa)

Martin arrisca uma opinião para justificar a obra de Suetônio, atribuindo a este a marca de bajulador do imperador Adriano; o texto a seguir expressa esta idéia ao lado de igual posição para Tácito em relação a Trajano:

Tous deux ont écrit leurs oeuvres au début du II siècle, celui des empereurs Antonins, Tacite protégé par Trajan, Suétone par Hadrien et pour mieux mettre en valeur les qualités de leur protecteur, ils n'hésitent pas à insister sur les excès du siècle précédent par opposition à l'âge d'or des Antonins. (MARTIN, 1991, p. 20)

Cabe-nos refutar a idéia, que consideramos bastante simplista – de que Suetônio teria intenção de homenagear Adriano por estar a serviço deste e gozar dos privilégios da Corte; não é possível sustentar essa posição – se Suetônio se preocupasse em agradar o imperador, não teria vasculhado a vida dos príncipes de uma forma tão transparente, valendo-se de fontes preciosas em arquivos de uma instituição legalmente constituída – o império – que gozava de prestígio e não poderia ter maculada a sua imagem, tal qual acontece nas biografias imperiais. A publicação da obra poderia ser comentada, em hipótese, sob os seguintes ângulos: - Em primeiro lugar, reconhecer que sempre há alguém interessado ou vocacionado para a criação literária, nas suas mais variadas formas, e que, não seria absurdo pensar que Suetônio possuísse uma tendência crítica mordaz, irreverente, conjugando suas idéias com o acervo documental do império, a que teve acesso, por ser secretário do imperador Adriano. – É possível também imaginar Suetônio, funcionário burocrata, especulativo, adversário do “siècle de fer” expondo uma posição ideológica – referente à vida pública e à vida privada dos imperadores, para trazer ao povo a nova dimensão política do império, ou seja, a esperança da liberdade e da justiça a partir de Adriano. A certeza de que Suetônio não era, por caráter e personalidade um indivíduo bajulador a ponto de agradar Adriano e condenar os adeptos dos últimos imperadores flavianos, que ainda certamente formavam partidos atuantes no Império, como se desejassem confrontos inúteis é patente em “Vidas” e, por último imaginar Suetônio tão frágil, a ponto de se render as mordomias da corte é sinal de má intenção. O biógrafo procurou, como integrante do poder imperial, na função de secretário “ab epistulis”, não o

luxo da corte, mas os segredos políticos da mesma, para com isso desnudar sua história, romper com o autocratismo, e promover a esperança de um regime monárquico ideal que seria a “concordia ordinum”. Impressiona o leitor a espontaneidade da narrativa, que não se preocupa com confrontos diretos ou choque de sentimentos de revolta ou mágoa; não se percebem atos de retaliação como desqualificar o outro ou para defender pessoas ou grupos que porventura tivessem sido vítimas de opressão e repressão.

4. SUETÔNIO E OS DOZE CÉSARES – A ORIGINALIDADE DA NARRATIVA BIOGRÁFICA

É muito curioso o fato de que os críticos de Suetônio, em sua maioria, o classifiquem, num grau de avaliação, do médio ao inferior, seja como historiador, escritor, ou biógrafo; apesar desta análise, que pende mais para o negativo, é certo que o biógrafo transformou de tal forma a narrativa biográfica em “Vidas” – “là Suétone se montre novateur en histoire” (PICHON, 1912, p. 704) – que seus censores não conseguiram obscurecê-lo no meio intelectual do mundo antigo, como de fato se esforçaram por fazê-lo. Mais: muitos críticos chegaram até mesmo reconhecer e elogiar parcialmente a obra, sob o ponto de vista dos três critérios acima mencionados.

Em relação à literatura, por exemplo, a conclusão a que chega Cizek é aquela em que, pela limitação de Suetônio como escritor, este não tenha conseguido definir claramente sua posição ideológica: “d’autre part, une partie du message idéologique suétonien, s’est trouvée cachée, en raison de la valeur littéraire relativement modeste des Douze Césars”. (CIZEK, 1977, p.194)

Esta crítica, reticente, não leva em consideração que, na literatura em geral, o autor não se revela tanto a ponto de decodificar o texto à exaustão, entregando-o já totalmente interpretado para classificar-se como bom escritor. Há vários tipos de escrita e de escritores, como também há leitores do mais variado senso crítico, que não pertencem à elite intelectual, mas que pela sua perspicácia poderão atuar como verdadeiros juízes de obras literárias.

Com Cizek, leitor e analista minucioso de Suetônio, na passagem referida, chegamos à conclusão de que ele não consegue alcançar a mensagem ideológica do biógrafo, e que, portanto, para ele, não há transparência no texto de “Vidas”, como meio de ali identificar uma ortodoxia dos cânones literários clássicos, nem como texto ideológico político, nem como

texto literário pura e simplesmente, lembrando que Nantes observa o seguinte: “on voit qu’il a plus recherché la vérité plus que l’ éloquence”. (idem, p. 311)

Cizek é um pesquisador especialista dos Doze e sua opinião realmente é respeitável, mas parece-nos que ele não deseja assumir uma posição mais firme a favor do biógrafo, a quem, no íntimo, teria sido favorável, não fosse sua obra sobre os Césares, fundamentada em vários autores de opiniões diferentes, que apesar da profundidade das pesquisas, não conseguiram sentir com imparcialidade a obra de Suetônio, como o fizeram no conjunto historiográfico da obra tacitiana.

Isso não invalida o pensamento de Cizek, mesmo porque seu trabalho sobre as biografias suetonianas é de um valor inestimável para a pesquisa historiográfica e biográfica do mundo antigo – o que nos incomoda é o fato de que, Cizek, profundo conhecedor de Suetônio, com uma pesquisa inédita, não tenha formulado uma tese que resgatasse o biógrafo em seu aspecto político; afirmamos isto porque o texto daquele levanta questões político-ideológicas que sustentariam a desmistificação dos Doze Césares – autênticos autocratas. Eis algumas dessas questões: a condenação à megalomania em Nero – “erat illi aeternitatis perpetuaeque famae cupido, sed inconsulta” (SUÉTONE, 1996, p. 180) – sonhava eternizar seu nome e perpetuar sua memória, sonho, porém irrefletido; outra referência política se encontra na biografia de Calígula, e uma das suas atitudes repressivas é condenada por Suetônio, nestes termos: “fuitque per triduum sine summa potestate reipublicae” (SUETONIO, 1983, p. 246) – assim, durante três dias a república se viu privada da autoridade soberana – e em Domiciano, o texto, embora não censure diretamente o imperador, possui esta intenção que pressupõe denúncia de arbitrariedade máxima

Sed et Capitolino certamine cunctos ingenti consensu precantis ut Palfurium Suram restitueret pulsum olim senatu ac tunc de oratoribus coronatum, nullo responso dignatus tacere tantum modo iussit uoce praeconis Pari arrogantia cum

procuratorum suorum nomine formalem dictaret epistulam, sic coepit: dominus et deus noster hoc fieri iubet.⁷

No “Annexe” de sua obra, Cizek (1977, p. 253) repassa várias observações dos críticos, a maioria favoráveis à obra de Suetônio, sob vários aspectos, como se fizesse **mea culpa** por não ter compartilhado inteiramente da avaliação positiva do biógrafo, ou como se quisesse confirmar, nas entrelinhas, o prestígio do autor.

Sobre a estrutura da obra retomaremos a citação do texto em que Cizek comenta o seguinte: “Nous constatons avec satisfaction que l’orientation novatrice qui retrouve dans les biographies des empereurs une composition délibérée, adroitement dirigée par Suétone, a été et est toujours brillamment représentée.”

Mas, ao apresentar uma síntese do pensamento de Grimal, que declara na obra biográfica suetoniana a intenção política da desmistificação dos Césares, de certa forma, Cizek, se opõe ao já citado Grimal: “Nous sommes tout a fait d’accord avec ces idées, mais il nous paraît que Suétone est moins opposé aux Césars que ne le pense le professeur Grimal”. (idem, p. 253)

Ailloud (apud Suétone, 1981) (Introduction) afirma enfaticamente, em uma de suas análises sobre a obra biográfica de Suetônio, que este, não possui habilidade criativa em relação ao texto literário de Vidas; acompanhemos o texto:

Ce qu est entièrement imputable à Suétone, c’est son insuffisance au point de vue littéraire. Il est visible, tout d’abord qu’il ne sait pas composer” “Ses biographies ressemblent à des catalogues fort commodes à consulter, où les faits sont classés avec une logique minutieuse, mais elles n’ont rien d’une oeuvre fortement charpentée et composée avec art.

Este comentário, ainda que respeitando a posição de Ailloud como estudioso de Suetônio biógrafo, é inaceitável sob o ponto de vista da liberdade na criação literária. A composição de uma obra literária, a princípio, deve emergir de um momento de criatividade,

⁷ Nos jogos capitolinos, o povo lhe pediu unânime a reabilitação de Palfurio Sura expulso outrora do senado por ele mesmo e que acabara de receber a coroa dos oradores. Não se dignou responder e contentou-se em impor silêncio pela voz do arauto.

da subjetividade, de alguém que observa e reflete sobre alguma situação, fato ou ângulo de determinada idéia. Por isso é necessário que a criação literária seja acompanhada da liberdade de estilo e da independência do escritor. Os componentes básicos de um texto literário, normalmente se organizam de acordo com a criatividade do autor, com sua formação, com a realidade que o cerca, com seu método e com uma seleção vocabular, e até mesmo com sua época, o que caracteriza o fazer artístico, produto de uma análise e reflexão sobre um tema determinado; isto é subjetividade - daí a nossa discordância com esta crítica, pois Suetônio demonstra em seu texto dos Doze Césares completa liberdade de ação, inaugurando uma nova modalidade no gênero biográfico, conforme temos reiterado ao longo deste trabalho. Poderíamos alongar esta questão da originalidade do texto de Suetônio, mas na Introduction de Suétone - Vies des Douze Césars: Claude/Néron encontramos uma excelente síntese do que realmente diferencia Vidas das biografias anteriores

Cependant ce qui demeure le plus intéressant dans l'art de Suétone, c'est sans doute que la force qui se dégage de ses portraits ne vient pas de la fiction, de l'embellissement de la réalité, encore moins de la reconstitution de dialogues ou des discours, usage pourtant constant à son époque, mais, au contraire, de deux moyens très simples, et qu'il est le premier, semble-t-il, à utiliser; d'abord, la rupture avec le discours chronologique qui ne fournit plus l'habituelle causalité, et, en second lieu, l'emploi des faits constatés ou de documents authentiques soigneusement choisis mais donnés dans leur dépouillement le plus total. (MAURIN, 1996, p. 16)

Uma passagem da biografia de Vitélio, parece destoar das outras narrativas dos imperadores; embora não se perceba aqui um clima de triunfo e de glória, Suetônio descreve, com certa majestade a proclamação de Vitélio como imperador. O texto, certamente, contradiz, pelo menos em parte, a afirmativa de Ailloud, que não reconhece o valor literário em Suetônio, entrou, finalmente, em Roma, ao som das trombetas, em veste de guerreiro, a espada à cinta, por entre as insígnias e os estandartes. O pessoal da sua comitiva, de saio e os soldados de armas na mão; mais tarde, calcando cada vez mais aos pés as leis divinas e humanas, tomou posse do pontificado máximo no dia de Allia.

O tão solene e majestoso, raro no discurso suetoniano, reveste-se de símbolos representativos de um momento cívico com a formalidade digna de uma cerimônia oficial, com direito a cortejo e ajudantes de ordem. Trata-se de uma narrativa de grande colorido e expressividade estética pela seleção de vocábulos. Esta é a grande capacidade do escritor – a de se adaptar ao fato ou fenômeno descrito / narrado; sua construção o leva para onde o real pode ser retratado ou transformado pelos recursos estéticos e estilísticos; mas ainda assim a narrativa se distancia muito do discurso laudatório e dos “elogia” empregados em ocasiões de grande pompa.

Suetônio talvez não atenda às exigências formais da composição literária técnica, planejada, idealizada e conseqüentemente rígida em regras, formal, objetiva e linear. Assim como esta opção pode produzir um texto elegante, clássico e moderado, a outra opção, aquela em que o autor nem sempre observará detalhes de estética, oratória e figuras de retórica, também produzirá um texto mais livre, mais vivo, mais colorido, e, conforme o gênero a que se dedica mais irreverente e mordaz. Como é possível perceber na narrativa biográfica suetoniana, o cenário político é o maior referencial do governo na maioria dos doze biografados de Suetônio. Essa situação, provoca, pois, na sociedade civil reações ao autocratismo, através do planejamento e execução das estratégias de combate e defesa, gerando as conjurações, golpes e conspirações, abrindo uma ferrenha disputa entre as partes. O quadro retratado por Suetônio coloca no palco o personagem-tipo, o imperador. Este será a atração do cenário instalado pelo biógrafo. A narrativa envolve todos os grupos e tipos humanos de caracterização romana, às vezes com uma boa dose de helenismo. Para Suetônio, entrelaçar fatos e fenômenos diferentes, é uma técnica de ficção na realidade; circulam nas biografias pequenos textos episódicos com aparência de ingênuos, mas que escondem um senso crítico admirável. O comportamento social patrulhador é substituído pela inversão de

valores, não só como exploração literária, mas como realidade mesma da narrativa em movimento. Suetônio trata os imperadores como seres humanos comuns que vão enredando outros homens e mulheres em práticas exóticas, inusitadas e criminosas, passando pela pedofilia, pelo adultério, pelo homossexualismo, e sobretudo pela violência, através de uma forma de crueldade exercida indistintamente e que encerra em si vícios decorrentes do abuso de poder – dissimulação, calúnia, atrocidade, e desrespeito aos cidadãos. Ao ler o capítulo em que Suetônio protagoniza Tibério como um ser libidinoso, é possível imaginarmos com o biógrafo, não só a formosa e moderna Capri, mas também um retiro misterioso, proibido, luxurioso e cobiçado. O espaço cenográfico da ilha, criado e ocupado pelo imperador, homem comum, transforma a beleza natural daquele logradouro em um alucinante bordel, onde a fantasia impera. Como em outras biografias dos Doze, Suetônio tem utilizado recursos variados, a sua maneira, atraentes e instigantes, como neste pequeno episódio de Capri, o que conduz o leitor a perscrutar uma formulação político-ideológica bastante astuciosa: a cena apresenta um chefe de estado, poderoso, agindo como um excêntrico alucinado, superpondo-se à lei pelo aliciamento de jovens, pela indução às práticas obscenas e pelo abuso de poder - O que pensar de tamanho poder? Até onde ele poderá chegar? Ao leitor caberá a resposta do limite ou falta deste no poder imperial, passado o momento da leitura fascinante do episódio erótico e tendo o leitor considerado a utilização de Capri, não como merecido repouso de um governante sério, mas tão somente um capricho de uma pessoa imatura (é a isto que Suetônio reduz Tibério) já beirando à loucura. Suetônio já estaria assinalando aqui o autocrata, que, sequioso de poder, torna-se pequeno por ser ridículo, anormal, leviano? Não poderíamos entrever uma denúncia pelo que este desmedido poder já estaria ultrapassando os limites da dignidade que se exige de um líder? O imperador, ao comportar-se como um desvairado estaria achincalhando a moral do povo romano, e portanto, abusando do poder que lhe fora confiado? O que devemos pensar, a não ser um ato de desprezo, de autosuficiência nesta

atitude de Tibério, de isolar-se num retiro com prediletos e prediletas e ali se recobrir de figuras lascivas, símbolos sexuais e outros tipos de orgia, cercado de acomodações ornamentadas e estatuetas adaptadas ao lazer sexual? Suétônio poderia estar aqui retratando um momento forte de tensão fundindo corpo e espírito do imperador em uma criatura delirante e desvairada, e por isso mesmo irrefreável no poder. Eis o texto da biografia de Tibério, relativamente à sua permanência em Capri:

Secessu uero Caprensi etiam sellaria excogitauit sedem arcanarum libidinum, in quam undique conquisiti puellarum et exoletorum greges monstrosque concubitus repertores, quos spintrias appellabat, triplice serie conexi, in uicem incestarent coram ipso ut aspectu deficientis libidines excitaret⁸.

Isto é fazer artístico porque é reflexão e criatividade, engenho, disposição, cálculo, suspense... No final da biografia do mesmo Tibério, há outra narrativa oposta em sua natureza àquela dos prazeres de Capri. É novamente para lá que Tibério retorna, quando percebe as ameaças dos conjurados, cheio de pânico como nos narra Suetônio

interim cum in actis senatus legisset dimissos ac ne auditos quidem quosdam reos de quibus strictim et nihil aliud quam nominatos ab indice scripserat pro contempto se habitum fremens repetere Capreas quoquo modo destinauit non temere quicquam nisi ex tuto ausurus⁹.

O ponto que consideramos mais em desacordo entre os críticos da obra suetoniana, “Vidas” assenta-se no fato de que o biógrafo tenha invadido irreverentemente a vida privada dos imperadores, com uma temática censurável (sexo e desdobramentos), o que desmistifica a imagem de austeridade que se pretendia imprimir ao povo romano. Talvez, por esse motivo, tenha surgido uma avaliação tendenciosa, como esta, colhida na “Introduction” de Ailloud (Suétone), quando o autor se refere aos aspectos morais das biografias, citando Schanz: “On a même accusé Suétone d’immoralité et on lui reproche d’accumuler à plaisir dans ses Douze

⁸ No retiro de Capri imaginou uma sala com cadeiras, como lugar adequado para encontros secretos libidinosos, no qual grupos de moças e jovens licenciosos e inventores de complexos, chamados “spintrias”, chamados de todas as partes, unidos em grupos de três, se prostituíam entre si, na presença dele, afim de que, com esse espetáculo pudesse reativar seus desejos e carências. (SÜETONIO, 1983, p. 136, tradução nossa)

⁹ entretanto, como tivesse lido no atos do senado, que alguns acusados, a respeito do quais se limitara a escrever sucintamente que haviam sido apontados por delatores “estavam sendo absolvidos mesmo sem interrogatório, tremeu pensando que estava sendo desprezado, e resolveu, a todo custo, recolher-se a Capri não ousando mais agir a não ser em lugar bem seguro. (idem, p. 188, tradução nossa)

Césars les anecdotes scandaleuses”. Madélnat comenta este julgamento tão duro em relação à moral em seu trabalho sobre biografia.

les conventions morales et sociales pèsent plus ou moins: les anecdotes prodigue Suétone sur la sexualité des empereurs ne se conçoivent plus au XIX ème siècle, où dès voiles pudiques se multiplient pour cacher le fonctionnement du corps derrière la respectabilité d’une façade sociale. (MADÉLÉNAT, 1984, p.145)

5. SUETÔNIO E O AUTOCRATISMO

Rostovtzeff (História de Roma) classifica o poder exercido pelos sucessores de Augusto como meramente “pessoal” e define o seu modo de vida como um fato mais do que discutível, vivendo a Corte uma atmosfera de intriga, ciúme e escândalo. Sabemos que a discussão em torno do poder excessivo dos imperadores romanos não teria alcançado uma dimensão tão relevante, caso o despotismo e a iniquidade não tivessem sido praticadas no seu mais alto grau sobretudo em Tibério, Calígula, Nero, Galba, Vitélio e Domiciano. Em Vidas, Suetônio nos apresenta uma narrativa sobre a vida pública e privada dos imperadores romanos, das casas Júlio-Claudiana e Flávia, comentando a complexidade das biografias pela personalidade e caráter dos príncipes, como observa Jean Mourin sobre Suetônio e sua obra: “avec lui un nouveau genre littéraire et historique voit le jour: la biographie impériale, qui témoigne la personnalisation du pouvoir”. (Introdução)

O regime totalitário, seja sob a forma de monarquia absolutista, principado, ditadura e tantas outras modalidades aparentadas favorece este “caráter pessoal” de que fala Rostovtzeff, e em decorrência disso estabelece-se uma parceria entre o imperador e seus astutos assessores da burocracia, e ainda entre este e os frágeis adutores periféricos do palácio, contra os que desagradam o príncipe, fortalecendo assim a rede de intrigas, crimes e escândalos a que alude o historiador citado Rostovtzeff.

Este mesmo historiador comenta sobre a realidade histórica da ética no poder, levantando duas possibilidades: os imperadores que consideravam sua autoridade como um direito pessoal em consequência do vínculo com o falecido imperador, e a segunda possibilidade, representada pelos pregadores da moral estóica que já exerciam forte influência sobre as camadas esclarecidas da sociedade – a ideologia destes sobre o poder não contempla o principado como “algo que pretendesse apenas gratificar a ambição pessoal ou como um despotismo baseado na violência e na força. Para eles, os estóicos, o poder era confiado por

Deus ao homem moral e intelectualmente superior ao resto da comunidade, e seu exercício adequado era um dever imposto por Deus, uma pesada obrigação pessoal. O governante, príncipe ou rei, não era um senhor, segundo o ensinamento estóico, mas um servo da humanidade e devia trabalhar para o bem de todos e não a favor dos seus próprios interesses e de sua manutenção do poder”. (ROSTOVTZEFF, p. 205)

Excluindo algumas idéias moderadas e algumas posições mais radicais sobre o que realmente significa o poder autocrata, observamos que o caminho para o exercício do comando de uma sociedade passa obrigatoriamente por uma destas duas possibilidades levantadas pelo historiador Rostovtzeff referindo-se especificamente ao principado de Augusto. Este, antes de morrer, mesmo contra sua vontade nomeia como seu sucessor o sobrinho Tibério que irá levar a hereditariedade familiar até Nero, último imperador da casa Júlio-Claudiana. Temos assim um regime que se caracteriza como pessoal pelo fato de concentrar-se em um só indivíduo, sem a avaliação e/ou eleição popular, além do que trata-se de um poder concentrado em um único homem que se autoproclama imperador e representante divino. A “auctoritas” era um conceito romano de natureza moral; segundo Engel / Palanque a “auctoritas” “define a situação de um homem valorizado pelos seus títulos, pelos seus méritos e pelos deuses que são colocados acima de toda e qualquer rivalidade, cujos pareceres e iniciativas não são contestáveis. O vocábulo afirma implicitamente ‘a majestade’ que é vedado lesar, e disfarça uma monarquia que não ousa pronunciar o próprio nome”. (PALANQUE, p. 13)

Este é, pois, o perfil político e a atribuição máxima do principado – ou seja, o verdadeiro poder político legado por Augusto e seus sucessores.

Acompanhando ainda Engel / Palanque, esta instituição monárquica se firma por muitos séculos. Augusto “lisonjeava-se de ter instituído o regime mais venturoso e de ter dado ao Império limites definitivos e de ‘morrer com esperança de que os fundamentos do estado

permaneceriam inabaláveis”’. (Idem, p. 9) O titular desta forma de governo deveria portanto ser o estimulador da paz social, na linha de Augusto que, de acordo ainda com Engel Palanque “compreenda que a forma de autoridade tem mais importância do que o conteúdo”. (Idem)

A segunda possibilidade, idealista e revolucionária pretende um poder participativo, associativo, de orientação divina e integração social. No caso de Roma, com os Doze, prevaleceu o regime de nível pessoal, autocrata, embora muitas vezes entremeado de atos de benevolência, efêmeros e nunca totalmente desinteressados, com alto padrão de barganhas políticas.

É pois neste clima que iremos encontrar e localizar a ação de Suetônio – (nunca será demais lembrar que ele participou do governo imperial de Adriano) – como biógrafo, com uma nova ideologia, ou pelo menos, a reedição dela – a “concordia ordinum” que muito se assemelha à aspiração política dos estóicos – Cizek assim resume esta posição de Suetônio:

Sans nulle doute sous l’empire, le concept de “concordia ordinum” n’a plus le même valeur qu’au temps de la République. Il s’agit maintenant d’une collaboration entre les sénateurs et les chevaliers dans le cadre fourni par le principat, ayant surtout pour objet la administration de l’empire. (CIZEK, 1977, p. 172)

Nada seria mais lógico imaginar então, a partir de várias intervenções políticas do biógrafo a favor do senado e da ordem dos cavaleiros que Suetônio não aprova o autocratismo – embora não defenda o ideal senatorial por não concebê-lo imparcial e isento, politicamente correto; também não defende o poder para a ordem equestre nem para o povo (retorno à República) porque isto não lhe parece viável no conjunto do Império. Como praticamente não formulou um projeto político factível, o biógrafo escolhe a defesa de uma “democracia” utópica, através do combate incessante à autocracia. Tal combate se evidencia na revelação crítica da vida privada dos imperadores menos comprometidos e conseqüentemente mais autocratas porque desrespeitam as prerrogativas dos senadores, dos cavaleiros e do povo

romano. Acompanhemos este raciocínio de Cizek: “Suétone a été favorable au principat et a appuyé les intentions d’Hadrien de changer de cap, mais il a voulu que tout se fit, autant que possible, dans le respect des sénateurs et des chevaliers.” (1977, p.196)

Suetônio expressa enfim nas biografias um grande interesse pela concordia ordinum, que consiste em estabelecer a harmonia entre as ordens senatorial e equestre. Contrariando esta posição, assentada em uma atitude de extremo personalismo, temos a atuação de Nero, por exemplo, na biografia suetoniana, como um dos representantes do autocratismo. A índole perversa do imperador estimula e a revolta dos cidadãos pois sua mente irá arquitetar uma seqüência de projetos monstruosos no poder. Suetônio emite seu parecer logo no início do capítulo sobre esta tendência: *initio statim tumultus multa et inmania, uerum non abhorrentia a natura sua, creditur destinasse.*

Desde o começo da revolta, concebeu, acredita-se, muitos projetos monstruosos, porém de conformidade com seu caráter:

- substituir e assassinar os comandantes dos exércitos e das províncias;
- degolar, ao mesmo tempo, exilados e todos os gauleses que se encontrassem em Roma;
- entregar as Gálias ao saque dos exércitos;
- envenenar o Senado inteiro no decorrer de um festim;
- incendiar e soltar as feras contra o povo. E Suetônio arremata: “*sed absterritus non tam paenitentia quam perficiendi desperatione*” (SUÉTONE, 1996, p. 160) – absteve-se, porém, desse planos, menos por arrependimento do que pela impossibilidade de executá-los.

Ainda com Rostovtzeff e retomando o início deste capítulo, o regime de governo de aceitação geral no Império, certamente não era o de Nero e por conseqüência o autocratismo, mas sim a teoria adotada pelos cínicos e desenvolvida pelos estóicos. Assim o historiador

confirma o apoio ao regime do poder partilhado, de origem divina a serviço de uma nova sociedade: “quase toda a sociedade romana a adotou aos poucos e seus defensores acabaram por impô-la à consideração dos governantes”, e concluindo: tal ponto de vista era defendido com ousadia por muitas das vítimas do reinado de terror de Nero.

Ainda que Suetônio resistisse e não quisesse “arriscar a pele” denunciando diretamente o regime autocrata dos Doze Césares, não conseguiria, em *Vidas*, fugir à intenção política intrínseca em seu conjunto de crônicas de conteúdo eminentemente político, como foram as biografias dos príncipes. As questões polêmicas referentes ao jogo do poder, no mundo real, que Suetônio adorna com uma linguagem específica, circunscrevem-se ao âmbito social, ocupam um espaço de culturas variadas e, portanto, “*ipso facto*”, de caráter político-ideológico. É impossível retratar um universo tão diferenciado de seres humanos em uma disputa política sem se envolver direta ou indiretamente com o objeto de sua atuação – o poder.

Quando algum estudioso da Antigüidade lê pela primeira vez as biografias dos Césares, já pelo próprio título “AS VIDAS DOS DOZE CÉSARES” certamente, em seu imaginário, desfilarão cenas de um relato, que pouco a pouco desenham fatos históricos, de natureza épica com personagens nobres, castelos suntuosos, criadagem, pajens, bailes da Corte, batalhas de cavaleiros com vitórias brilhantes, enfim, seriam estas as imagens de um mundo mítico, e inerentes a uma instituição de poder absoluto. O que o leitor, à primeira vista não detecta é que ao lado desta composição da estrutura imperial – aparentemente harmônica, simétrica – rodeada de imagens, pessoas, sons e brilho existe uma busca insistente da promoção pessoal, do prazer e do bem estar, e isto, fatalmente leva à competição e a uma série de vícios pela prática apenas de atos excêntricos ao início, e em sequência, para atingir o objetivo, à prática da violência representada pela crueldade, pela ambição e pela luxúria – esta última utilizada como manobra para obter aliados fiéis. Nas biografias dos Doze, conforme

nos explica Martin, citando Gibbon – o vício e a virtude convivem na narrativa em uma medida, cuja avaliação do próprio Gibbon, chega às extremidades em um e outra. “On trouve tour a tour dans la conduite des empereurs romains les extrêmes de la vertu e du vice; la perfection la plus sublime et la dégradation la plus basse de notre espèce”. (apud MARTIN, 1990) Suetônio em sua narrativa, talvez não selecione propositadamente, mas reconhece em várias passagens a prática da virtude em alguns imperadores – Tito, Augusto, Óton e Vespasiano, por exemplo – e aqui pode estar “la perfection la plus sublime” de que fala Gibbon, embora Suetônio não chegue a este juízo de perfeição com nenhum dos imperadores, e por outra análise, ele apresenta o quadro assustador dos vícios cometidos principalmente por Tibério, Calígula, Nero, Cláudio, Galba, Vitélio e Domiciano – A avaliação o biógrafo não tem um limite para expor todas as atitudes que o ser humano repudiaria em um governante, falando a mesma linguagem de Gibbon – “la dégradation la plus basse de notre espèce”. O processo de descaracterização porque passam a maioria dos Doze Césares de Suetônio, através da revelação de fatos que partem de cenas simples do cotidiano até crimes políticos hediondos não pode ter outro objetivo a não ser aquele da desmistificação. Nos nossos dias, o poder ainda mantém as características da soberania desmedida e a aura do fascínio, através de muitos regimes totalitários, mas a “divinização” deste poder de que gozavam os Césares realmente hoje é uma figura em completa extinção.

O processo político das biografias de Suetônio, que nós queremos reconhecer como desmistificador, é uma constante nas biografias, muitas vezes expresso através de presságios e outros recursos fantásticos mas é aplicado gradual e arditosamente a todos os imperadores. A partir de César, no capítulo setenta e seis, em que o biógrafo não mede palavras para qualificá-lo como tirano, temos o contorno desta modalidade de governo.

Neste texto o autor, não citando nenhuma fonte ou referência especial, afirma que

praegravant tamen cetera facta dictaque eius, ut et abusus dominatione et iure caesus existimetur. Non enim honores modo nimios recepit: continuum consulatum,

perpetuam dictaturam praefecturamque morum insuper praenomen imperatoris, cognomen patris patriae (...) ⁹.

Mas a firmeza política de Suetônio sobre o poder desmedido dos imperadores manifesta-se também em Domiciano de uma forma bem organizada. O autor narra que o imperador já tinha pressentimento da espécie de morte que o aguardava desde a infância e que os caldeus já haviam predito tudo desde a adolescência; o pai de Domiciano em uma cena à mesa o repreendeu publicamente porque o filho não queria comer cogumelos, acrescentando que ele desconhecia o destino que o esperava pois deveria temer a lâmina.

As arbitrariedades praticadas por Domiciano são enumeradas no capítulo treze, e ligando este ao quatorze, o biógrafo conclui “per haec terribilis cunctis est inuisus tandem oppressus est conspiratione amicorum libertorumque intimorum simul et uxoris”.

A determinação de Suetônio em explorar politicamente as ações extremadas dos imperadores o leva a um julgamento que não pode fugir ao pessoal, como este contido na biografia de Nero: “talem principem paulo minus quattuordecim annos perpessus terrarum orbis tandem destituit - depois de ter suportado semelhante príncipe pouco menos de quatorze anos, o universo acabou por abandoná-lo”; esta constatação encerra um ciclo de acontecimentos negativos projetados ao longo dos capítulos 1-39, e de forma alguma poderiam superar os positivos.

Em todas as biografias imperiais de Suetônio, ocorre uma referência à prática dos vícios da mais variada espécie, sobrepondo-se às virtudes, que ocupam um espaço em grau bem mais restrito.

Percorrendo a narrativa, podemos reunir uma variada série dos primeiros, tais como a avareza, a cólera, a inveja, o ciúme, a ira e a luxúria, que somadas a outras formas de

⁹ todavia outros atos e palavras suas nos obrigam a acreditar que tivesse abusado do poder e tivesse merecido a morte, pois não só aceitou honras excessivas, mas também o consulado contínuo, a ditadura perpétua e a prefeitura dos costumes, sem contar o prenome de imperador e sobrenome de pai da pátria.

arbitrariedade-desacato, perversidade, ignomínia, crueldade, atrocidade, tortura e violência, se desdobram em atos de força e abuso de poder como por exemplo, a condenação à morte, sem julgamento e antecedida de aplicação de suplícios – daí decorrem várias modalidades de punição por degola, envenenamento, estrangulamento, mutilação e outras formas. Todos estes crimes podem ser classificados com hediondos e são aplicados pelo carrasco / assassino e/ou pelo torturador/infame.

Esta tão diversificada técnica de perseguição, de castigo e morte, se processa através de uma rede de informantes – os delatores e os subornados, que selecionam os suspeitos e utilizando instrumentos de tortura, infligem refinados golpes de lâmina, de machado, de pauladas, recorrendo ainda ao chicote, à corda e aos ganchos assim rolam cabeças, olhos são arrancados, objetos são arremessados, chegando mesmo a desfigurar as pessoas. Na maioria das vezes, o personagem de toda essa barbárie é o imperador, que assume o trono e passa a ser o verdadeiro senhor do mundo. É comum na narrativa, principalmente em Tibério, Calígula, Nero, Galba, Vitélio e Domiciano, o crime atingir proporções tão desumanas que se transforma em verdadeiro massacre, fora de batalhas sangrentas em período de guerra. Este grau de crueldade leva os pesquisadores, como Cizek, adota para a questão dos vícios dos imperadores uma categoria que coloca, de um lado, os príncipes – “humanitas” e os monstros “inhumanitas”. Suetônio narra, na biografia de Tibério, que este mandava precipitar os condenados, no lugar das execuções, (que segundo o biógrafo, “vê-se ainda em Capri”) na sua presença, depois de tê-los feito sofrer os mais longos e refinados martírios: “carnificinae eius ostenditur locus Capreis, unde damnatos post longa et exquisita tormenta praecipitari coram se in mare iubebat, excipiente classiariorum manu et contis atque remis elidente cadauera, ne cui residui quicquam inesset”¹⁰.

¹⁰ Vê-se, ainda, em Capri, o lugar das execuções de onde ele mandava precipitar os condenados, na sua presença, depois de tê-los feito sofrer os mais longos e refinados martírios; um grupo de marinheiros recebia as vítimas e espancava os cadáveres, a golpes de varas e de remos, temerosos de que ainda lhes restasse algum sopro de vida.

Esta insegurança, marcada pelo humor dos imperadores, e que se transforma em pânico para os que o rodeiam, não é certamente o ideal de nenhum ser humano pois ninguém aceitaria o fato de sofrer qualquer tipo de tortura, ainda que incorresse em pena. Politicamente, estas ações desvairadas de homens incosequentes criam um sistema de força – o autocratismo – que Suetônio deliberadamente explora nas biografias dos Césares, em grande escala, rompendo com todas as convenções e/ou prováveis acordos e tratados que pudessem impedi-lo de desmascarar tantos horrores.

O clima de pânico, em (oposição à serenidade), que marcou este período do governo dos Doze Césares, chamado “século de ferro”, é relatado por Suetônio como se quisesse advertir o povo romano sobre este regime, que ainda vigorava, pelo fato de ter sido substituído por uma nova dinastia, com novas propostas e projetos. Percebe-se claramente, que, embora Suetônio reconheça a virtudes de alguns imperadores (fato a que já nos referimos antes) não existe nenhuma demonstração de que ele aprove o regime autocrata; também não poderemos afirmar que Suetônio tenha nutrido algum tipo especial de aversão por alguns imperadores ou de especial admiração incondicional – (mas há fortes indícios de apreço por Augusto, Óton, Tito e Vespasiano) contudo é lógico observar que o biógrafo parece aliviar-se (pelo conteúdo da narrativa) quando ao descrever uma vida, encontra ali algo que testemunhe o bem-estar social e a paz.

Talvez suas preferências se acentuem entre os imperadores da casa flávia – os textos não se alongam aí em narrativas de vícios, a não ser em Domiciano, assim mesmo, este, considerado crudelíssimo, é poupado, considerando ainda que na narrativa de Tácito, referente ao mesmo imperador a descrição da vida deste é bem mais contundente. A biografia de Óton é tão humana, quase terna que vale a pena transcrever o emocionante episódio de sua morte e perceber o sensível do biógrafo para com aquele príncipe – “multi praesentium militum cum plurimo fletu manus ac pedes iacentis exosculati fortissimum uirum, unicum

imperatorem praedicantes, ibidem statim nec procul a rogo uim suae uitae attulerunt” – muitos soldados presentes, beijaram-lhe as mãos e os pés, banhados de lágrimas, chamando-lhe herói e modelo de imperador; e se suicidaram, subitamente, não longe da sua pira. (p.30)

A narrativa prossegue com a chegada de outros soldados ausentes que, ao saberem da notícia, se chocaram tanto que se mataram entre si com as próprias armas. E concluindo o texto, Suetônio comenta que grande parte daqueles que o haviam detestado (Óton) em vida, elevaram-no às nuvens depois de morto – e arrematando: “Galbam ab eo non tam dominandi quam rei.p. ac libertatis restituendae causa interemptum” (Idem) - tanto assim que corria a versão de que, se assassinara Galba, teria sido menos pela ambição do poder do que para restabelecer a república e a liberdade. Como poderíamos interpretar este final da biografia de Óton? Em primeiro lugar devemos identificar o respeito de Suetônio pela autoridade deste, que ele considera um homem sem ambição, com um perfil assim descrito por Cizek: “héros véritable, c’est à dire, humain, donc astreint a certains vices...” Mas há diversas opiniões e especulações, divergências e contradições, quanto a subjetividade do biógrafo em *Vidas* – neste episódio, por exemplo, não encontraríamos, em suposição outro autor deste comentário final na biografia de Óton. Ficaria muito vago aceitarmos a idéia de que o responsável pela afirmativa “tanto assim que corria a versão de que se (Óton) assassinara Galba, teria sido menos pela ambição do poder do que para restabelecer a república e a liberdade” (p. 332) – seria outro senão Suetônio.

Para nós está evidente uma manifestação ideológica que busca o direito à liberdade e à consequente acusação de tirania a Galba. Suetônio isenta Óton de qualquer culpa, em nome da liberdade; isto é envolvimento político, é ideal, é senso crítico e engajamento social.

Neste trecho sentimos viva a participação do biógrafo, ele próprio, ainda que apoiado nas fontes, como autor desta famosa versão. Suetônio parece querer identificar uma luz para seus anseios de paz e liberdade e então se apoia em Óton, que ele considera melhor que a

maioria dos outros Doze. A afinidade política entre Suetônio e Óton é constatada por Cizek: “ce dernier empereur avait milité pour un état monarchique renforcé tout en ménageant la ‘concordia ordinum’, c’est à dire exactement l’idéal politique de Suétone”. (1977, p. 173)

O estado de espírito do biógrafo, porém, não é o mesmo que se revela em relação ao imperador Óton, quando Suetônio biografava um imperador como Tibério. O comportamento político de Suetônio assume uma posição de censura firme e de denúncia clara na própria formulação do texto acusatório. No capítulo 59 da biografia do referido imperador, Suetônio sintetiza uma atitude de dissimulação – característica do príncipe nestes termos: “multa praeterea specie grauitatis ac morum corrigendorum sed et magis naturae optemperans ita saeue et atrociter factitauit, ut nonnulli uersiculis quoque et praesentia exprobarent et futura denuntiarent mala”. (p. 162) - sob o pretexto da autoridade da correção dos costumes, porém muito mais para satisfazer seus impulsos naturais, cometeu com frequência muitas crueldades e atrocidades, que alguns, em versos, lhe censuraram presente e lhe predisseram o futuro.

Alguma outras referências à crueldade dos imperadores pode nos dar a dimensão do poder que exerceram alguns príncipes – monstros. Em Calígula: “fratrem Tiberium inopinantem repente immisso tribuno militum interemit; Silanum item socerum ad necem secandasque nouacula fauces compulit”(p. 240) - resolveu liquidar inesperadamente seu irmão Tibério, mandando assassiná-lo por um tribuno militar; forçou seu sogro Silano a suicidar-se, golpeando a garganta com uma navalha.

6. A NARRATIVA DA MORTE DOS DOZE CÉSARES

A ação política que decorre do exercício do poder nos governos imperiais dos Doze Césares, além de original, se tomada em conjunto, forma um novo gênero político na Antigüidade, embora tenha recebido influência das civilizações anteriores a Roma, que, com exceção da Grécia, localizam-se no Oriente. Nestas civilizações destacam-se a grande atividade da produção agrícola, e, para a época, o avanço tecnológico alcançado na arquitetura, na astronomia, na engenharia, na medicina e nas letras e artes em geral. Após um longo período de prevalência destes povos, que criaram regimes do governo imperial ostentando os títulos de faraó ou sátrapa, soberano, rei ou imperador, o espaço político desenvolvimentista passa a ser ocupado pela ascensão das duas potências ocidentais – Grécia e Roma. Mas é obrigatório lembrar historicamente que, em muitas regiões de Antigüidade, criaram-se modelos de gestão administrativa e burocrática, de regime teocrático-monárquico, que encantaram outros povos mais recentes. O estudioso de Suetônio, Martin, anota esta impressão de uma forte influência do modelo oriental entre os imperadores, como uma forma e uma contribuição a mais para comentar o regime tirânico dos mesmos. “La dominatio” de Néron est, dans ses principes idéologiques, dans le droit fil de celle de Caligula: elle s’inspire largement du modèle oriental, et cette fascination se manifeste, par exemple, dans les fastes déployés pour la visite du roi mage arménien Tiridate, à Rome, en 66”. (MARTIN, 1991, p. 297) Engel / Palanque também analisam esta tendência em imitar o regime monárquico oriental, de concepção absoluta e do sagrado em Calígula: “ele sonhava com Alexandria e queria ser o “rei dos reis”, “irmão dos deuses”; como os reis do Egito, casava-se com as irmãs e dava-se o direito de ser casar com todas as mulheres; considerava que a vida e o bem de seus súditos lhe pertenciam e que seus caprichos tinham força de lei”. (p. 48) Mas é nesta passagem ainda retirada em Engel / Palanque que percebemos a verdadeira intenção do

imperador Calígula: “desejava que o seu absolutismo inspirasse a adoração e o terror, procurando incutir medo com o olhar.” (idem)

Há ainda o testemunho das inscrições, cujos textos se referem a Nero com o título de “autocrator” ao lado de “imperator”. Novamente em Martin, na “Conclusão” de sua obra “Les Douze Césars” – du mythe à la réalité – o autor aponta, em sua análise final sobre o estilo de governo de Calígula, dentre outros fatores, a questão da influência da monarquia teocrática sobre os romanos, lembrando que o avô desse imperador, Marco Antônio, triumvir, tinha aspirado àquele regime oriental.

“... de prendre en considération l’influence de la monarchie théocratique à laquelle avait aspiré son grand-père, Marc Antoine, le triumvir, aimant de Cléopâtre” (MARTIN, 1991, p. 390).

Na biografia de César, Suétônio narra uma passagem em que se verifica uma profunda admiração do imperador Alexandre Magno, expressa com estas palavras: “apud Herculis templum Magni Alexandri imagine ingemuit et quasi pertaesus ignaviam suam quod nihil dum a se memorabile actum esset in aetate, quam iam Alexander orbem terrarum subegisset”¹¹.

Em Roma, com as vitórias de César sobre seus inimigos, instaura-se o regime imperial, cuja característica mais notável será a marca da universalidade no contexto de “populus romanus”. Embora a atuação dos imperadores estivesse concentrada na URBS, seus atos perpassam e ultrapassam as fronteiras de Roma, atingindo os lugares mais afastados do poder central, numa extraordinária miscigenação de raças e povos. Na verdade, os príncipes romanos, neste processo de conquistas políticas, assumem um poder igual ou maior que a maioria das civilizações antigas. Este dinamismo se revela na efervescência política das intrigas palacianas, no deslocamento dos soldados e legionários; cresce e se acentua uma

¹¹ no templo de Hércules encontrou uma estátua de Alexandre, o Grande. Diante dele lamentou-se e confessou-se, como se tivesse fraquejado, que nada havia feito ainda de memorável, numa idade em que Alexandre já havia dominado o mundo.

rotina burocrática dos funcionários do império e se alarga cada vez mais em busca da consolidação do poder e da conseqüente unidade política. O ofício do imperador era o de assumir o império com toda sua complexidade – desde os problemas domésticos até as relações diplomáticas; controlava pois o comando político, social, econômico e religioso.

A noção política, então, era o IMPERIUM ROMANUM, e a noção geográfica o ORBIS ROMANUS, tanto que Rutílio Numanciano, percebendo a expansão territorial e política do Império cantaria em versos: “fecisti patriam diversis gentibus unam; Urbem fecisti quae prius orbis erat”¹².

A alucinante movimentação que se desenvolve em “As Vidas dos Doze Césares”, de Suetônio expressa muito bem esta idéia dos componentes do poder em contínua atividade política, num cenário em que desfila uma série de informações e crônicas a partir do nascimento até a morte dos príncipes, com detalhes específicos e narrativas tensas.

A falta de discrição, invadindo a privacidade dos “ilustres” biografados é realmente estupenda. A descrição da vida e da morte manifesta a dimensão da importância, do valor e do desempenho político pessoal de cada imperador; o nascimento projetado, pela genealogia, o futuro do “iluminado” – a morte, reserva para os bons, aqueles que praticam a virtude, a glória: ritual fúnebre, elogio oficial, homenagens póstumas; para os que se entregaram ao vício – o pânico dos presságios, os arúspices, a inquietação, as enfermidades graves, a condenação, o anonimato, a morte sem glórias, a ameaça do lançamento ao Tibre...

O cotidiano do imperador compreende o culto aos deuses, a supervisão das atividades políticas e militares, a aplicação da (in)justiça, a infratores ou suspeitos de crimes julgados pela vontade pessoal do imperador, concessão de mordomias com despachos oficiais para amigos e castigo para os adversários, ou perdão para estes, quando se submetem; acrescentando ainda o controle de motins (mesmo através de violência, criando outros

¹² Fizeste das mais distantes nações uma só pátria; e do que antes era o universo, fizeste uma cidade.

conflitos) comemoração de vitórias, planejamento estratégico para derrotar o inimigo, participação em jogos e espetáculos. Toda esta energia palaciana, no cenário biográfico de Suetônio, é mostrada em lances, às vezes velozes, às vezes lentos, mas sempre na direção de “pintar” a transparência do poder e do prazer, que constituem a essência das biografias; muitas vezes a narrativa é sagaz e irônica; dificilmente dirige-se para o campo do simplório ou da ingenuidade – os elementos que fotografam o corpo e o espírito dos imperadores são compostos de um misto de onírico, inverossímil, fantasmagórico, mítico, com objetivo de justificar o comportamento imaturo de vários príncipes autocratas, marcado pela insegurança, pela fragilidade, pela superstição e pelo fanatismo.

A inovação política que se estabelece na época júlio-claudiana e flaviana consiste sobretudo na ausência do herói nacional, modelo semideus, guerreiro legendário, imbatível pela sua forma física, e pelas qualidades e valores morais tais como a honra pessoal, da família ou de um grupo político.

Retornando à originalidade a que nos referimos em uma passagem anterior, observamos que, além do supracitado, o diferencial que nos leva a pensar em um novo gênero político reside na variedade de estilos e na sofisticação das administrações imperiais.

A partir de César imprime-se um ritmo de governo mais planejado, mais organizado, e mais ousado. Seu comando e capacidade de conquistas servem muito bem à unificação de povos, não à divisão, como era de costume entre os antigos.

O início de uma dinastia com esse general será o fundamento da construção de um imenso império, similar àquele conquistado por Alexandre, uma monarquia absolutista que conduzirá por muitos anos o povo romano. O novo regime, substituto da República, será centralizador, rigorosamente absoluto no sentido de que o príncipe, além do poder temporal é também divinizado, e, como tal concentra em si o comando que daqueles poderes emana de forma integral.

A narrativa da morte dos imperadores apresenta nas biografias de Suetônio, de um modo geral, um tom individualizado que a diferencia de outras narrativas de igual gênero e de outros historiadores sobre esse mesmo tema. Não há aqui a riqueza de detalhes específicos, sofisticados ou longamente comentados sobre o ritual da morte – não há a celebração oficial anunciada com pompa – o tema é generalizado, contrastando com os demais ciclos das biografias, em que o detalhe é rico e variado. Suetônio abstém-se de um ornamento de texto para a ocasião em que o “solene” representa, pelo funeral, a ostentação e o louvor, como convém ao ritual das cerimônias religiosas fúnebres da Roma Antiga.

O conteúdo do texto narrativo é propositadamente árido, curto, como se o assunto não tivesse a importância que o cargo de um imperador exigisse. Essa quase impassibilidade, que para os críticos poderia ser analisada como estilo pobre, denota, ao contrário, uma atitude independente por parte do autor, diante de magnificência representada pelo falecido; a instituição que o imperador preside constitui, pelas regras oficiais, a prerrogativa de receber homenagem especial por ocasião dos funerais, apesar de às vezes injusta, inadequada, imprópria. Suetônio não aprova a bajulação; se assim o fosse este seria o momento de enaltecer o império e os imperadores cercando-lhes de honrarias, glórias, e muito respeito.

Poderíamos avançar, avaliando a simplicidade da narrativa da morte como uma indiferença ou uma espécie de protesto silencioso, mas certamente firme e contundente.

As biografias imperiais de Suetônio não registram comumente a opção do diálogo em forma de boa convivência entre os príncipes e os seus súditos. Excepcionalmente, encontram-se, em algumas passagens, narrativas amenas de atos de bondade, temporários, logo transformados em atos de maldade ou de crueldade espantosa, principalmente com Tibério, Galba, Vitélio e Domiciano.

Um destes momentos é narrado no capítulo XXXIII de Tibério. Nesse trecho, o autor informa que Tibério, pouco a pouco assume o comportamento adequado a um príncipe e

inicia um governo numa linha de ação conveniente e adaptada ao interesse público, e que, a princípio, só intervinha para coibir irregularidades, além de tomar outras atitudes que direcionavam o império para a tranqüilidade e estabilidade, chegando mesmo a corrigir os prováveis abusos dos costumes públicos. Mas no capítulo XLII, Suetônio narra a transformação radical que se operaria no comportamento do príncipe: “ceterum secreti licentiam nactus et quasi ciuitatis oculis remotis, cuncta simul uitia male diu dissimulata tandem profudit de quibus singillatim ab exordio referam (...)”¹³. Também em Domiciano há alusões sobre um comportamento ético e justo, em um momento, e em outra passagem, surge outro Domiciano cruel e assassino. Observemos os dois textos: A) “ius diligenter et industrie dixit, plerumque et in foro pro tribunali extra ordinem; ambitiosas centumuirorum sententias rescidit”¹⁴. O “Fórum”. B) “sed neque in clementiae neque in abstinentiae tenore permansit et tamen aliquanto celerius ad saeuitiam desciiuit quam ad cupiditatem”¹⁵.

O exercício do poder dos príncipes circunscreve-se a eles próprios; a figura do áulico bajulador exigia um comportamento fiel e irrepreensível junto ao imperador. Cumpra-se a ordem deste, não as ordens legais e institucionais do império. Esta é a verdadeira consolidação da tirania, comentada por Suetônio, na biografia de César. A “conjuração” aparece aqui em resposta a esta forma de atuação absolutista, como veremos nesta passagem fortemente associada ao poder monárquico. Transcreveremos uma parte do texto em que se confirma tal realidade.

Praegrauant tamen cetera facta dictaque eius, ut et abusus dominatione et iure caesus existimetur. Non enim honores modo nimios recepit: continuum consulatum, perpetuam dictaturam praefacturamque morum insuper praenomen imperatoris, cognomen patris patriae.¹⁶

¹³ favorecido por um retiro que lhe oferecia toda espécie de libertinagem, e que, por assim dizer, o escondia dos olhares da cidade, deu finalmente, vazão a todos os vícios que mal dissimulara durante muito tempo; vou enumerá-los um a um desde o início. (SUETÔNIO, 1983, p. 132, tradução nossa)

¹⁴ exerceu a justiça com diligência e zelo; dava, até, freqüentemente audiências extraordinárias no seu tribunal. SUETÔNIO, 1993, p. 85, tradução nossa)

¹⁵ não permaneceu, porém, nem no caminho da clemência nem no da abstinência, todavia se voltou mais rápido em direção à crueldade do que para a cupidez. (SUETÔNIO, 1993, p. 87, tradução nossa)

¹⁶ todavia outros atos e palavras suas nos obrigam a acreditar que tivesse abusado do poder e tivesse merecido a morte, pois não só aceitou honras excessivas, mas também o consulado contínuo, a ditadura perpétua e a prefeitura dos costumes, sem contar o prenome de imperador e sobrenome de pai da pátria. (SUETÔNIO, 1981, p. 151, tradução nossa)

A constituição do principado, segundo o que se pode deduzir da documentação histórica e da produção literária latinas, funcionava como um poder absoluto que se fazia cercar de conselheiros escolhidos pelos próprios imperadores; funcionava mais ou menos como o “consilium” romano, além dos assessores próximos a eles, tais como os favoritos, bajuladores e familiares. A estes, como Suetônio cita na biografia de César, não se aplicava severamente a lei: “decem praetoris uiris consularia ornamenta tribuit, ciuitate donatos et quosdam e semibarbaris Gallorum recepit in curiam. Praeterea monetae publicisque vectigalibus peculiares seruos praeposuit trium legionum, quas Alexandriae relinquebat, curam et imperium Rufioni, liberti sui filio exsoleto suo demandauit”¹⁷. As relações sociais e administrativas só existiam a partir do momento em que se ouvisse a voz e o comando do príncipe; não havia grupos sociais privilegiados ou que tivessem participação efetiva na administração imperial, apesar de alguns casos isolados de delegação do imperador. O senado e a ordem equestre eram meros coadjuvantes do império; portanto, ao imperador interessava o seu poder, à sua maneira. Suetônio apresenta essa realidade, narrando fatos diversos de relacionamento pessoal e público do imperador com parentes, amigos e pessoas comuns, os quais submetiam a todo tipo de subserviência e desrespeito à dignidade e à cidadania. Como exemplo, temos um episódio familiar narrado no início do capítulo LXI da biografia de Tibério. “Mox in omne genus crudelitatis erupit, numquam deficiente materia cum primo matris, deinde nepotum et nurus, postremo Seiani familiares atque etiam notos persequeretur.”¹⁸

¹⁷ concedeu paramentos consulares a dez antigos pretores; agraciou com direito de cidadania, recebendo-os na cúria, gauleses e semibárbaros; da mesma maneira encarregou os próprios escravos da direção da moeda e dos tributos públicos. A rufião, filho de um seu libertos, e seu favorito, entregou a gerência e o comando de três legiões que deixara em Alexandria. (SUETONIO, 1981, p. 52, tradução nossa)

¹⁸ Logo manifestou-se em toda a espécie de crueldade – não lhe faltou assunto; primeiro perseguiu os amigos de sua mãe, depois os de seus netos e sua nora, e por fim os familiares de Sejano e até mesmo os conhecidos. SUETONIO, 1983, p. 166, tradução nossa)

Na sua composição política a autocracia imperial não tinha aliados nem grupos de oposição formalmente organizados; qualquer indivíduo, qualquer organização ou facção, independentemente de sua condição de escravo ou livre, corria o risco de cair em desgraça do castigo, do suplício ou da condenação injusta; seria suficiente a suspeita para que se concretizasse um ato arbitrário e conseqüente eliminação da vítima.

A democracia era o ato ilegal, injusto, em oposição à autocracia, que se apresentava como ato legítimo e legal, justo e definitivo. Acompanhemos este texto:

In paucis diebus quam Capreas attingit piscatori, qui sibi secretum agenti grandem mullum inopinanter obtulerat, perfricari eodem pisce faciem iussit territus quod is a tergo insulae per áspera er deuia erepsisset ad se gratulanti autem inter poenam, quod non et lucustam, quam praegrandem ceperat, obtulisset lucusta quoque lacerari os imperavit.¹⁹

Suetônio, na descrição da morte dos imperadores supracitados, irá transformar em despojos toda a aura, todo o poder autocrata, despoticamente exercido pelos Doze, em uma desmitificação tal que a plenitude da autocracia vai se diluindo aos poucos, resistente como em Nero e Galba, mas firme na sua missão de desmornar uma fortaleza que parecia imbatível. Os textos vão desfilando atos e atitudes dos imperadores mencionados, narrados favoravelmente em defesa do certo, do justo do digno para o bem comum e assim expondo o caráter absolutista dos mesmos; portanto, a narrativa estabelece uma tumultuada relação entre o bem e o mal, o vício e a virtude, o ético e o aético, o justo e o injusto.

A obstinação da força mandonista irá gerar rebeliões e conspirações de todas as partes, que terão em contrapartida punição e vingança de ambos os lados. Todo este cenário, embora negativo, se projeta em direção à justiça e a liberdade, pois o regime não escolhia nem perdoava nenhum daqueles que estivessem sob a dominação do tirano. A morte foi a etapa final da luta entre o poder desmedido e a liberdade. Nela, o autor se apóia para comemorar a

¹⁹ poucos dias após sua chegada a Capri, no momento em que se achava só, um pescador lhe ofereceu de repente um enorme salmão. Tibério mandou esfregar-lhe a cara com o próprio peixe, amedrontado como estava, de que esse pescador viesse ter junto a ele, por trás da ilha, subindo para as rochas escarpadas. O pescador, ao sofrer a pena, felicitou-se por não lhe ter apresentado também, uma grande lagosta que havia pescado. Igualmente mandou-lhe rasgar as faces com a própria lagosta. SUETONIO, 1983, p. 164, tradução nossa)

liberdade, tendo nas biografias mencionadas a maior expressão da vitória obtida pela reação popular.

6.1. A MORTE DE TIBÉRIO

Como o nosso objetivo nesta tese é a apreciação comentada das biografias dos “Doze Césares”, tomando a direção de comprovar o autocratismo nestes mesmos imperadores (sempre é útil repeti-lo), pensamos que não existe um fato mais evidente, a partir de uma leitura e de uma análise atentas, de que Suetônio soube traçar psicologicamente o comportamento social dos príncipes na sua forma mais realista. Partindo do nascimento de cada um deles até chegar à morte, Suetônio apresenta um curriculum “vitae” diferente do que seria comum entre os governantes, pois os dados essenciais são acompanhados de outros similares integrantes e acessórios.

Observamos que há uma conjugação de duas existências, trazendo à luz para conhecimento de todos a exposição de uma vida com tudo de bom ou mau que ela possa acarretar, virtude ou vício, ou ambos em convivência diária.

As dúvidas sobre a causa mortis do imperador, suscitadas pelo seu comportamento excêntrico, ensimesmado, extravagante e caprichoso levam Suetônio a reunir as especulações sobre os últimos instantes de vida de Tibério, narrando-as de forma hesitante a ponto de criar um clima realmente sinistro para o leitor. Eis, pois as versões sobre o fim do imperador – elas retratam um tipo de retaliação bem arquitetada levantando dúvidas aqui e ali, e assim diluindo as suspeitas. Teria sido Calígula o mandante do crime? O veneno teria sido o meio mais eficaz? Quais as reações dos que cercavam e defendiam o imperador? Por que a hipótese de ter sido asfixiado com um travesseiro – os conjurados tiveram alcance aos aposentos imperiais? Quais teriam sido realmente as causas deste ódio implacável? É neste sentido que visualizamos Suetônio juiz, colhendo informações, refazendo-as, arriscando um julgamento, aqui certamente com o auxílio de suas fontes... Antes porém deste desfecho, Suetônio já tem preparado o perfil irrequieto de Tibério que talvez possa explicar seu trágico destino: por várias ocasiões distancia-se de Roma, indo para a Campânia, logo após a morte dos dois

filhos, ou para Capri especialmente – lembrando que seu interesse pela ilha nada teria de um lazer saudável, pelo fato de sentir atração pelo exotismo da mesma: Era de difícil acesso, rodeada de rochas escarpadas e altas e um mar bem profundo; volta a Roma mas isola-se e não recebe aqueles que o procuravam; retoma a Capri negligenciando os negócios internos e externos do Império.

Esta personalidade desencontrada que se transforma em uma excessiva licenciosidade é mais um traço de abuso de poder assim expresso por Suetônio.²⁰

Esta última observação de Suetônio “vou recordá-los, um por um”, encobre um desejo ardiloso de tornar pública a vida desregrada de Tibério, enfatizando o vício, quando na verdade, no momento final de qualquer pessoa, a tendência é a ocultação de coisas depreciativas para não macular a honra do falecido. Suetônio rompe com todos os elogios e com o reconhecimento das virtudes que ele foi recolhendo ao longo da narrativa – é neste final que ele define o verdadeiro Tibério autocrata, portanto cruel e desmedido, e fazendo uma espécie de contra ataque, desfecha golpes de ordem moral sobre o truculento imperador que não facultava às pessoas o direito de viver dignamente. – Observemos algumas passagens deste desabafo do autor: Suetônio não é somente um juiz formal, mas um potencial acusador, sequer se preocupando em referir-se às fontes dos delitos tiberianos. Mas antes de relembrar os fatos, examinemos em síntese este último trecho – denúncia de Suetônio:

- Tibério é favorecido por um retiro não por direito mas por sua própria vontade –
- a libertinagem não integra os atos úteis e normais de um homem público.
- a reclusão de Tibério implica em possibilidade de desgoverno e crise por irresponsabilidade de quem detém o controle de um império.

²⁰ Ver nota 13.

– os vícios de um imperador só seriam possíveis se ele não exercesse comando; o fato de tê-los cometido só para concentrar poder ilimitado, é o mais grave, segundo o que se entende nas entrelinhas da narrativa.

O ponto decisivo da narrativa biográfica em Tibério é firmado nesta passagem que acabamos de comentar, e atua em três aspectos caracterizadores da vida privada de Tibério – obviamente que refletindo sobre sua vida pública: a pedofilia o homossexualismo e o adultério.

É fortemente realista a descrição do relacionamento do imperador com as pessoas que “escolhe” para que sejam suas “vítimas” – elas não têm opção, não têm vontade e liberdade; são meros objetos de um capricho que arrasta consigo a ignomínia, o desprezo e a desgraça. Apenas uma cena do abuso de poder poderia nos demonstrar a dimensão de tudo que Suetônio chama “dar impulso a todos os vícios”.

A impessoalidade do fragmento da narrativa “fertur etiam” não desqualifica a veracidade do texto, certamente extraído de alguma informação confiável:

fertur etiam in sacrificando quondam captus facie ministri acerram praefereutes nequissime abstinere, quin paene uixdum re diuina peracta ibidem statim seductum construparet simulque fratrem eius tibicinem – atque utrique mox, quod mutuo fragitium exprobrarant crura fregisse.²¹

Há algumas questões que reforçam o já tão aludido poder abusivo de Tibério, neste último trecho

- violação dos costumes dos ancestrais pelo desrespeito ao ritual religioso, presidido pelo imperador

- a incontinência como comportamento anômalo em um momento de austeridade e recato

- o autocratismo incondicional e evidente – só pela força do cargo conseguiria seu intento - ao comportar-se como um carrasco diante de duas pessoas indefesas

- a autosuficiência decorrente do acontecimento de que praticava uma ação abominável mas não admitindo censura.

Os momentos que antecedem a descrição da morte de Tibério são assinalados por um conjunto de situações perturbadoras e de sobressaltos tais que os historiadores narram versões diferentes da morte deste imperador como se observa no texto suetoniano. Primeiro momento: “sed tempestatibus et ingrauescenti ui morbi retentus, paulo post obiit in villa Lucullana, octavo septuagesimo aetatis anno, tertio et vicesimo imperii XVII kal. ap. CN. Acerronio Proculo C. Pontio Nigrino cons²²”. Segundo momento: “sunt qui putent uenenum ei a Gaio dactum lentum atque tabificum”²³. Terceiro momento: “alii, in remissione fortuitae febris cibum desideranti negatum”²⁴. Quarto momento: “nonnulli puluinun iniectum cum extratum sibi deficienti anulum, mox resipiscens requisisset”²⁵.

Uma análise de Martin sobre o homem e o poder é bem pertinente, neste momento, quando iniciaremos a apresentação do trecho alusivo à morte de Tibério: “l’exercice du pouvoir absolu est une fonction fascinante entourée d’un cortège d’images mythiques comme celle de l’individu qui peut assouvir tous les désirs et qui, le plus souvent, n’a pas de comptes à rendre”. (Martin, 1991, p. 273) Com este quadro cênico é possível imaginar que Tibério, tendo vivido esta grande sensação de dono do mundo e, contudo, aproximando-se o fim, é obrigado a deixar o palco, entregar o palácio, reconhecer a queda do mito e depor as armas.

Esta afirmação de Martin, observada sob a ótica do papel diante de corpo político e social, encontra, na narrativa da morte de Tibério, uma face do conceito de poder, que se adequaria fielmente à referida narrativa. Tal conceito só não se completaria se aceitássemos

²¹ Da mesma maneira, lembra-se que, ao oferecer certo dia, um sacrifício, seduzido pela beleza daquele que lhe apresentava o incenso, não pôde se conter e, apenas terminada a cerimônia, mandou pô-lo de lado e o desonrou imediatamente, assim como a seu irmão, que tocava flauta. (SUETONIO, 1983, p. 138, tradução nossa)

²² retido pelas tempestades e pelo agravamento da doença, morreu pouco depois, numa “vila” de Lúculo, com setenta e oito anos de idade e vinte e três de império, aos dezessete dias das calendas de abril, sendo cônsules Cnéio Acerrônio Próculo e Caio Pôncio Negrino. (SUETONIO, 1983, tradução nossa)

²³ alguns acham que foi lhe dado por Gaio um veneno lento e destruidor. (idem)

²⁴ outros achavam que foi asfixiado no travesseiro, e que voltando a si, procurava o anel que lhe fora tirado durante o desmaio. (idem)

que qualquer ato de Tibério tivesse sido involuntário, ou que fosse resultado de uma situação fantástica na mente do governante ao assumir o poder. Nós acreditamos que Suetônio, neste enredo, desnuda a face negativa de autocrata em Tibério, de forma radical, excluindo justificativas, sem nenhuma abertura de espaço e sem nenhuma absolvição.

Selecionamos alguns trechos da biografia deste imperador, momentos esses em que se confirma a intenção de Suetônio em relatar a espantosa realidade do caráter tiberiano. Assim descobrimos na biografia deste príncipe o perfil ideológico do tirano, por partes, enunciado e exposto para juízo do leitor. 01 – “Nullus a poena hominum cessavit dies, ne religiosus quidem ac sacer.”²⁶ 02 – “Interdictum ne capite damnatos propinqui lugerent.”²⁷ 03 – “Decreta accusatoribus praecipue premia nonnumquam et testibus.”²⁸ 04 – “Omne crimen pro capitali receptum.”²⁹ Em Tibério, a descrição da morte não inclui um “elogia” – Suetônio narra um texto dramático-trágico evidenciado pelo clamor, até então abafado, de oposição ao tirano. O fim não tem glória nem heroísmo; não há disfarce, lamentações e orações fúnebres - não há lirismo, porque as flautas não soam no ato de encomendação do defunto. O cortejo triunfal, como convém a imperadores, não mereceu atenção.

Não se registram o “fundus indicativum” ou funerais mais solenes aos imperadores, como, por exemplo, em Cláudio – “funeratusque est sollemni principum pompa et in numerum deorum relatus”³⁰ - seus funerais se efetuaram com a pompa devida aos imperadores e o incluíram no número dos deuses.

Ao relatar a morte de Tibério, Suetônio recolhe duras e frias imagens de uma condenação final que registraremos, após algumas considerações sobre o texto da narrativa da

²⁵ alguns dizem que foi asfixiado no travesseiro, e que voltando a si, procurava o anel que lhe fora tirado durante o desmaio. (idem)

²⁶ não houve sequer um dia até mesmo os de caráter religioso, em que ele deixara de aplicar suplícios. (SUETONIO, 1983, tradução nossa)

²⁷ era proibido aos parentes que chorassem pelos condenados à morte. (idem)

²⁸ prêmios valiosos muitas vezes foram conferidos aos acusadores e às testemunhas. (idem)

²⁹ todo o delito era considerado capital

³⁰ Seus funerais se efetuaram com a pompa dos imperadores e foi incluído no número dos deuses. (idem)

morte. E Cizek (1977) ensaia, para o príncipe, um retrato psicológico: “la balance penche précisément du côté d’un jugement défavorable”. (p. 140)

A circunstância do momento final de uma pessoa cria normalmente situações de recolhimento, dor, pranto e saudade. No texto da morte de Tibério, Suetônio substitui esta fragilidade humana e transfere toda esta emoção para o plano de uma realidade concreta - uma movimentação popular contra aquele que fora condenado, conforme o texto, inimigo do povo, pela crueldade e atrocidade. A massa que se reuniu ante a notícia da morte de Tibério sustenta e apóia uma verdadeira reação ao tirano, levando-o ao estado de desprezo e condenação total. Estabelece-se assim um verdadeiro caos “post mortem” traduzido em força moral vitoriosa, resposta política até então inviável em Tibério vivo, evidenciada pela mobilização popular que se formou em torno de um cadáver e que se pretendia ficasse insepulto.

O morto, desta maneira, estará cercado em todos os flancos – não lhe caberá sequer o direito de descansar junto à mãe terra ou aos deuses manes. Sua morte será motivo de grande júbilo e a ele serão lançados improperios e palavras de ordem para que seja definitivamente confinado, exilado, banido da face da Terra.

A notícia da morte é motivo de alegria:

-“morte eius laetatus est populus”³¹.

- o mesmo povo pedia que se lançasse o imperador ao Tibre: “Tiberium in Tiberim”³².

- que não fosse recebido pelos deuses manes e que fosse mandado para a companhia dos ímpios: “pars terram matrem deosque manes orarent, ne mortuo sedem ullam nisi inter impios darent”³³.

- que o cadáver fosse trasladado e que fosse incinerado anfiteatro.

³¹ Sua morte alegrou o povo. (tradução nossa)

³² Tibério ao Tibre. (tradução nossa)

³³ uma parte orava à terra mãe e aos deuses manes que não concedessem ao defunto um lugar (de repouso) a não ser entre os ímpios. (tradução nossa)

- “corpus ut moveri a Miseno coepit, conclamantibus plerisque Atellam potius deferendum et in amphiteatro semiustilandum, Romam per milites deportatum est crematumque publicum funere”³⁴.

A composição do texto da morte de Tibério apresenta um delineamento rígido, quase funesto, fatídico, conjugado à frieza da narrativa, através de um quadro também tenebroso e trágico. Eis o texto com as palavras-chave em evidência:

Morte eius ita laetatus est populus, ut ad primum nuntium discurrentes pars-Tiberium in Tiberim- **clamitarent** pars terram matrem deosque Manes orarent, ne **mortuo** sedem ullam nisi inter impios darent, alii unicum et Gemonias **cadaveri** minarentur, **exacerbati** super memoriam pristinae **crudelitatis** etiam recenti **atrocitate**. Nam cum senatus consulto cautum esset ut **poena damnatorum** in decimum semper diem differretur, forte accidit ut quorundam **supplicii** dies is esset, quo nuntiatum de Tiberio erat. Hos implorantis hominum fidem, quia absente adhuc Gaio nemo extabat qui adiri interpellarique posset, custodes, ne quid adversus constitutum facerent, **strangulaverunt** abieceruntque in Gemonias. Crevit igitur **invidia**, quasi etiam post mortem **tyranni** saevitia permanente. Corpus ut moveri a Miseno coepit, conclamantibus plerisque Atellam potius deferendum et in amphiteatro semiustilandum, Romam per milites deportatum est crematumque publicum **funere**.³⁵

A constatação deste fato – de que a morte de Tibério foi motivo de alegria para o povo – decorre, talvez, do próprio temperamento do príncipe, avesso a expansões de popularidade, muitas vezes deixando Roma e retirando-se para Capri, por longo tempo, sendo, portanto, indiferente ao julgamento da opinião pública sobre seus atos e decisões. Os historiadores também afirmam que, em relação aos jogos públicos, de grande interesse e causa de movimentação popular, Tibério, ao contrário de outros imperadores, não incentivava tais jogos, mas até os desprezava. Martin, estudioso dos Doze Césares, justifica o comportamento do povo por ocasião da notícia da morte de Tibério.

³⁴ quando o cadáver foi removido para Miseno muitos conclamavam que era melhor leva-lo antes a Atela e queimá-lo no anfiteatro; foi levado por soldados a Roma e cremado em funerais públicos. (idem)

³⁵ de tal modo o povo se alegrou pela sua morte que, à primeira notícia, corriam para diferentes lados; uma parte gritando Tibério ao Tíbre e a outra pedia à mãe Terra e aos deuses manes que não lhe concedessem nenhum lugar de repouso a não ser entre os ímpios; outros o ameaçavam com as grades e as Gemônias, revoltados diante da lembrança de crueldade e da recente atrocidade. Como foi estabelecido por disposição senatorial que a pena dos condenados fosse adiada para o décimo dia era pensamento de todos que a pena de alguns infelizes estivesse sem efeitos desde o dia em que se soube da morte de Tibério. Ao transportarem-lhe o corpo de Misena, a maior parte do povo gritava “que era preciso conduzi-lo antes à Atela e queimá-lo no anfiteatro. Foi levado a Roma por soldados e cremado em funerais públicos. (SUETONIO, 1983, p. 192, tradução nossa)

(...) mais l'empereur, à Rome, comme lors de ses retraites, vivait coupé du peuple et c'est sans doute parce qu'il ressentait ce climat de haine que, plusieurs fois, il revint de Capri vers la côte de Campanie et même vers Rome, mais sans y entrer. Cette haine grossie par les six derniers années de terreur éclata violemment à la nouvelle de la mort de Tibère. (MARTIN, 1991 p. 322)

“Tyrannus” sobressai nesta biografia como forma de caracterização político-ideológica, como denúncia de uma situação incômoda que cerceava a liberdade de todos. Cizek (1977) aponta a presença deste título: “tyrannus occupe une place assez importante dans la biographie de Tibère, précisément là où Suétone décrit la joie et la haine suscitées par la nouvelle de sa mort”. (p. 137) A caracterização de Tibério como autocrata se encontra bem clara neste trecho de Suetônio, como se a partir deste momento, o imperador rompesse com todos os limites de um governo de normalidade – e Suetônio revela a transformação operada na mente de Tibério que se autoproclama um libertino e devasso “ceterum secreti licentiam nactus et quasi ciuitatis oculis remotis, cuncta simul uitia male diu dissimulata tandem profudit; de quibus singillatim ab exordio referam”³⁶.

Este vocabulário específico dá suporte ao clima criado por Suetônio na descrição do “horrendo”, voltado diretamente para a pessoa do imperador homem e não para o homem imperador. Não é preciso aprofundar a reflexão para perceber que, com este quadro podemos sentir a reação do autor ao autocratismo, sobretudo se levarmos em conta que ele pertencia à ordem equestre, cuja política não se ajustava àquela da aristocracia imperial. Além disso, as referências ao ato de liberdade, nas biografias, são bem evidentes no sentido de que esta se oporia àquela forma de governo acima relacionada.

Em Calígula é patente o regime absolutista quando Suetônio fala em restabelecer a liberdade: “et senatus in asseranda libertate adeo consensit”³⁷. Em Tibério: “quin etiam speciem libertatis quandam induxit”³⁸. Em Cláudio: “nam consules cum senatu et cohortibus

³⁶ Ver nota 13.

³⁷ e o senado decidiu unanimemente pelo restabelecimento da liberdade. (tradução nossa)

³⁸ e mais: até certo ponto manteve uma certa aparência de liberdade. (tradução nossa)

urbanis forum Capitoliumque occupaverant asserturi communem libertatem”³⁹ é muito adequado lembrar que, nas narrativas das mortes dos imperadores assassinados – César, Calígula, Galba, Vitélio e Domiciano – o biógrafo Suetônio arma uma espécie de tribunal jurídico que teve como antecedentes as partes de um processo recheado de todos ingredientes de um crime: criação do projeto de conspiração, a conspiração propriamente dita e assassinato final.

³⁹ os cônsules com o senado e as coortes tinham ocupado o fórum e o Capitólio para proclamar a liberdade comum. (tradução nossa)

6.2. A MORTE DE CALÍGULA

É surpreendente, e por isto mesmo não poderia passar despercebido ao analista mais atento, o fato de que a construção da narrativa biográfica suetoniana, cuja marca é a sagacidade e a habilidade da linguagem transparente, tenha o objetivo de atrair o leitor, utilizando o lúdico, o pitoresco e até mesmo o incomum e assim não revelar de todo seu intento. Para tanto, o biógrafo espera alcançar com sua tática política e engenho de idéias, uma liberdade de expressão até então inexistente no gênero biográfico.

Se observarmos atentamente as ações que provêm da reflexão política de Suetônio, concluiremos que elas se movimentam para dar ao interlocutor o máximo de informações sobre a vida pública e privada dos imperadores, com mais ênfase para esta última, como se quisesse demonstrar o vínculo indissociável entre elas.

Assim sendo, no universo da narrativa, o cotidiano oficial e privado dos príncipes é rememorado por Suetônio, com dados históricos da formação do Império e das relações institucionais, da política interna e externa, dos números econômicos do fisco, dos conflitos políticos, das relações familiares tensas, das práticas sexuais inimagináveis, dos crimes profissionais bárbaros, da rede de intrigas palacianas e dos aspectos religiosos – um verdadeiro caldeamento de informações – tudo isto atestado pela documentação a que teve acesso nos arquivos do Palácio, ou por fontes acrescidas de elementos de sua criatividade ou ainda informações idôneas de pessoas esclarecidas.

Examinemos alguns trechos em que se verificam essas considerações relatadas. Até o capítulo XXI da biografia de Calígula, Suetônio atua com moderação e boa disposição, enumerando ações, fatos e fenômenos propícios ao desempenho do príncipe, tanto sob o ponto de vista do governante como do homem comum. O autor vai “pintando” o imperador com tamanha perícia, como se ele, Suetônio, não alimentasse a mínima intenção de, posteriormente, desfigurar a autoridade máxima, tirando-lhe a máscara que escondia sua

personalidade cruel e assustadora. Mas, apesar de todo este zelo e fidelidade aos fatos, o biógrafo faz uma bombástica intervenção no início do capítulo XI, que se opõe integralmente à imagem até então positiva de Calígula. “naturam tamen saeuam atque probrosam ne tunc quidem inhibere poterat quin et animaduersionibus poenisque ad supplicium datorum cupidissime interesset”⁴⁰.

O autor retoma a narrativa, e como dissemos anteriormente, chegará até o capítulo XXI com esta engenhosa forma de aprovação quase total do desempenho de Calígula.

De repente, rompe-se a trégua, abre-se o palco e Suetônio, muito astutamente sentencia como um austero juiz: “hactenus quasi de principe, reliqua ut de monstro narranda sunt”⁴¹. A dimensão política desta dupla avaliação – o bem e o mal – é bem mais profunda do que possa entender-se por um registro de uma vida ilustre.

O final do segundo ato traz o veredito que encerra o jogo dúbio na farsa representada por Calígula com esta avaliação negativa – “passarei a falar sobre um monstro” o real e o figurativo se confundem e a sentença final resultará na destruição do príncipe e de tudo que o cerca.

Suetônio prossegue com o segundo ato, agora acusando sem nenhum rigor ético; o tom da narrativa progride, assume as proporções de um desabafo, de um acerto de contas; e o imperador Calígula se mostra o verdadeiro autocrata que Suetônio despreza:

είς κοίρανος εστω εις βασιλεύς

“que não haja aqui senão um só rei” – “nec multum afuit quin statim diadema sumeret speciemque principatus in regni formam converteret” e por pouco não toma o diadema, substituindo, assim, a aparência de príncipe.

⁴⁰ Todavia, já nesta época, não conseguia refrear sua natureza cruel e depravada; assistia com maior prazer à execução e aos tormentos dos condenados a morte. (tradução nossa)

⁴¹ até aqui falei sobre um príncipe, a partir de agora narrarei sobre um monstro. (tradução nossa)

O capítulo XXIX da biografia de Calígula é um autêntico testemunho do perfil psicológico do príncipe, e ao mesmo tempo o traçado ideológico de Suetônio no que diz respeito ao uso arbitrário do poder nos Doze Césares.

O autor estabelece uma ligação entre a índole cruel do imperador e a conseqüente monstruosidade das suas intenções que também, segundo a análise de Suetônio, incluíam a impassibilidade frente aos atos de reprovação que o príncipe cometeria. A narrativa expressa outras atividades voltadas para a incontida sede de poder que Suetônio assim reproduz: “lembra-te que me é lícito agir contra quem bem entenda” ou “memento, ait, omnia mihi et in omnis licere” Esta frase foi pronunciada em resposta à avó do príncipe que tentava dar-lhe conselhos.

Os episódios deste capítulo, caso fossem relatados em um ambiente de texto literário técnico, formal, talvez não nos transmitisse tão claramente a idéia da determinação contida em cada ato do príncipe, para que assim pudesse o leitor avaliar Calígula com mais profundidade e isenção. Suetônio ignora os recursos de estilo que possam causar emoção ou sentimentos frágeis para as vítimas; a frieza é a tônica desta narrativa que aponta nominalmente os personagens diretamente ligados ao príncipe. As ações se processam em um “crescendo” do caráter desvairado deste, e no momento final do texto atingem o ápice quando o imperador se auto proclama o justo juiz do universo – “decimo quoque die numerum puniendorum ex custodia subscribens ‘rationem se purgare’ Gallis Graecisque aliquot uno tempore codemnatibus gloriabatur Gallograeciam se subegisse”⁴².

E o capítulo XXXIII completa a idéia do máximo possível a que atinge o príncipe em relação ao abuso de poder: “lautiore conuiuio effusus subito in cachinnos, consulibus qui

⁴² De dez em dez dias assinava a lista dos prisioneiros condenados a morte, dizendo que estava “ajustando as contas” como tivessem sido condenados ao mesmo tempo numerosos galeses e gregos, glorificava-se de haver subjugado a Galo-Grécia. (tradução nossa)

iuxta cubabant quidnam rideret blande quarentibus: quid, inquit, nisi uno meo nutu iugulari utrumque uestrum statim posse?”⁴³ (p. 260)

Há também, neste trecho do capítulo XXXV uma evidente atitude do príncipe em que ele se declara além de cruel, prepotente e invejoso: “pulchros et comatos quotiens sibi occurrerent, occipitio raso deturpabat”⁴⁴. (p. 264)

E para que se evidencie este governo de natureza avidamente autocrata, Suetônio reforça suas crônicas mostrando um Calígula totalmente imoderado, insano e irracional: “reuocatum quendam a uetere exilio sciscitatus, quidnam ibi facere consuisset respondente eo per adulationem: ‘deos semper oraui ut, quod euenit, periret Tiberius et tu imperares’ opinans sibi quoque exules suos mortem imprecari, misit circum insulas, qui uniuersus contrucidarent”⁴⁵. (p. 252)

Os comentários sobre a morte de Calígula em Suetônio já seriam suficientes para entendermos a trama dos imperadores no uso e abuso do poder que lhes fora confiado. Os atos desabonadores de Calígula, numa sociedade moralista como era a romana, devem ter causado estupefação pelo fato de que os limites eram desconhecidos nos atos praticados pelo imperador, seja na vida pública ou privada.

Na biografia de Calígula, a caracterização negativa é evidente – crueldade, arrogância, atrocidade, corrupção e luxúria e não é explorada por Suetônio como forma direta de denúncia política e o autor consegue até elaborar um mínimo de conceito positivo nesta biografia. Porém, a medida do comportamento autocrata de Calígula, estendendo-se como resultado final a todos os Césares, se encontra nesta passagem de sua biografia

⁴³ Em um lauto festim, de repente pôs-se a dar gargalhadas; os côsules, acomodados ao seu lado, perguntaram-lhe porque ria desta maneira? Por que? porque penso que com um sinal de cabeça apenas posso mandar degolá-los ambos, sem demora alguma. (tradução nossa)

⁴⁴ Toda vez que encontrava transeuntes bonitos e bem penteados, desfigurava-os mandando raspar-lhes a cabeça por trás. (tradução nossa)

⁴⁵ Certa vez, perguntou a um cidadão que retornava de um longo exílio o que ele costumava fazer lá. Para adulá-lo o cidadão respondeu: “orava aos deuses frequentemente que matassem Tibério e te entregassem o Império”; desta maneira persuadiu-se de que todos os que haviam sido proscritos, desejavam também a sua morte e enviou soldados, de ilha em ilha para degolá-los todos. (tradução nossa)

neque coniurati cuiquam imperium destinaverunt; et senatus in asserenda libertate adeo consensus ut consules primo non in curiam, quia Julia uocabatur sed in Capitolium conuocarent, quidam uero sententia loco abolenda Caesarum memoriam ac diruenda templa censuerint⁴⁶.

A veemente narrativa, que de certa forma já prevê a decadência dos Césares é aquela em que se percebe com clareza o repúdio ao regime autocrata; para isso é preciso se fixar na observação das expressões utilizadas pelo biógrafo.

A palavra “liberdade” assume aqui uma forma de alívio, de resgate, de independência para aqueles que experimentaram a ditadura de Calígula. O império, talvez ficasse acéfalo até o momento em que se chegasse ao restabelecimento da liberdade. A casa Júlia é rejeitada e era intenção dos conjurados (e talvez de tantos outros da população) que se decretasse o fim dos Césares, que sua memória fosse apagada e que fossem destruídos os templos, que de forma digna lhes foram consagrados mas que não cultivaram o mérito.

Este texto é intrinsecamente político e politizado considerando o conceito de liberdade em todas as épocas, e o conceito de democracia nos tempos modernos. Repensar a liberdade é reconhecer que ela não existe “in totum” e que aquele que a representa sufoca seus súditos no objetivo de usar o poder e não exercê-lo plenamente para todos. O ato de convocação da cúria, também é um ato político, coletivo, de parceria, de ouvir mais do que mandar, e, tomar uma resolução, que poderia ser radical, como abolir a memória dos Césares; é também um recurso político compensador para o restabelecimento da liberdade e da consolidação do bem estar de todos.

O conteúdo desta narrativa é essencialmente político ainda pelo fato de envolver categorias de pessoas engajadas em um projeto de vida – conjurados, senado, outros grupos. O autor descreve o Império como acéfalo, legaliza formalmente a vacância do poder em estilo

⁴⁶ Os conjurados não destinaram o império a ninguém; o senado manifestou-se por unânime de acordo pelo estabelecimento da liberdade os cônsules o convocaram não na cúria (por esta se chamava Julia) mas no Capitólio, e alguns propuseram, em forma de parecer, a abolição da memória dos Césares e que se destruíssem os templos que lhes haviam consagrados. (tradução nossa)

democrático – (restabelecimento da liberdade) e institucionaliza, através de um parecer, a abolição da memória dos Césares e a destruição dos templos a eles dedicados.

O final do capítulo da biografia de Calígula é a prova mais contundente da ideologia antiautocrata de Suetônio: “*obseruatum autem notatumque est in primis Caeseres omnes, quibus Gai praenomen fuerit ferro perisse*”⁴⁷.

⁴⁷ Observa-se e percebe-se, de modo especial, que todos os Césares que carregavam o prenome de Caio haviam perecido pelo ferro. (tradução nossa)

6.3. A MORTE DE NERO

O julgamento do desempenho político dos Doze Césares das casas Júlio-claudiana e Flávia, e aí incluindo os três imperadores da transição – Galba, Óton e Vitélio - pelos estudiosos, ao longo da história, foi bastante positivo em relação à administração voltada para o progresso, às conquistas de novos territórios e a tantos outros fatores de desenvolvimento, alcançando uma prosperidade que deu a Roma e ao Império a soberania de um estado forte e progressista. Este contexto, obviamente não exclui dificuldades, derrotas e momentos de crise, advindos de conspirações e conjurações; mas considerando o longo tempo de governo dos Doze, o saldo teria sido ainda mais positivo, se alguns imperadores não tivessem exercido o poder como autocratas, desfigurando a monarquia que Augusto preconizara, e que de certa forma, com a aprovação popular, substituía o regime senatorial da República.

O desvairo do exercício do poder, por parte de vários imperadores, rompendo com os princípios básicos do regime, impediu que se alcançasse uma unidade sócio política e econômica estável e que pudesse perdurar por mais tempo, talvez até mesmo adiando a decadência do Império.

O enfoque biográfico de Suetônio irá abranger, pois, muitas informações históricas sobre o principado, o poder e os imperadores e suas relações com os súditos, avançando para a vida privada de cada um dos doze príncipes. O senso crítico do biógrafo alcança este interesse em conhecer o funcionamento do principado por inteiro; nesta busca surgem naturalmente personalidades diferentes que poderiam ser classificadas como boas ou más - ou seja, praticantes das virtudes ou dos vícios, em graus à altura do caráter de cada governante.

Através dos relatos biográficos, é possível selecionar as preferências de Suetônio, exaltando virtudes e merecimentos e reconhecendo momentos de paz e justiça em alguns imperadores como César e Augusto, da família Júlio-Claudiana, e os Flávios Tito e Vespasiano.

Confirma-se esta posição neste trecho da biografia de Vespasiano: “ceteris in rebus statim ab initio principatus usque ad exitum ciuilis et clemens; mediocritatem pristinam neque dissimulauit umquam ac frequenter etiam prae se tulit”⁴⁸. (p. 59)

Tito também recebe avaliação positiva: “nulli ciuium quicquam ademit” - jamais praticou iniquidades contra qualquer cidadão.

Mas o oposto se destina àqueles que Suetônio identificou como autocratas – déspostas, tiranos cruéis, juízes implacáveis e parciais.

Como representante deste autocratismo imperial, Suetônio escolhe Nero, para o qual o biógrafo reserva uma explícita descrição física em que o ridículo se superpõe ao elogio sóbrio e discreto que só aparente e maliciosamente o autor poderia atribuir ao príncipe.

Trata-se de um conteúdo que não deve ser desprezado pelos analistas no que se refere à habilidade artística de estilo, sustentada por uma adjetivação com um jogo de opostos das qualidades físicas neronianas. O texto, com estas características, compreende um dos últimos capítulos da vida de Nero: “statura fuit prope iusta, corpore maculoso et fetido, subflauo capillo, uulto pulchro magis quam uenusto, oculis caseis et hebetioribus, ceruice obesa, uentre proiecto gracillimis cruribus, ualitudine prospera”⁴⁹.

Este esboço de uma aparência física, talvez, na verdade não correspondesse à sua verdadeira fisionomia – não é preciso raciocinar muito para se chegar à conclusão de que, ao final da biografia, Suetônio associa esta quase horrenda figura imperial – “corpore maculoso et fetido” “ceruice obesa” “uentre proiecto” “gracillimis cruribus” – à não menos desproporcional vida de homem público. E é desta forma que o autor se refere à sanidade física de Nero e reconhece que ele goza de perfeita saúde apesar de sua vida desregrada:

⁴⁸ Dentre outras coisas, desde o início de seu principado, até o fim, agiu com brandura e clemência; jamais dissimulava sua origem humilde, pelo contrário, dela se gloriava constantemente. (tradução nossa)

⁴⁹ sua estatura era quase média, corpo cheio de manchas e fétido; o cabelo mais para o louro; a face mais bela do que elegante, olhos azuis e vista fraca; pescoço grosso, ventre saliente, pernas delgadíssimas, saúde excelente. (tradução nossa)

“ualitudine prospera nam qui luxuriae immoderatissimae esset, ter omnino per quattuordecim annos languit, atque ut neque uino consuetudine reliqua abstineret”⁵⁰.

O que destaca nesta descrição física de Nero não é exatamente o retrato, o perfil do imperador pura e simples, mas sim a transparência da análise da sua fisionomia, marcada pela insensibilidade na caracterização (que mais se assemelha a uma caricaturização) irreverente de um homem reconhecido pela arrogância e arbitrariedade.

O humor e a sátira conjugados certamente não são gratuitos; têm uma destinação localizada e embora a linguagem seja direta – não formal, indiferente e até desprezível – não possui conteúdo agressivo que caracterize opróbrio, escárnio e desacato raivoso, por não combinarem com o estilo suetoniano.

A morte de Nero é retratada por Suetônio de uma forma dramático-trágica coincidindo com a personalidade agitada do imperador, começando pelos presságios sinistros que anunciaram seu fim. Como uma confissão de culpa, Suetônio mostra um desesperado Nero em crise, diante do iminente perigo de morte, e em tom de desabafo e lamentação, o imperador protesta: ele, Nero, seria obrigado a procurar, suplicante, os Partos? ou Galba? Ou apareceria vestido de preto na praça pública, e diante dos Rostros, pediria com ar mais piedoso deste mundo, o perdão para toda a vida pregressa? E arrematando estes sonhos completa que se não conseguisse comover as consciências, pediria que lhe concedesse pelo menos a prefeitura do Egito!...

Nesta narrativa biográfica de Nero não podemos identificar precisamente a causa, mas percebemos que Suetônio se envolve mais com o texto, detalhando construções cheias de símbolos e outras representações figurativas que conferem à narrativa alguns momentos de fortes emoções como essas interrogações que Nero dirige a algum alvo, em forma de clamoroso discurso. O texto progride em direção à morte do imperador destinando a este

⁵⁰ Pois, apesar de sua excessiva devassidão, em todos os catorze anos de reinado não adoeceu mais do que três vezes, mesmo assim sem se abster do vinho nem modificar os hábitos. (tradução nossa)

algumas surpresas como o fato de ter sido abandonado pela guarda militar e pelos amigos – não obtendo resposta destes a seu chamado, vai à procura dos mesmos com uma pequena comitiva, tendo encontrado todas as portas fechadas e sem ninguém para lhe responder. O trágico se manifesta através desta passagem: “ac statim Spiculum myrmillonem uel quemlibet alium percussorem, cuius manu periret, requisit et nemine reperto: ergo ego, inquit, nec amicum habeo nec inimicum? Procurritque quasi praecipitaturus se in Tiberim”⁵¹.

Ao direcionar a narrativa para a morte do Imperador, Suetônio descreve um cenário totalmente adverso ao que até então Nero livremente se dedicara: à crueldade, à petulância e à libertinagem.

A fragilidade substitui a arrogância e a autoconfiança é revestida de pânico, de indecisão e de insegurança.

O imperador cede, mesmo a contragosto à realidade irreparável que o cerca – não tem mais poder, não tem mais apoio, não tem mais voz nem autoridade. A subserviência surge a sua frente como um bálsamo, como uma preferência diante de outra punição mais humilhante, ou seja, Nero se humilharia para os Partos? para Galba?

O soberano está desarmado, bloqueado, encurralado e foge em direção ao Tibre; Suetônio arma este jogo de cena e consegue repassar a imagem da derrota do mais terrível autocrata, calando-o diante de todos e abominado em tudo.

O momento supremo da biografia de Nero, em relação à descaracterização de fundo moral, em excessivo tom de censura e condenação, claramente exposto em uma linguagem condensada, em que as formas verbais falam por si

- “perpessus” – (de per + patior) “sofrer até o fim” – “tolerar” – “aturar” – “suportar”

- “destituit” (de de + statuo) encontra-se na implacável sentença: “talem principem paulo minus quattuordecim annos perpessus terrarum orbis tandem destituit” – o universo

⁵¹ rapidamente, mandou à procura do gladiador Espículo, ou de qualquer outro matador, que lhe desse morte com a sua própria mão; como não encontrasse ninguém, lamentou: já não tenho amigo nem inimigo e correu como para se precipitar no

depois de ter suportado um tal príncipe, durante pouco mais de quatorze anos, acabou por abandoná-lo.

É preciso observar ainda o vigor do adjetivo, neste trecho, como recurso estilístico, também utilizado por outros autores latinos, entre eles César, como, por exemplo, nesta frase: “pro tali facinore”- por tamanho crime – “talis” funciona aqui como se concentrasse todo o mal que o imperador praticara. Trata-se pois, de uma avaliação ao mesmo tempo de preço – ou seja, a medida quantitativa em teto máximo do valor humano, e uma avaliação psicológica que atinge o limite da atuação diante dos atos de monstruosidade.

De uma forma bem engenhosa, mas atingindo plenamente o objetivo de narrar alguns fatos pitorescos, e a partir daí provar que a megalomania de Nero era uma grave consequência do perigoso uso excessivo de poder – o autocratismo – Suetônio vai elucidando cada vez mais a fúria extravagante do imperador no trato com o dinheiro público. Com isto, o biógrafo revela, a índole corrupta e desmedida, portanto, inapta para exercer o poder monárquico. Eis a série de fatos selecionados por Suetônio:

- dissipou exageradamente dinheiro nas construções, criando palácios e edifícios enormes e suntuosos, cobertos de ouro e marfim;
- construiu, análogo ao mar, um tanque rodeado de edifícios que dava um aspecto de uma cidade;
- cultivou terras em planícies com vinhedos, pastagens, florestas e uma extraordinária quantidade de animais domésticos e selvagens de todas as raças e espécies;
- mandou construir uma sala principal que se assemelhava a uma rotunda, cujo zimbório girava perpetuamente, dia e noite, a imitar o movimento da terra.

Suetônio não se contenta, porém, em qualificar a natureza perdulária de Nero, somente como esbanjador e assim prossegue:

ad hunc impendiorum furorem super fiduciam imperii, etiam spe quadam repentina immensarum et reconditarum opum impulsus est ex indicio equitis R. pro comperto pollicentis thesauros antiquissimae gazae, quos, Dido regina fugiens Tyro secum extulisset, esse in Africa uastissimis specubus abditos ac posse erui paruula molientium opera⁵².

A tresloucada fantasia de Nero é descrita por Suetônio com uma habilidade tal, que ele associa o uso e abuso do poder “super fiduciam imperii” a uma narrativa onírica de riquezas misteriosas e fabulosas e personagens lendárias, imprimindo ao texto uma certa vivacidade e interesse. Mas esta metáfora da prosperidade fácil não chega ao alcance do imperador, e então ele passa recorrer à calúnia e à rapina, apossando-se assim indevidamente de grande parte dos bens dos libertos – a sanção de Suetônio pesa ainda mais sobre Nero com esta declaração de posse ilícita – marca de desprezo pelo bem público “deinde, ut ingratorum in principem testamenta ad fiscum pertineret, ac ne impune esset studiosiis iuris qui scripsissent uel dictassent ea”⁵³.

O desespero que se apossa de Nero quando ele percebe aproximação da morte é evidenciado em vários episódios da biografia do Imperador.

Suetônio retrata um personagem apavorado, desorientado, mesquinho e ao mesmo tempo presunçoso, quando para afastar o pavor da morte pronuncia esta frase: “qualis artifex pereo!” – que artista vai morrer comigo!

Quando Faonte lhe trouxe as cartas, cujo conteúdo informava-lhe que ele tinha sido declarado inimigo pelo senado, e que estava sendo procurado para receber a punição, de acordo com os costumes dos antigos, perguntou qual seria a forma do suplício. Suetônio, neste episódio, detalha a extrema fragilidade e o pavor de Nero, de tal forma, reduzindo-o à categoria de um desajustado, mimado e inconsequente, quando narra a resposta à pergunta acima: qual seria a forma de suplício? Eis a resposta e a conseqüente reação do príncipe: ao

⁵² O que mais enconrajava esse furor esbanjatório era, além da confiança que depositava no seu poder, a esperança próxima de riquezas fabulosas e ocultas, cuja existência lhe for a revelada, por um cavaleiro romano, o qual lhe assegurara que antiquíssimos tesouros, carregados pela rainha Dido, ao fugir de Tiro, se encontravam enfiados na África e vastíssimas cavernas, e que, com pouco trabalho poderiam ser retiradas de lá. (SUÉTONE, 1996, p.132, tradução nossa)

⁵³ a seguir, determinou que os testamentos dos que se tivessem revelados ingratos para com o príncipe seriam revertidos em favor do fisco e os juriconsultos que os tivessem lavrado ou ditado, punidos. (idem, p.134, tradução nossa)

ter conhecimento de que se atava ao pescoço do paciente um forquilha e o vergastavam até expirar, espavorido, tirou dois punhais que trazia consigo e experimentou a ponta de um de outro lado; depois guardou-os novamente, alegando que não chegara a sua hora.

O temível Nero agora é identificado por Suetônio como um inseguro, um covarde, que a todos convocava para chorar com ele pela sua desgraça ou encorajá-lo a morte. Mas, as vezes, num momento rápido de lucidez abominava sua corvardia, reconhecendo que vivia na torpeza e na vergonha e ele próprio gritou tentando-se reanimar-se dizendo: “Levanta-te!”

Os cavaleiros, com a missão de conduzi-lo vivo já se aproximavam, e como se fosse cometer um ato heróico exclama em alta voz em língua grega: “o tropel dos velozes cavalos aturde-me os ouvidos” – e Suetônio fecha esse episódio com a narrativa de um ato trágico que celebra o fim da tirania – “ferrum iugulo adegit iuuante Epaphrodito a libellis” – e enterrou o ferro na garganta com ajuda de Epaphrodito seu secretário.

O clímax desta morte trágica é sustentado pela presença de um personagem desconhecido, um centurião, que colocou seu manto na ferida do imperador, ainda semi-vivo, como se aquele tivesse ido ao socorro deste.

Este é o Suetônio desmistificador sem atuar como mero denunciante; as personagens que ele cria para representá-lo e revelá-lo, surgem as vezes do nada, como neste caso. Quem seria este centurião? de onde viera? a quem representava? seu ato seria de solidariedade ao imperador?

Pela narrativa, Suetônio não dispõe de uma fonte documental segura; a criação deste personagem é dele para que se consuma a derrocada final do Imperador. O centurião desconhecido, diria Suetônio, até que tentou salvá-lo mas... era tarde.

À semelhança da morte de Tibério, em que a população, em um ato político saiu comemorando alegre e pedindo aos deuses que o Imperador não fosse supultado mas lançado

ao Tibre, também Nero foi vítima deste mesmo ato político de liberdade como narra Suetônio:

“tantumque gaudium publice praebuit, ut plebs pilleata tota urbe discurreret”⁵⁴.

⁵⁴ a alegria pública foi tal, que o povo ostentando o gorro da liberdade corria de um lado para outro da cidade. (idem, p. 180, nossa tradução)

6.4. A MORTE DE GALBA

Uma reconstituição da biografia de Galba, no capítulo específico sobre a morte, pode nos levar a uma análise sobre a falência do modelo do regime absolutista, substituindo a força do aparato imperial pela represália dos descontentes com este mesmo regime.

Não importa a Suetônio produzir uma frente de oposição organizada ao Império como um todo – a narrativa da morte caminha na direção natural para uma severa punição e desprezo pelo regime autocrata, conquanto Suetônio não tenha defendido esta posição de maneira ostensiva, isto é, gerando polêmica, investindo contra o tirano, acatando denúncias, ou superpondo à realidade dos fatos uma conjuntura política hostil, ofensiva, contra a instituição imperial ou contra seu titular máximo - Cizek analisa esta atitude de Suetônio – a de não ser um juiz implacável - “d’autre part il a tenté de se dissimuler, de se cacher dans les tréfonds de ses structures...” (1977, p. 194) há de se ressaltar que a arte do biógrafo pende para a desqualificação, pela boca dos protagonistas, levando alguns imperadores a assumir atitudes totalmente opostas à postura ideal de um governante, como por exemplo, ser motivo de chacota, ser algemado, sofrer agressão verbal e espancamento, pedir clemência, arranjar pretexto para escapar à morte, entre outros. O radicalismo da narrativa de Galba pretende dissolver a figura do imperador - este se transforma em um mero objeto nas mãos dos adversários e é sacrificado com igual crueldade que o mesmo lhes impusera como o estrangulamento, a degola e outras formas de tortura.

A movimentação em torno da conspiração na narrativa é antecedida de uma ação estratégica militar envolvendo inimigos comuns do imperador, vítimas da insanidade deste, o que provoca crises institucionais e conseqüentemente uma desestabilização da defesa do príncipe.

Os elementos de confronto – ataques, ciladas, envenenamentos, cerco ao palácio, busca para apreensão – percorrem todos os textos das mortes, causando para alguns a derrota,

para outros, a vitória, caso mais raro. Este é o ambiente de tensão que Suetônio narra, o que para ele corresponde à fragilidade do regime, que, de acordo com cada imperador autocrata, se esfacela diante de um grupo, ou de uma multidão, ou de um exército; porque o sistema é desestruturado, inconsistente e sem compromisso social.

Cada uma das narrativas biográficas dos Doze contém algumas características admiráveis, sob o ponto de vista da criatividade do autor, sempre com ironia, humor, disfarce estilístico e certa malícia. A introdução à biografia de Galba possui um conteúdo político dissimulado que anuncia o fim do ciclo histórico-político da família júlio-claudiana, e, inaugura uma nova etapa de transição entre os Césares e os Flávios – o período de governo de Galba, Óton e Vitélio, que, segundo Martin são “trois empereurs qui gouvernèrent brièvement dans les dix-huit mois de guerre civile qui suivirent la chute de Néron en juin 68”. Suetônio abre a narrativa com um presságio de natureza espirituosa para assim caracterizar o fim do período imperial anterior, apontado nestes termos: “progenies Caesarum in Nerone defecit”. A família dos Césares extinguiu-se com Nero.

A expressão verbal “defecit” certamente foi selecionada por Suetônio para enfatizar a verdadeira derrota da casa júlio-claudiana. Dentre os vários sentidos fortes que o vocábulo apresenta destacam-se “abandonar” “ser abandonado” “abandonar um partido” “apagar-se” “extinguir-se” “eclipsar-se” “acabar” “terminar”.

Esta consumação, segundo Suetônio, já estava incluída nos presságios, e é através de um deles que o autor constrói a figuração do fim da dinastia, recorrendo a uma anedota, atribuída a Plínio, cuja temática não se adequa a um status imperial pelo fato de nela os protagonistas serem águias, galinhas, pintos, plantas e árvores. A sutileza dos símbolos inofensivos, como o loureiro, (cujas raízes secaram) ou as galinhas da casa (que morrem) completam a intenção do narrador em derrubar a referida dinastia júlio-claudiana. Eis o texto:

Liviae olim post Augusti statim nuptias veientanum suum reuisenti praeter uolans aquila gallinam albam lauri rostri tenentem, ita ut rapuerat, demisit ingremium; cumque nutriri alitem, pangi ramum placuisset, tanta pullorum suboles prouenit, ut

hodieque ea villa “ad gallinas” vocetur, tale vero lauretum, triumphatur Caesares inde laureas decerperent; fuitque mos triumphantibus alias confestim eodem loco pangere; et observatum est sub cuiusque obitum arborem ab ipso institutam elanguisse. Ergo novissimo Neronis anno et silua omnis exaurit radicitus, et quidquid ibi gallinarum erat interiit. Ac subinde tacta de caelo Caesarum aede capita omnibus simul statuis deciderunt, Augusti etiam sceptrum e manibus excussum est.⁵⁵

O último parágrafo da narrativa constitui a chave de ouro do texto. O alvo, o imperador Nero, é responsabilizado pelo fim da dinastia e a ira dos deuses recai sobre o intocável cetro de Augusto, agora lançado ao chão, como se quisessem castigar não só o imperador homem mas todo o regime que ele representava.

Com a expressiva alegoria que Suetônio expõe nesta biografia sobretudo na escolha de formas verbais bem adequadas ao fato histórico de fim de reinado, estamos diante de uma realidade irreversível:

- exaruit – “tirar, lavrando”, “lavar profundamente” “escavar”, seguido de radicitus” – que completa bem o sentido de extinguir – “desde a raiz” “até a raiz” “com a raiz”
- interiit – perder-se, “estar perdido” “perecer” “extinguir-se” “acabar” “morrer”
- deciderunt – “cair de” “cair” cair (aos golpes de alguém) “perecer” “morrer” “sucumbir”
- excussum est – sacudido” “abalado” “destruído” “devassado”.

Aparentemente a alusão aos presságios, tão familiares aos gregos e romanos, não é tão aterrorizante como poderia ser, dada à natureza destas previsões, sempre acompanhadas de maldições e castigos – por isto o texto traz uma agradável combinação de elementos leves, plácidos e silenciosos - animais e plantas – que, em princípio, são protagonistas de uma

⁵⁵ Certa vez em que Lúvia, logo após seu casamento com Augusto, voltava a ver sua casa de Veios, uma águia, voando em torno dela, deixou cair-lhe no seio uma galinha branca, tal como a havia arrebatado, com ramo de loureiro no bico. Lúvia resolveu criar a galinha e plantar o loureiro. Nasceu, assim, tão extraordinária quantidade de pintos que a casa, ainda hoje, se denomina “Casa das Galinhas”. E o ramo de loureiro cresceu de tal forma que era dele que os Césares se supriam dos galhos para os seus triunfos. Os triunfadores tinham por costume planta-los, imediatamente, no mesmo sítio. Observou-se, entretanto, que à morte de cada um deles a árvore plantada que lhe correspondia definhava. Ora, no último reinado de Nero todos os loureiros secaram até as raízes e todas as galinhas da casa morreram. Ademais, pouco depois, o templo dos césares viu-se atingido por um raio. As cabeças de todas as estatuas caíram ao mesmo tempo e o cetro de Augusto escapou-lhe das mãos. (SUÉTONE, 1993, p. 2, tradução nossa)

história ingênua e despreziosa, mas que no fundo oculta uma forte reação, uma manifestação real de triunfo pela morte de Nero, imperador que sepulta consigo a dinastia inteira.

Mas, revelando Suetônio, é preciso detectar a intenção deste nesta passagem inicial da biografia de Galba, levantando algumas questões fundamentais que explicam a simbologia:

- a prosperidade e a abundância do Império, a partir do momento em que Lívía adota a galinha branca, de cuja fertilidade nascerá uma enorme prole

- o enfraquecimento, o declínio, a degeneração e a morte da família júlio-claudiana: “Et obseruatum est sub cuiusque obitum arborem ab ipso institutam elanguisse” - observou-se, entretanto, que à morte de cada um deles (os triunfadores), a árvore plantada que lhe correspondia definhava – “ergo nouissimo Neronis anno et silua omnis exaruit radicitus – os loureiros secaram até as raízes et quidquid ibi gallinarum erat interiit” – e todas as galinhas que ali estavam morreram

- e o desfecho trágico – “ac subinde tacta de caelo Caesarum aede capita omnibus simul stauis deciderent, Augusti etiam sceptrum e manibus excussum est” – ademais, pouco depois, o templo dos Césares viu-se atingido por um raio; as cabeças de todas as estátuas caíram ao mesmo tempo e o cetro de Augusto escapou-lhe das mãos.

A profundidade desta descrição catástrofica sintetiza o pensamento crítico do autor ao dispor em metáforas vivas:

- a destruição da sede do poder imperial
- a ruptura da unidade do principado autocrata
- a interrupção da dinastia e o fim dos Césares Claudianos.

Galba, que segundo Suetônio, não pertencia a nenhum grau à casa dos Césares, era porém descendente de alta linhagem. A ascensão dele é prevista, também através dos áugures quando ele chega à Espanha Tarraconense; ao sacrificar no templo, conforme o presságio, a

cabeleira do ajudante de cerimônia embranqueceu subitamente. Este fato foi interpretado como um prognóstico de revolução e que um velho sucederia a um jovem, isto é, Galba a Nero. O registro suetoniano diz que Galba governou, por oito anos a província com humor inconstante e desigual “per octo annos uarie et inaequaliter provinciam rexit”.

E ao caracterizar esta personalidade, o biógrafo começa a enumerar algumas ações, verdadeiro prelúdio de uma postura autoritária e autocrata:

- mostra-se frequentemente violento, excessivo, repressor (manda crucificar um tutor que envenenou seu protegido para herdar) - “primo acer et uehemens et in coercendis quidem delictis uel immodicus”.

- precedia-o uma dupla reputação de crueldade e de avareza, porque gravara com pesadíssimos tributos as cidades das Espanhas e das Gálias que haviam hesitado em abraçar o seu partido – “praecesserat de eo fama saeuitiae simul atque auaritiae, quod ciuitates Hispaniarum Galliarumque, quae cunctantius sibi accesserant, grauioribus tributis”.

Uma denúncia que poderemos atribuir a Suetônio não deixa margem a dúvidas sobre o desbafo do biógrafo “quosdam claros ex utroque ordine uiros suspicione minima inauditos ondemnavit” - condenou, sem os ouvir, alguns cidadãos ilustres das duas ordens.

É ainda nesta linha de evidenciar atitudes arbitrárias de Galba que Suetônio chega à fase final da narrativa, utilizando os consagrados presságios: “Magna et assidua monstra iam inde a principio exitum ei, qualis euenit, portenderant” – grandes e frequentes prodígios desde o início anunciavam a Galba o fim que o esperava - A narrativa é sinistra, com um vocabulário vaticinador de desgraças: imolação de vítimas, um touro castigado com um golpe de machado se liberta dos amarras, lança-se sobre o carro do imperador, fazendo ali jorrar sangue; quando este entra na cidade chegando ao palácio, sente-se um tremor de terra e um rumor semelhante a um mugido.

Mas é o capítulo XIX da biografia de Galba que anuncia sua morte. O texto de Suetônio poderia ser dividido em grandes momentos de tensão

- os rumores de que Galba seria assassinado – “*prius uero quam occideretur sacrificantem mane haruspex identidem monuit, caueret periculum non longe percussores abesse*” – antes de ser assassinado, um arúspice o advertiu, repetidamente, de manhã enquanto sacrificava, para tomar cuidado com sua pessoa, pois os matadores não andavam longe

- a tomada aos acampamentos por Óton – “*haud multo post cognoscit teneri castra ab Othone*” – pouco depois, soube que o acampamento estava nas mãos de Óton

- preparação da defesa frente ao ataque iminente – “*ac plerisque ut eodem quam primum pergeret suadentibus nihil amplius quam continere se statuit et legionariorum firmare praesidiis qui multifariam diuerseque tendebant*” – a maioria o aconselhou a dirigir-se para lá sem perda de tempo, assegurando-lhe que a sua autoridade e a sua presença lhe poderiam oferecer vantagens; limitou – se porém a ficar no seu palácio e nele se fortificar com as guarnições de legionários postados em diferentes pontos da cidade

- tentativa frustrada de enfrentar o inimigo – “*loricam tamen induit linteam, quamquam haud dissimulans parum aduersus tot mucrones profuturam*” – entretanto, vestiu a sua couraça, embora não dissimulasse a certeza de que seria inútil contra tantos punhais

- a emboscada –

sed extractus rumoribus falsis, quos conspirati, ut eum in publicum elicerent, de industria dissiparant, paucis temere affirmantibus transactum negotium, oppressos, qui tumultuarentur, aduenire frequentis ceteros gratulabundos et in omne obsequium paratos, iis ut occurreret prodiit tanta fiducia, ut militi cuidam occisum a se Othonem glorianti (quo othone?) Responderit, atque in forum usque processit (idem, p. 17, nossa tradução)

- atraído para fora por falsos boatos espalhados intencionalmente pelos conspiradores com o fim de constrangê-lo a aparecer em público, ouviu alguns cidadãos garantirem em rápidas palavras que tudo acabara, já, com aniquilamento dos autores da revolta e que outros chegavam em massa para felicitá-lo e prestar-lhe obediência; saiu ao encontro deles com tanta

confiança que respondeu a um soldado que se gloriava de ter assassinado Óton: “quem te ordenou?” e encaminhou-se para o fórum

- e a morte trágica – “*ibi equites quibus mandata caedes erat eum per publicum dimota paganorum turba equus adegissent, viso procul eo parumper restiterunt; dein rursus incitati desertum a suis contrucidarunt*” – aí, cavaleiros que haviam recebido a ordem de matá-lo, após uma incursão a cavalo por entre o povo, para dele separar um grupo de camponeses, o avistaram de longe, pararam um pouco e, depois, prosseguindo no avanço, o trucidaram, abandonado completamente dos companheiros.

Na biografia do mesmo Galba temos uma observação de Suetônio que confirma esta idéia de autoconfiança ilimitada no poder – “descontentou quase todas as ordens, através de sua maneira de agir, porém, tornou-se particularmente odioso aos soldados”. Ou “para aqueles que recusavam a dignidade de senador, ele cassava a dignidade equestre. O resumo do período que antecedeu imediatamente sua morte produz uma cena em que o imperador se coloca numa ridícula posição de derrota, simulando parceria e adesão, ao oferecer bônus para escapar à pena – “*Quid agitis commilitones? Ego uester sum et uos mei, donatium etiam pollicitum*” – companheiros, onde estais? eu sou vosso e vós sois meu; prometendo-lhes uma gratificação.

Outro sinal também humilhante é a versão que Suetônio coloca Galba por ocasião do primeiro tumulto, sem resistência, oferecendo o pescoço aos milicianos, e ainda os exortando a agirem e a golparem como se lhes aprovesse. Mas a cena apresentada após este ato (supostamente) heróico é mais um dado em que Suetônio confirma a indignação contida contra Galba; aqui julgamos que o biógrafo assume esta afirmação dando sequência a sua ideologia de antiautocrata. Para nós, nesta biografia, este trecho sintetiza uma opção de Suetônio em isolar o imperador do conjunto da população pelo fato de que este não tenha merecido o apoio e o aval de todos, pelo uso desproporcional da função pública a ele confiada

“illud mirum admodum fuerit neque praesentium quemquam opem imperatori ferre conatum et omnes qui arcessirentur spreuisse nuntium excepta germanicianorum uexillatione”⁵⁶.

Esta observação, sob o ponto de vista político é decisiva para concluir-se que a oposição – aqui representada por todos (uma pequena exceção) aqueles que presenciaram a condenação do imperador e que não atenderam seu pedido de socorro – atua como escudo contra uma situação adversa que lhes fora imposta pelo imperador; a manifestação de repúdio é o verdadeiro sinal de posição independente e de insatisfação com o regime.

E, em síntese, eis a descrição da morte de Galba: “lugulatus est ad lacum Curci ac relictus ita uti erat, donec gregarius miles a frumentatione rediens abiecto onere caput ei amputauit”⁵⁷.

A agudeza desta narrativa procede de um espírito criativo que constrói a psicologia do imperador como se a realidade estivesse ainda bem próxima. Insistimos que, a cada momento, é palpável a interferência de Suetônio como juiz das más ações que emanam do poder autocrata; o jogo de Suetônio na definição do caráter dos governantes inicia-se lentamente na construção da vida cronológica incluindo aí virtudes e, até mesmo, grandes realizações e no momento exato em que Suetônio escolhe, a figura imperial é esfacelada e execrada, tombada como se fosse um grave erro até o fato de o imperador ter existido.

Estas cenas de morte, além do rigor de não deixar nenhum tipo de defesa para o réu, têm um sabor de retaliação e de triunfo político, como se afirmasse estar vivendo em novos tempos de liberdade.

Os golpes físicos são de tamanha extensão que pode-se até imaginar a medida do ódio contido dos inimigos do imperador. O abandono é caracterizado como resposta ao desprezo

⁵⁶ o que há de mais singular em tudo isso é que nenhum dos assistentes tentou socorrer o imperador, e que todos aqueles a quem mandara chamar, desprezaram as suas mensagens, à exceção dos vexilários da Germânia. (idem, p.17, tradução nossa)

⁵⁷ Galba foi degolado perto do lago Cúrcio e deixado no mesmo local, tal como estava, até que, passando por ali um soldado, de volta das provisões, descansou seu fardo e decepou-lhe a cabeça. (idem, p. 18, tradução nossa)

social com que este tratava o povo. Suetônio constrói, com prazer, a lenta ruína de cada autocrata por sentir que sua idealização política agora poderia concretizar-se.

6.5. A MORTE DE VITÉLIO

O imperador Vitélio é mais um personagem das biografias de Suetônio, integrante de um conjunto de governantes (e idéias) que exerceram o poder em Roma, para além da normalidade que a instituição representa. Não pertencia a nenhuma das famílias nobres que iniciaram e encerraram o ciclo Júlio- Claudiano e Flaviano, mas seu governo teve as mesmas características de excesso de poder dos outros imperadores das duas casas, tais como Tibério, Calígula, Nero e Domiciano. As atitudes dos imperadores autocratas frente ao momento em que se aproximavam da morte – para aqueles que foram assassinados – passam para o leitor das biografias dos Doze a realidade do desmoronamento do poder e a extrema fragilidade das vítimas(?) que se revela em medo/ pavor/pânico. O funesto e fatídico momento, mesmo quando o imperador se apresenta com dignidade diante da morte, como é o caso de Galba, não reduz a humilhação que cresce cada vez mais, à medida que se impõem aos condenados os horrores da punição física e conseqüentemente moral. Na biografia de Vitélio, Suetônio explora a queda do imperador, encenando, como se estivesse em praça pública, a captura e a condenação de um perigoso bandido, covarde, que, conforme descreve Tácito “sai pela porta dos fundos, tomado de pânico e se esconde num quartinho”. A falta de autoestima é reportada à instituição que presidia e é a partir daí que Suetônio, segundo Martin, considera que “la mort la plus infâme semble couronner, ou plutôt sanctionner un règne qui était lui-même vil et infâme et n’avait suscité que l’indignation du peuple romain” (1991, p. 383-384). A morte de Vitélio é um misto de frieza e emoção e quem não conhecesse verdadeiramente sua índole chegaria ao ponto de compadecer-se dele, tamanha foi a violência da “cerimônia” de sua morte.

Mas a própria biografia de Vitélio é uma confissão de abuso do poder e de atos de crueldade, sentimentos que geram ódio implacável, a partir do momento em que se tem oportunidade de retaliação.

Eis o texto base do autocratismo

Pronus uero ad cuiuscumque et quacumque de causa necem atque supplicium nobiles uiros, condiscipulos et aequales suos omnibus blanditiis tantum non ad societatem imperii adlice factos uario genere fraudis occidit, etiam unum ueneno manu sua porrecto in aquae frigidae potione quam is adfectus febre poposcerat.⁵⁸

Além desta atitude extremamente autocrata que reflete a insânia deste imperador, Suetônio recorda ainda algumas ações perversas como, por exemplo: levou ao suplício dois filhos porque pediram clemência para o pai que sofria torturas – fez perecer inúmeros plebeus e condenou os astrólogos, sem ouví-los, só através de uma denúncia.

É assim que Martin (1991, p. 245) conclui que,

Vitellius est devenu l'archétype du "mauvais" empereur dont les auteurs anciens ont assombri l'image pour mieux mettre en valeur les malheurs des déchirements de cette période et sans doute aussi souligner le contraste avec le "bon empereur" qui lui succéda en rétablissant la paix sur un pouvoir solide.

A narrativa da morte de Vitélio é a verdadeira expressão do grito sufocado dos conjurados – o texto, bem narrado por Suetônio, enfoca, aos poucos, a pequenez da figura imperial até reduzi-la a nada.

O grande mérito de Suetônio nesta narrativa não é apenas a composição fiel à verdade, mas a celebração de um momento em que a luta pela estabilidade social, e pela paz sai vitoriosa diante de um regime injusto e desleal, que mesmo enfraquecido insistia em sobreviver. No caso de Vitélio causa espanto ao leitor a intimidade com os vícios – à frente a crueldade – cúmplices da barbárie; de certa forma, esta prática danosa suscitou ódio por parte de todos aqueles que sofriam sob seu comando.

Sua morte foi precedida de uma ação (policial) com todos os elementos que poderiam transformá-los em herói, caso seu comportamento tivesse alcançado o mínimo de lisura e dignidade. A narrativa da morte evidenciará o acúmulo de sofrimentos físicos e morais de toda ordem por que ele passara; o texto suetoniano, por exemplo, coloca em evidência o fim

⁵⁸ Proponho a arremessar à morte ou ao suplício o primeiro que lhe aparecesse, fosse qual fosse a causa, fez perecer, engendrando toda sorte de perfídias, nobres romanos seus condiscípulos e camaradas, com os quais decidira, quase à força de

do autocratismo que se assemelha a um penoso calvário, com direito a ser abandonado por todos e ser obrigado a fuga clandestina. “continuo igitur abstrusus gestatoria sella duobus solis comitibus, pistore et coco, Auentinum et paternam domum clam petit, ut inde in Campaniam fugeret”⁵⁹ – logo se instalou em uma liteira e, depois, acompanhado apenas de duas pessoas, o padeiro e o cozinheiro, partiu em direção ao Aventino e a sua casa paterna, de onde pensava fugir para Campânia.

Nesta biografia a evidências incontestáveis de que a autocracia não era definitivamente uma forma aceitável de governo monárquico – toda a narrativa gira em direção ao repúdio de cada imperador destronado, rebaixando ao máximo como pudemos perceber em Vitélio.

O texto final da morte, porém, é patético e trágico e sepulta de vez mais um ditador que, inicialmente, tinha recusado o trono, mas uma vez empossado, assume o despotismo dos outros pares. Além de tudo isso, a forma com que os traços físicos do imperador são retratados, mostram-nos uma figura de aspecto meio apavorante pela estatura (*enormis proceritas*) e pela face avermelhada por causa do excesso de vinho (*facies rubicunda*) além do ventre abobadado (*uenter obesus*) e uma perna coxa (*femur subdebile*), consequência de um acidente. O físico se alinha com o psíquico no sentido de expor uma figura peculiar que tanta repulsa causa por um ou por outro desses dois tipos.

O episódio da morte de Vitélio parece ter atraído interesse especial de vários historiadores pela imagem forte que ela provocou entre os romanos, como se a condenação dele representasse a punição a todos os tiranos. Paratore observa que a descrição de Suetônio é análoga à de Tácito, e que a justificativa para tal, teria sido mérito comum de eles terem

agrados, partilhar o poder do império, chegou até a envenenar um destes com sua própria mão, quando lhe pediu, durante um acesso de febre, um pouco de água fria. (SUÉTONE, 1993, p. 41, tradução nossa)

⁵⁹ Após a fuga, chega até Vitélio a notícia-boato de que a paz estaria firmada e então o imperador volta ao palácio; vítima deste ardil, Vitélio encontra sua residência deserta e percebe então que fora abandonado por todos; tenta escapar, coloca moedas de ouro num cinto e se refugia no camarim do guarda-portão, tendo amarrado um cão a porta, entrincheirando-se atrás duma cama e dum colchão. (idem, p. 43, tradução nossa)

utilizado a mesma fonte nesta narrativa. Apresentaremos o episódio retratado por Suetônio e por Tácito, a título de comparação.

A morte de Vitélio segundo Tácito

Tomada a cidade, Vitélio, da parte posterior do Palatino fez-se transportar numa liteira, para o Aventino, para a casa da mulher, com esperança de se poder refugiar em Terracina, juntos das coortes do irmão, se conseguisse permanecer escondido durante o dia. Depois, pela volubilidade da sua índole e porque, cheio de medo como estava, não podia tolerar tudo aquilo que o rodeava, (e esta é uma das características do terror), regressa ao palácio vazio e abandonado, enquanto os escravos mais humildes ou se tinham escapado ou evitavam encontrar-se com ele. Aterra-o a solidão e ao silêncio; esforça-se por abrir as portas fechadas e, depois, horroriza-se ao encontrar os quartos vazios; esgotado por aquele desesperado vaguear daqui para ali, esconde-se num esconderijo vergonhoso, donde é arrastado para fora por Júlio Plácido, comandante da coorte; algemam-lhe as mãos atrás das costas; com a veste rasgada, espetáculo vergonhoso, era empurrado por entre os insultos de muitos, sem a compaixão de ninguém. Um dos soldados da Germânia, saiu-lhe ao encontro, com as armas em punho, não se sabe se para ferir Vitélio, num ímpeto de ira, ou se para subtrair mais rapidamente ao ludíbrio, ou para atacar o tribuno: amputou uma orelha ao tribuno, e imediatamente foi crivado de golpes.

Entretanto, com a ponta da espada, obrigavam Vitélio ora a levantar o rosto e ao expô-lo aos insultos, ora a contemplar a suas estátuas derrubadas ou o lugar onde Galba fora assassinado; por último, empurraram-no para as Gemônias donde fora precipitado o corpo de Flávio Sabino. Uma só aclamação não indigna do espírito nobre, foi ouvida sob os lábios de Vitélio, quando, ao tribuno que o vilipendiava, respondeu: É, no entanto, fui o teu general. E

depois, coberto de feridas, caiu. A arraia miúda ultrajava o morto com a mesma baixeza com que o havia aclamado em vida.

A morte de Vitélio segundo Suetônio

No dia seguinte, enquanto esperava a resposta, um batedor anunciou a aproximação do inimigo. Acocorou-se numa cadeirinha e, com somente dois companheiros – o padeiro e o cozinheiro – ganhou clandestinamente o Aventino e a casa paterna, para daí fugir rumo à Campânia. Logo, porém, como se espalhasse o boato, vago e incerto, de que a paz estava concluída, deixou-se reconduzir ao palácio. Ao encontrá-lo inteiramente deserto e ao sentir-se abandonado por todos os companheiros, cingiu um cinto cheio de moedas de ouro e se refugiou no camarim do guarda-portão, após ter amarrado um cachorro à porta e se entrincheirado atrás da cama e dum colchão.

Os batedores do exército já haviam irrompido no palácio. E como não encontrassem ninguém, começaram a esquadrinhar, como de costume, todos os cantos. Arrancaram o imperador de seu esconderijo, perguntando-lhe (pois não o conheciam) “se sabia onde estava Vitélio”. O príncipe os enganou com uma mentira. Ao ver-se, porém, reconhecido em seguida, não cessou de suplicar aos soldados – como se tivesse segredos a revelar, de interesse para a vida de Vespasiano – que consentissem em atendê-lo, cutodiando-o ou encarcerando-o. Afinal, ataram-lhe as mãos as costas, passaram-lhe uma corda ao pescoço, rasgaram-lhe as vestes e o arrastaram semi-nu até o “Fórum”, vexando-o durante todo o percurso da Via Sagrada, à voz dos piores ultrajes e das mais tremendas injúrias. Puxaram-lhe a cabeça para trás pelos cabelos, como se faz com os criminosos e chegaram até a levantar o queixo com a ponta de uma espada, a fim de obrigá-lo a mostrar o rosto e impedir-lhe que o abaixasse. Muitos lhe jogaram excremento e lama. Por último, foi dilacerado a pequenos golpes e acabado de matar perto das Gemônias e arremessado ao Tibre na ponta dum croque.

Ambos os autores tentam expressar o estado de espírito do imperador – o pânico – à hora da morte. Tácito, ao mencionar a fuga, já registra o medo, mas mesmo assim explicita “cheio de medo como estava não podia tolerar tudo aquilo que o rodeava”. Suetônio detalha este sentimento no imperador, revelando várias atitudes e subterfúgios para livrar-se do perseguidor:

- ganhou clandestinamente o Aventino
- refugiou-se no camarim do guarda-portão
- amarrou um cão à porta
- entrincheirou-se atrás duma cama e dum colchão
- suplicou os soldados
- enganou-os ao não se identificar imediatamente.

Os dois autores mencionam o abandono imposto a Vitélio, cada um segundo o seu estilo.

Em Tácito:

- regressa ao palácio vazio e abandonado, enquanto os escravos mais humildes ou se tinham escapado, ou evitavam encontrar-se com ele
- esforça-se por abrir as portas fechadas
- aterra-o a solidão e o silêncio
- horroriza-se ao encontrar os quartos vazios.

Em Suetônio, apesar de todo o texto expressar o abandono, algumas observações são feitas sobre esta atitude em relação ao imperador:

- acocorou-se numa cadeirinha e, “com somente dois companheiros” – “o padeiro e o cozinheiro” – ganhou “clandestinamente” o Aventino...
- encontra o palácio deserto
- sente-se abandonado pelos companheiros

- e como não encontrassem (os soldados) ninguém.
- a humilhação imposta ao imperador:

Em Tácito:

- esconde-se num esconderijo vergonhoso, donde é arrastado para fora
- algemam-lhe as mãos atrás das costas
- rasgam suas vestes – e a *intervenção* de Tácito – *espetáculo vergonhoso* –
- empurrado e insultado por muitos sem a compaixão de ninguém
- obrigam-no a levantar o rosto e o expõem aos insultos

Em Suetônio:

- começaram a esquadrihar todos os cantos
- ataram-lhe as mãos as costas
- passaram-lhe uma corda ao pescoço
- rasgaram-lhe as vestes
- arrastaram-no seminu até o Fórum
- zombaram dele durante todo o percurso
- foi ultrajado
- puxaram-lhe a cabeça para trás pelos cabelos
- levantaram seu queixo com a ponta da espada
- muitos jogaram excremento e lama.

E o cenário da morte –

Em Tácito:

- por último, empurraram-no para as Gemônias e, coberto de feridas tombou

Em Suetônio

- foi dilacerado a pequenos golpes e acabado de matar, perto das Gemônias foi arremessado ao Tibre na ponta do croque.

Em linhas gerais, os fatos se invertem em relação à posição do poder e dos súditos nesta situação política da morte de Vitélio, logo de início temos a forma verbal “irruperat”, de “irrumo” que significa um ato impróprio de invasão, que não condiziria com a entrada no palácio do imperador; ainda que fosse na condição de homem comum tal invasão seria classificada como ultraje.

- irrumo – de irrumo, is, upi, uptum, umpere – apoderar-se de, tomar por força, invadir, usurpar - em Cícero e Sêneca – precipitar-se, meter-se dentro precipitadamente – em Varrão – transpor a porta (entrando) em Salústio.

- imabantur – de rimor, aris, atus sum, ari – foi selecionada certamente para atingir a maior dimensão da busca (de caráter policial) ao imperador “examinar atentamente” em Claudiano – “buscar”, “procurar cuidadosamente”, “andar em cata de”, “farejar” em Virgílio - “buscar”, “pesquisar”, “indagar”, “perscrutar”, “esquadrinhar”, em Quintiliano.

- extractus (e latebra) – de extraho, is, axi, actum, ahere – como a forma de castigo irreparável – tirado, arrancado, extraído, em Plínio e Cícero – feito sair de, em Suetônio – trazer o inimigo a campo contra sua vontade em Lívio.

Esgotado todos recursos para se livrar dos seus algozes, estes ataram-lhe as mãos as costas, passaram-lhe uma corda ao pescoço, rasgaram-lhe as vestes e o arrastaram semi-nu até o Fórum, vexando-o durante todo o percurso da via sagrada, à voz dos piores ultrajes e das mais tremendas injúrias. Submetido a este júri popular, o poder que Vitélio detinha se transfere para a multidão que o reduziu à condição de escravo; puxaram-lhe a cabeça para trás pelos cabelos, como se faz com os criminosos e chegaram até a levantar o queixo com a ponta de uma espada, afim de obrigá-lo a mostrar o rosto e impedir que o abaixasse. Muitos lhe jogaram excremento e lama. Por fim, foi dilacerado em pequenos golpes e acabado de matar perto das Gemônias, e arremessado ao Tibre na ponta dum croque.

Uma análise dos dois textos nos levam a concluir que, embora não haja aqui nenhum tipo de elogio fúnebre, Tácito parece ter censurado a forma cruel com que Vitélio foi sacrificado, embora reconheça neste “a volubilidade da índole” e a “covardia” “cheio de medo como estava”.

A frase: “uma só aclamação não indigna do espírito nobre, foi ouvida sob os lábios de Vitélio”; como se quisesse absolvê-lo, Tácito parece admirar a atitude do imperador enfrentando os algozes.

Esgotado todos os recursos para se livrar dos seus algozes, estes ataram-lhe as mãos as costas, passaram-lhe uma corda ao pescoço, rasgaram-lhe as vestes e o arrastaram semi-nu até o Fórum, vexando-o durante todo o percurso da Via Sagrada, à voz dos piores ultrajes e das mais tremendas injúrias. Submetido a este júri popular, o poder que Vitélio detinha se transfere para a multidão que o reduziu à condição de escravo; puxaram-lhe a cabeça para trás pelos cabelos, como se faz com os criminosos e chegaram até a levantar o queixo com a ponta de uma espada, afim de obrigá-lo a mostrar o rosto e impedir que o abaixasse. Muitos lhe jogaram excremento e lama. Por fim, foi dilacerado em pequenos golpes e acabado de matar perto das Gemônias, e arremessado ao Tibre na ponta dum croque. Suetônio reúne nesse episódio trágico o ser humano físico e seu retrato moral em um só protagonista – o implacável tirano rendido, de mãos atadas, asfixiado por uma corda ao pescoço – nu; a cabeça puxada como um animal que irá ao sacrifício; cujo queixo é erguido sob a mira de uma espada, para que a face seja ostentada e ridicularizada publicamente.

A humilhação se consuma com excremento, a lama, a lenta tortura e a morte com lançamento ao Tibre.

Suetônio reúne nesse episódio trágico o ser humano físico e seu retrato moral em um só protagonista – o implacável tirano rendido, de mãos atadas, asfixiado por uma corda ao

pescoço – nu; a cabeça puxada como um animal que irá ao sacrifício; cujo queixo é erguido sob a mira de uma espada, para que a face seja ostentada e ridicularizada publicamente.

A humilhação se consuma com excremento, a lama, a lenta tortura e a morte com lançamento ao Tibre.

6.6. A MORTE DE DOMICIANO

Não se pode negar a Suetônio, em várias passagens das narrativas da morte dos imperadores, uma verdadeira arte de composição literária com que descreve a personalidade dos mesmos, até levá-los ao desfecho total.

A exposição minuciosa do caráter violento e muitas vezes apático e cínico dos príncipes, como é o caso do imperador Domiciano, é recheada de pequenas crônicas que, pouco a pouco vão preparando o leitor para a cena final da morte.

Selecionamos algumas passagens que refletem a índole sanguinária de Domiciano:

- mandou matar um discípulo do pantomino Paris ainda adolescente e no momento em que se achava doente

- arrancou do lugar um pai de família que dissera que um trácio era tão forte como um gladiador mas não tão forte como o que dava os jogos; foi arrastado na arena e exposto aos cães

- fez parecer muitos senadores

- aplicou nova técnica de tormentos a maior parte dos cúmplices, torturando-os e queimando-lhes os órgãos genitais.

O sentimentalismo próprio de um texto deste gênero exige do autor para o leitor, uma certa seriedade no trato desta quase ação litúrgica que precede o desespero de um condenado à morte inevitável. Mas aqui não há lugar para lembranças agradáveis, louvações honrosas formais apropriadas ao momento, ou pedidos de clemência; a narrativa é realista, sendo a impassibilidade sua essência no texto. Suetônio, com a biografia de Domiciano encerra o ciclo dos imperadores flavianos, invalidando os atos de triunfo e poder com que foram agraciados os três da dinastia, rompendo definitivamente com o último deles, Domiciano.

A narrativa se constrói, pois, funcionando como um planejamento estratégico da morte nestes termos: “de insidiarum caedisque genere haec fere diuulgata sunt”.⁶⁰

O biógrafo dissimula o conhecimento pleno da verdade sobre o que antecede à morte de Domiciano, utilizando um significativo “fere” – vocábulo que sugere restrições e dúvidas – “pouco mais ou menos” “quase” “aproximadamente”.

Na verdade este início de narrativa parece propor uma ação motivadora para a leitura do restante da mesma.

O texto avança no sentido de criar um verdadeiro suspense quando a dúvida sobre o plano de ataque é exposta nesses termos: “Cunctantibus, conspiratis, quando et quo modo; id est lauante mēne an cenante m adgrederentur.”⁶¹

Um personagem chave surge como mentor da trama que se desenrolará em breve – Stephanus – provável desafeto do imperador, por acusação de desvio de verba, e se oferece aos conjurados para assessorá-los; e para anular qualquer tipo de suspeição, assim ele simula um acidente no braço esquerdo, enfaixando-o por vários dias.

E assim prossegue a narrativa, pelo início da execução do plano: “sub ipsam horam dolonem interiecit: professusque conspiracyonem indicium et ob hoc admissus legenti traditum a se libellum et attonito suffodit inguina”⁶².

A disposição das idéias que vão delineando o cenário para a morte fatal inicia-se pela marcante tensão do momento, englobando elementos altamente trágicos: dissimulação – armadilha/traição/ódio/vingança e golpe, que combinados em perfeita parceira venceriam o desmedido poder do príncipe. Todo o planejamento do delito constitui para os conjurados, o resultado da insatisfação, da repressão e da crueldade da vítima, até então, detentora do máximo poder. Mas a fúria dos conjurados não se esgota apenas com as punhaladas. Estando

⁶⁰ eis o que se conhece mais ou menos da conjuração e do assassinato. (SUETONIO, 1993, p. 96, nossa tradução)

⁶¹ os conjurados não sabiam nem quando nem como o atacariam; se na mesa ou no banho. (idem)

⁶² à hora marcada, escondeu nas ataduras um punhal, anunciando que conhecia os indícios de uma conspiração, conseguiu introduzir-se e varou Domiciano na virilha. (idem, p. 97, tradução nossa)

Domiciano em luta contra a morte – forçado pela circunstância de ter que igualar-se a seus subalternos – foi novamente surpreendido pelos gladiadores com novos golpes de punhal.

A astúcia dos conspiradores impediu que o jovem escravo, encarregado do culto dos deuses lares, do dormitório imperial, alcançasse um punhal escondido na cabeceira, a mando de Domiciano, logo após este ter recebido o primeiro golpe.

Os carrascos já haviam se antecipado ao escravo e este nada encontrara no dormitório imperial além de uma bacia, estando também fechadas todas as portas. A narrativa ainda aponta uma disputa entre o imperador e seu algoz, como se o autor quisesse adiar a vexatória derrota do imperador, mais com a idéia de vê-lo abatido do que propriamente mostrar um jogo de força.

Eis a passagem: “atque illum interim arrepto deductoque ad terram Stephano conluctatum diu, dum modo ferrum extorquere, modo quanquam laniatis digitis oculos effodere conatur” – durante esse tempo, Domiciano que se atracara e derrubara Stephano lutou muito e muito, esforçando-se, embora com os dedos cortados, ora para lhe arrancar a arma ora para lhe furar os olhos.

É porém com a forma mais radical do rebaixamento humano que Suetônio imagina ou reproduz o rito final da morte do imperador Domiciano – “cadaver eius populari sandapila per uispillones exportatum Phyllis nutrix in suburbano suo Latina uia funeravit sed reliquias templo flauiae gentis clam intulit cineribusque Iuliae Titi filiae quam et ipsam educarat commisit”⁶³.

Martin (1991) tece algumas considerações de caráter científico, resultado da conjugação de vários fatores de análise da personalidade dos imperadores, no caso, Domiciano, a quem o autor atribuiu um comportamento estranho, que poderia talvez explicar

⁶³ Seu cadáver foi carregado num modesto caixão e por coveiros de ínfima condição. Filis, sua ama de leite, prestou-lhe as honras fúnebres, na sua casa suburbana da via latina. A seguir transportou-lhe clandestinamente os restos para o templo da família Flávia e os misturou às cinzas de Julio, filho de Tito, que ela igualmente havia criado. (SUETONIO, 1993, p. 98, tradução nossa)

seu desmedido autoritarismo: “c’est chez Domitien que l’on trouve les comportements les plus pathologiques dans le domaine des peurs engendrées par le pouvoir”.

E Martin chega à conclusão de que a causa imediata que faz cessar este perigoso fascínio pelo poder, de certa forma, tentando justificar a soberania exacerbada de Domiciano encontra-se em Sthephanus: “la conjuration de Stephanus mit un terme à l’évolution de cette pathologie avant qu’elle ne se soit manifestée par des traits de démence”.

A análise psicológica das vidas privadas dos doze biografados de Suetônio reúne elementos diversos de comportamento que não podem ser explicados apenas por enfermidade psíquica – Obviamente que estes fatos devem ser valorizados, mas segundo nosso entendimento, é preciso priorizar o homem-estadista que antes de exercer a função de príncipe, presume-se que preencha alguns critérios mínimos de convivência humana e que, portanto, seja portador de idoneidade física e moral. Os imperadores de Suetônio, segundo as fontes deste e os variadíssimos testemunhos que completam estas fontes, além de outras informações, não fornecem de forma decidida dados concretos de que algum imperador fosse demente antes de subir ao trono. É verdade que há muitas passagens alusivas a diversas enfermidades físicas, algumas até graves, de alguns imperadores – epilepsia e pneumonia por exemplo – que poderiam ter atingido o cérebro – talvez – mas isto não justifica sobremaneira a ação política desenfreada de quase todos, mesmo aceitando a psicopatia de Nero e Calígula – considerados os mais cruéis –.

Organizar e arrebanhar acordos suspeitos de estabilidade no poder, desconhecer o valor físico e moral das pessoas, tomar atitudes sobre a vida dos indivíduos com o objetivo de prejudicá-los, assumir posições políticas radicais, excêntricas e muitas vezes danosas á nação, e até mesmo ao universo, violando assim os direitos humanos, poderiam sim ser indícios de crise existencial; não é possível porem imaginar os Doze césaes, nem mesmo seis deles, atuando desta forma, porque foram alçados à condição de responsáveis pelo mundo

conhecido, grande extensão territorial e pelo aparelhamento estatal a sua disposição, o que facultava o exercício pleno do poder, num regime que fosse pelo menos próximo ao que Suetônio chamou de “concordia ordinum”. O caso específico de Domiciano merece atenção quanto a sua maneira de agir com o povo – embora possamos acompanhar essa verdade com Martin (1991) “il est vrai que Domitien s’intéressa davantage aux plaisirs du peuple” é também verdade que Suetônio registrou no capítulo décimo um procedimento desconfortável e perigoso para um governante imperial “sed neque in clementiae neque in abstinentiae tenore permansit; et tamen aliquanto celerius ad saevitiam descivit quam ad cupiditatem”⁶⁴

Examinando o texto final da narrativa da morte, sentíamos bem intensamente o sarcasmo e a ironia, quando Suetônio retrata a imagem moral do imperador, através do corpo agonizante e abandonado, depois insepulto. O esquife era modesto, em contraste com o luxo em que vivera o falecido; o coveiro representava a figura mais baixa na categoria social; a ama de leite que nenhum vínculo possuía além da subserviência ao imperador, desempenha sua função até a morte de seu senhor sendo para ele a única e última companheira. O imperador recebe as honras fúnebres na casa suburbana – enfim, ele é transportado clandestinamente.

A narrativa que se segue sobre a morte de Domiciano expõe a diferença entre as classes que compunham a realidade social do Império, de forma a prevalecer o espírito anti autocrata de Suetônio, conforme pode ser percebido ao longo da descrição.

De um lado, **o povo:**

Occisum eum populus indifferenter – “o povo recebeu a notícia do assassinato de Domiciano com indiferença”.

Os soldados:

⁶⁴ Domiciano não perseverou, porém nem no caminho da clemência nem no da temperança. Todavia se inclinou mais rápido para a crueldade do que para a luxúria. (SUETONIO, 1993, p.87)

“(…) miles grauissime tulit statimque Diuum appellare conatus est, paratus et ulcisci, nisi duces defuissent quod quidem paulo post fecit expostulatis ad poenam pertinacissime caedis auctoribus” (1993, p. 101) – os soldados, porém, com indignação, se esforçaram logo para dar-lhe o título de Divino. Ironicamente e até mesmo saboreando o prazer do desenlace do imperador, Suetônio destaca a impotência dos soldados pela ausência do líder, tanto o que acabara de morrer, como aquele líder que pudesse prestar a homenagem desejada. Desiludidos, os soldados reagem, como sempre acontece no poder quando não se consegue o objetivo, e invocam o suplicio para os autores do assassinato.

O Senado:

“contra senatus adeo laetatus est, ut repleta certatim curia non temperaret, quin mortuum contumeliosissimo atque acerbissimo adclamationum genere laceraret”⁶⁵.

O motivo pelo qual o senado manifestou sua grande satisfação pela morte de Domiciano, talvez tenha a sua origem em relação ao tratamento deselegante e até mesmo cruel que o imperador dispensava aos senadores. Citemos apenas este episódio: “Complures senatores, in iis aliquot consulares interemit; ex quibus Ciucam Cerealem in ipso Asiae proconsulatu, Saluidienum Orfitum, Acilium Glabrimonem in exílio, quase molitores rerum nouarum, ceteros leuissima quemque de causa”⁶⁶.

Examinando o texto final da narrativa da morte sentimos bem intensamente a ironia, quando Suetônio retrata a imagem do imperador através da apresentação da cena de um corpo agonizante e abandonado, depois insepulto.

- o esquife era modesto – em contraste com o luxo em que viveu o falecido.

- o coveiro que representava a figura mais baixa da categoria social substitui o funcionário imperial.

⁶⁵ O senado, pelo contrário, ficou tão alegre que não pôde impedir que se lacerasse a reputação do morto com um gênero de aclamação tão ultrajante com cruel. (idem, tradução nossa)

- a ama-de-leite que nenhum vínculo possuía além do fato de pertencer a criadagem, desempenha a sua função até a morte do seu senhor, sendo para ele sua única e última companhia.

- o imperador recebe as honras fúnebres na casa suburbana; em fim ele é transportado clandestinamente.

⁶⁶ Fez parecer muitos senadores entre os quais um bom numero de consulares, entre outros, Cívico Cereal, no seu próprio consulado da Ásia, Saluidienum Orfitum, Acilium Glabrimonem no exílio, sob o pretexto de que preparavam uma revolução. (Ibidem, p. 88, tradução nossa)

7. CONCLUSÃO

Uma tese que pretende fazer justiça a um escritor como Suetônio, cujos críticos não o reconhecem como tal, em sentido pleno, torna-se uma verdadeira pretensão pelo fato de querermos inseri-lo no seleto grupo dos historiadores de Roma. A leitura do texto “As Vidas dos Doze Césares” e o reconhecimento do seu valor fizeram com que nos interessássemos em conhecer melhor o biógrafo Suetônio e assim pesquisar o texto sob o ponto de vista da subjetividade do autor em relação ao regime autocrático.

Quando observamos a quantidade de “restrições” à obra por vários críticos dos séculos XIX e XX, nosso interesse aumenta no sentido de comentar estas avaliações, e então fazer uma nova leitura sob o ponto de vista da cultura política.

Duas críticas contundentes nos chamaram a atenção e foram buscadas, a primeira, em Cizek, citando Hermann Peter, que considerou Suetônio incapaz e alienado “ainsi Hermann Peter affirmait l’incapacité de Suétone à avoir un point de vue personnel e et à composer ses oeuvres” e a segunda, de Schanz nas palavras de Lieta di Salvo “valutò Suetonio come un modesto compilatore che lavorava senza testa, meccanicamente”.

O pequeno levantamento que organizamos pretende despertar a atenção para esta obra que reflete uma vivência histórica de uma cidade, de um povo, de uma nação, enfim, do universo, de uma maneira que expressa uma realidade pouco explorada sobretudo em relação à vida íntima dos Doze Césares o que justifica nossa intenção em aprofundar o estudo.

No nosso texto procuramos demonstrar que “Vidas” não é uma obra pequena, vazia de conteúdo, pois abre espaço para a reflexão crítica de valores sociais como a dignidade, a justiça, a probidade e sobretudo a liberdade. Seria repetitivo afirmar que as biografias de Suetônio combatem via indireta, o regime autocrata através do comportamento despótico dos príncipes, mas é preciso enfatizar essa idéia.

A riqueza temática, que agrega a história política, social e econômica do império romano como reflexo do poder autocrata, constituindo a vida pública dos Doze, se espalha também pela vida privada dos protagonistas do principado pormenorizando suas virtudes e vícios. Percebe-se claramente que a pontuação dos vícios em Tibério, Calígula e Nero por exemplo, registra a ineficiência de um poder cheio de irregularidades e desmandos, portanto inaceitável.

A fluência da linguagem transparente é a grande marca de um texto livre das amarras literárias, com uma composição abrangendo arcaísmos, helenismos e neologismos, mas preferentemente clássica pela erudição e pela inteligibilidade política no sentido de ter atingido o objetivo, legar aos futuros uma nova forma de visão de mundo, baseada nos princípios da verdade e da justiça – isto se percebe pela desnudação dos atos deprimentes de um comportamento condenável de homens que eram responsáveis pelo destino do mundo. Diante disto, e sobretudo pelo fato de que os críticos, de uma maneira geral isolaram Suetônio ao não recomendar sua obra prima – embora as gerações posteriores a tenham adotado como modelo sobretudo na Idade Média – sentimos a necessidade de, modestamente, rever a leitura dos Doze sob o enfoque político em que Suetônio se apresenta como um verdadeiro ator e age como verdadeiro autor do seu texto narrativo.

Alguns episódios das biografias de Suetônio, não deixam dúvidas de que ele intervém no seu próprio discurso – conquanto se pode concluir também que o julgamento de cada ação dos imperadores está em aberto – e que assim, a sua maneira, defende o regime ideal da convivência pacífica entre as ordens senatorial e equestre.

O segundo capítulo da biografia de Tibério, por exemplo, dispensa comentários sobre o fato de que há realmente uma censura sobre avaliação pessoal da família Júlio-Claudiana.

As biografias demonstram que o regime político ideal não comporta, e portanto, condena o uso do poder que impõe a vontade do príncipe utilizando a truculência e a prática

comum da crueldade. “multa multorum Claudiorum egregia merita, multa etiam sequius admissa in rempublicam extant” – há conhecimento de muitos serviços relevantes de vários Cláudios, mas há também muitos atos negativos para o Estado.

Outra passagem também firme, determinada e verdadeiramente digna de uma posição política em defesa da liberdade do homem encontra-se no texto final da morte de Calígula, já comentado no capítulo do mesmo nome, mas que relembremos nesta conclusão como mais um recurso a favor do comprometimento social do biógrafo: “o senado manifestou-se por unanimidade pelo estabelecimento da liberdade” – e o final do texto: “tem-se observado e notado, especialmente, que todos os Césares que traziam o nome de Caio haviam perecido pelo ferro”.

Ao rever a descrição da morte de alguns imperadores tivemos a ocasião de conhecer certos personagens de condição humilde aos quais Suetônio reservou o espaço mais nobre da narrativa – o da participação direta no fim de cada imperador autocrata, estando estes personagens na confortável condição de heróis, como se, depois de longo tempo de dominação, reaparecessem para simbolizar a liberdade do oprimido. Neste espaço cedido os atores representam inestimáveis valores repudiados pelos seus donos, e se revestem de um grande ato de dignidade e ação humanitária; atuam também como testemunhas de um processo contraditório de ações humanas – de um lado, o imperador absoluto que se serviu de tudo e de todos, e que, na última hora foi abandonado por todos – do outro lado, o homem humilde, que neste ato final é parceiro – e que serviu a todos de tudo e que agora será valorizado por todos.

Considerando que o biógrafo, explora, em alto grau, as atrocidades do poder, não duvidamos que estes personagens simples aparecem no momento da morte dos imperadores como se o regime dos poderosos estivesse sofrendo uma punição pelos desmandos, e assim tentado demonstrar a pequenez do príncipe diante de seus anônimos súditos.

A biografia de César, no relato de sua morte, menciona a presença de “três escravos” que o puseram em uma liteira na qual pendia-lhe um dos braços e o levaram para a casa.

Em Vitélio – as figuras do “padeiro e do cozinheiro” surgem como protetores do príncipe, ajudando-o na fuga.

Em Galba – depois de uma narrativa que denota uma espécie de retaliação, por parte de um liberto, Suetônio apresenta salvador para Galba – o “dispenseiro” Árgio que conseguiu enterrar a cabeça com o resto do corpo do imperador, pois ela tinha sido comprada pelo referido liberto, por cem moedas de ouro e colocada no mesmo sitio onde o senhor deste, fora assassinado por ordem de Galba.

Em Nero – temos ação das “amas-de-leite Écloga e Alexandra” que juntamente com a sua concubina Ateia sepultaram-lhe os restos mortais.

Em Óton – a morte deste imperador é lamentada por um grupo de “soldados” que o reverenciam e choram em sua sepultura.

Em Domiciano – mais uma vez é a “ama-de-leite” que o socorre, dando-lhe sepultura.

Em Calígula – mais tarde foi exumado pelas suas “irmãs” que retornaram do exílio.

A modernidade de “Vidas” coincide com a capacidade inventiva de Suetônio e sua habilidade em lidar com as fontes, e sobretudo de ter rompido com os modelos rígidos da construção biográfica.

Os direitos e princípios dos indivíduos não são apresentados por Suetônio como dogmas mas são cobrados duramente de modo a desnudar as características de um regime autocrata.

A evidencia da insatisfação, que se manifesta nas conjurações, conspirações, e motins desarma o mito de que o imperador era supremo e intocado; as técnicas aplicadas a cada um para a morte eram tão sofisticadas e tão cruéis que o próprio imperador pedia e desejava a morte.

É pois, nesta direção, que entendemos a obra biográfica suetoniana – quaisquer imperfeições de ordem técnica que tenham sido observadas (e é preciso verdadeira analisar este conceito de imperfeição) não terão importância fundamental que a mensagem do biografo nos lega: a intenção de repassar a humanidade os valores éticos que promovem a justiça social e conseqüentemente a paz entre as pessoas, ou seja, a *concordia ordinum* de Suetônio.

8. BIBLIOGRAFIA

AILLOUD, Henri. *Suétone – Vies des Douze Césars – Claude – Néron*. Paris: Belles Lettres, 1996.

ALBERTINI, E. *L'Empire Romain*. 4^eed. Paris: [s.n], 1970.

ANGELLI, M. G. Bertinelli. I Dodici Cesari dell'Historia Augusta. Apud: *Studio di Storia Antica in Memoria di Luca de Regibus*. Genova: [s.n], 1969.

BAYET, Jean. *Littérature Latine*. Paris: Armand Colin Éditeur, 1965.

BOEUVERT, G. *Esclaves et affranchis impériaux sous le haut-empire romain: Rôle politique et administratif*. Naples: [s.n], 1970.

CARCOPINO, Jérôme. *Histoire Romaine*. Paris: Presses Universitaires de France, 1950.

CIACERI, E. *Alcune osservazioni sulle fonti di Suetonio nella Vita di Augusto*. Catania: [s.n], 1901.

CIZEK, Eugen. *Structures et Idéologie dans "Les Vies des Douze Césars", de Suétone*. Paris: Belles Lettres, 1977.

CONTE, G. Biagio. *Compendio di Literatura Latina*. [S.I.: s.n.], 1994.

CROISILLE, J. M. *L'Art de la composition chez Suétone*. [S.I.: s.n.], 1970.

DALMASSO, L. *La Grammatica di Caio Suetonio*. Torino: [s.n], 1906.

D'ANNA, G. *Le idee letterarie di Suetonio*. Firenze: [s.n], 1954.

DEVIGER, H. *Claude et milices eqüestres*. [S.I.: s.n.], 1970.

ENGEL, Marie Jean; PALANQUE, Rémy Jean. *O Império Romano*. São Paulo: Atlas, 1978.

FERRERO, Leonardo. *La Litteratura Latina – Profilo e Testimonianza*. Firenze: Nuova Itália, 1960.

- FILHO, Viana Luis. *A verdade na biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1945.
- FUNAIOLI, G. *Studi di Litteratura Latina*, II 2. Barcelona: [s.n], 1949. p.178. Apud: SUETONIO. *Vite dei Cesari*. Milano: RCS Rizzoli Libri, 1968. p 28.
- GAGÉ, J. *Les classes sociales dans l'empire romain*. Paris: [s.n], 1964.
- GASCOU, J. *Suétone historien: École française de Rome*. Paris: [s.n], 1984.
- GERBOUIN, A. *Le réalisme chez Suétone*. Paris: [s.n], 1941.
- GÉZA, Alfody. *História Social de Roma*. 1ª edição. Tradução de Maria do Carmo Cary. Lisboa: [s.n], 1989.
- GRIMAL, Pierre. *La Littérature Latine*. Sixième Édition. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.
- GSEL, S. *Essai sur le règne de l'empereur Domitien*. Paris: [s.n], 1894.
- LANCIOTI, Settimo. "Introduzione". In: SUETÔNIO. *Vite dei Cesari*. RCS Rizzoli. Milano: Libri, 1968.
- LAUGIER, J. L. *Tacite*. Paris: Éditions du Seuil, 1969.
- LAURAND, L. et LAURAS, A. *Manuel des Études Grecques et Latines*. Paris: Éditions et. J. Picard et Cia, 1955.
- LEVI, M. *Nerone e i suoi tempi*. Milano: [s.n], 1949.
- LUCAS, J. *Un Empereur Psycopathe: Contribution à la psychologie du Calígula de Suétone dans L'Antiquité Classique*. [S.l.: s.n., s/d].
- MACÉ, Alcide. *Essai sur Suétone*, Paris: Ancienne Librairie Thorin et Fills, Albert Fontemoing, 1900.
- MADÉLÉNAT, Daniel. *La biographie*. 1ª edição. Paris: Puf Littératures modernes, 1984.
- MAROUZEAU, J. *Introduction au latin*. Paris: Les Belles Lettres, 1948.

- MARTIN, F. Régis. *Les Douze Césars: Du mythe à la réalité*. Paris: Belles Lettres, 1991.
- MAZZARINO. *Il Pensiero Storico Classico*. 2ª edição. Bari: [s.n], 1966.
- MICHEL, A. *Histoire des doctrines politiques à Rome*. Paris: [s.n], 1971.
- MOMIGLIANO, A. *L'opera dell'imperatore Claudio*. Firenze: [s.n], 1922.
- PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983.
- PICARD, G. Charles. *Auguste et Néron: Le secret de l'Empire*. Paris: [s.n], 1962.
- PICHON, René. *Histoire de la Littérature Latine*. 5ª edição. Paris: Hachette, 1912.
- PIPPIDI, D. M. *Autour de Tibère*. Bucarest: [s.n], 1944.
- REEKMANS, T. *La politique économique et financière des autorités dans les Douze Césars de Suétone*. Leuven: [s.n], 1977.
- ROSTAGNI. *Storia della letteratura latina*. Torino: [s.n], 1955.
- ROSTOVTZEFF. M. *História de Roma*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, s/d.
- SALVO, Lietta de. *Vita dei Cesari*. Roma: Grandi Tascabili Economici Newton, 1995.
- SOTO, López Vicente. *Vida de Los Doce Cesares*. Barcelona: Juventud, s/d.
- SOUZA, Rômulo Augusto de. *Manual de História da Literatura Latina*. Belém: Editora Serviço da Imprensa Universitária, 1977.
- SPALDING, Orpheu Tassilo. *Pequeno Dicionário de Literatura Latina*. São Paulo: Cultri, 1978.
- SUÉTONE. *Vies des Douze Césars. Tome I – César – Auguste - et tome III – Galba – Othon Vitellius – Vespasiano – Titus – Domitien*. Paris: Belles Lettres, 1981.
- SUETÔNIO. *As Vidas dos Doze Césares*. Tradução de Sady Garibaldi. 5ª edição. São Paulo: Atena, 1956.

SUETÔNIO. *Tibério Calígula*. Tradução de Oliveri Nortes Valls. Barcelona: Bosch, 1963.

SUETÔNIO [et alii]. *Biografias Literárias Latinas*. Introducciones por Yolanda Garcia; traducciones y notas de José Abeal Lopez. [S.l.: s.n., s/d].

TODOROV, T. *As Estruturas Narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 1965.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário Latino-Português*. Porto: [s.n], 1942.

VALLS, Oliveri Nortes. *Suetonio: Tibério e Calígula*. Barcelona: Boschi, 1983.

VENINI, P. *Sulla tecnica comparativa suetoniana*. Pavia: [s.n], 1975.